

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Leandro Ataíde Barbosa de Oliveira

**AULAS DE RE(D)AÇÃO NO ENSINO MÉDIO:
INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO VIA
*WHATSAPP***

Taubaté - SP

2017

Leandro Ataíde Barbosa de Oliveira

**AULAS DE RE(D)AÇÃO NO ENSINO MÉDIO:
INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO VIA
*WHATSAPP***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área(s) de Concentração: Linguística Aplicada, Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo

Taubaté - SP

2017

Leandro Ataíde Barbosa de Oliveira
AULA DE RE(D)UÇÃO NO ENSINO MÉDIO: INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO
VIA *WHATSAPP*

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área(s) de Concentração: Linguística Aplicada, Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a.: _____ Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: _____

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: _____

Assinatura: _____

A meus alunos com carinho, a mulher da minha vida e em especial a meu filho!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha mãe acadêmica, profa. Dra. Elzira Yoko Uyeno (*in memoriam*), quem estará calorosamente para sempre em meu peito, por sua paciência e seu carinho no trato com um menino graduando tão rebelde como eu era, por me apresentar a “matrix”, a AD francesa, por conversar comigo por longos períodos depois das aulas das 22h30, por ser acessível, por me levar para a UNICAMP pela primeira vez (eita memória boa!), por me convidar a trabalhar com correção de redações no Anglo Cassiano Ricardo em São José, por ter me apresentado pessoas apaixonadas pelo que fazem, por ser mentora, por tudo isso e muito mais, muito obrigado do tamanho do mundo!

À guerreira irmã Profa. Me. Jeanete Akemi Arima, por me incentivar principalmente no início do mestrado, quando meu filho havia nascido e as condições não eram favoráveis aos estudos, por acreditar em mim, pela companhia amiga em eventos acadêmicos e principalmente pelas interações/correções sempre sábias: muitíssimo obrigado!

Ao prof. Me. Luzimar Gouveia, mais do que isso, ao meu querido amigo (quem me dera fosse de infância!) pelos conselhos e pelas prosas sobre a vida, o trabalho; ao irmão das letras, a quem redige muito bem, obrigado apertado.

À profa. Dra. Eveline Mattos Tápias Oliveira, professora Eveline, por me receber e incentivar no mestrado 2015, pelo apoio no início das pesquisas, por acreditar na formação de professores com visão e intenção de intervirem em contexto educacional que, por vezes, são considerados perdidos, sou muito grato.

Também à profa. Dra. Maria do Carmo e profa. Dra. Beth, pela atenção pelos conselhos e pelas conversas ao corredor do nosso departamento de Letras, pelo carinho e pela liberdade em suas aulas, pelas leituras e sugestões na qualificação deste trabalho.

Ao prof. Dr. Carlos, que, de alguma forma, mostrou as dificuldades em se construir ferramentas computacionais voltadas para o ensino e pelos conceitos interdisciplinares.

À querida profa. Me. Marilene da ETEP faculdades, por incentivar a pesquisa e fomentar o constante desenvolvimento profissional no cotidiano do Ensino Superior, por me oferecer essa oportunidade.

À ETEP Faculdades, por proporcionar espaço inicial de minha carreira em ensino superior.

À ETEC de Taubaté e a todos colegas professores da casa, pela oportunidade de vivenciar a prática pedagógica no ensino médio, em contexto político-educacional tão vibrante.

Às professoras-coordenadoras profa. Miriam e profa. Me. (dona) Maria Heloísa, da ETEC de Taubaté, em especial, pelos ensinamentos cotidianos e práticos compartilhados, pelo carinho, pelo respeito, pela troca.

Ao Colégio Objetivo, em especial, ao mantenedor (tio Léo) Leonardo, por ceder espaço para construção do saber científico.

Ao colega professor-coordenador Geraldo, pela oportunidade de trabalhar em sua equipe, pela experiência com alunos de EM particular.

À discreta e eficaz diretora Ana do Objetivo Alfa, por acompanhar a presente pesquisa cuja pretensão é trabalhar com tecnologia no fazer docente cotidiano.

Ao colega e educador Luciano, mestrando em Linguística Aplicada de 2016, por questionar, provocar e tecer apontamentos valiosos à reflexão sobre uma prática escolar tão desafiadora que é o ensino-aprendizagem da escrita e seu entorno.

Às queridas Luciane e Aline da biblioteca do departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté (UNITAU), pela prontidão e excelente condução no empréstimo das obras.

À minha família e amigos em geral, por entender o momento recluso da prática acadêmica.

Aos professores e professoras esquecidos em minha memória terna, por sempre falarem por meio de mim, por se doarem. Suas vozes falam por mim!

À minha adorável e elegante mãe, professora por 30 anos em rede estadual, dedicada à alfabetização de muitos cidadãos do estado de São Paulo, pregadora da palavra de Deus, intercessora, protetora, minha inspiração mais basilar, seguirei seus passos!

Ao meu pai, agradeço o legado deixado: a “vontade louca” de viver e de mudar.

À irmã mais bagunceira e doida que tenho, curadora de animais indefesos, anjo da guarda de tantos trindadeiros, guardo a singela frase de *Alice in the wonderland* “...the best people are...”, por seu imenso coração inspirador, te amo!

À mulher mais linda que existe, Paula Oliveira e sua Nárnia perene, minha *everlasting* namorada, por ficar me esperando até tarde para dormir, por suportar

situações de estresse e pressão do cotidiano com tanta elegância, equilíbrio e sabedoria; pelos gestos de profundo amor e incentivo, quando me senti desanimado; por ler meus artigos, meus trabalhos acadêmicos e discuti-los comigo. Te amei, amo e amarei! Obrigado!

Por último e, muito especialmente, agradeço à orientadora que me adotou desprendidamente, que me aguardou, que me ouviu antes de pontuar, que me deu liberdade para (re)formular um desejo de pesquisa que fizesse sentido a uma prática docente angustiada, a minha alma cotidiana escolar; pela condução estimulante a todo momento; pela presença constante e prontidão em trazer textos, conceitos, para compor as reflexões nesta pesquisa e em outras; pelo cafezinho aconchegante no Chicão (nó na garganta)... À queridíssima profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo, meu último e terno agradecimento.

[...] falta de adesão às atividades pedagógicas, a desvalorização da carreira docente comentado pelos docentes enunciativos pela sociedade em geral têm sido tão repetidos que correm o grande risco de serem naturalizados pelos participantes do universo escolar [...] (UYENO, 2014)

RESUMO

Existe uma discussão sobre as tecnologias no ensino-aprendizagem na escola: Afinal elas devem ou não ser incluídas no projeto político-pedagógico, ou seja, as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) devem ser permitidas ou proibidas? Ao nosso ver, não se trata de permitir ou proibir, pois discussões como essa parecem que sempre existirão. Cabe-nos compreender as regras do jogo posto neste cenário por meio de suas formações discursivas (FD), uma delas, específica e predominantemente, denominada nesta dissertação FD Digital. Talvez esta possa ser uma das saídas para se posicionar neste contexto escolar. Assim, quando se pensa em usar o aplicativo *WhatsApp* (AWA) em algum momento dos processos de ensino-aprendizagem de redação escolar, nesta dissertação, não significou encontrar uma técnica geral e aplicável em todos os casos, significou refletir sobre o uso de tal artefato. Esta pesquisa originou-se, a partir da observação cotidiana do ofício de ensino-aprendizagem de escrita e da necessidade de (re)agir frente à nova realidade que se instalou no âmbito escolar e social pelas transformações geradas pelas NTIC. A presente dissertação analisou diálogos pelo AWA entre professor e estudantes do Ensino Médio (EM) de uma escola privada em uma cidade do interior de São Paulo. Alguns resultados encontrados por meio das experiências diárias foram: o modo de influência do AWA na relação professor-aluno, o manejo discursivo para gerar efeitos de sentido diversos, o silêncio ou a não participação dos alunos em grupo, a abertura de espaços individuais e/ou pequenos grupos extraclasse. Foi curioso notar que alguns alunos não responderam ao professor pelo AWA, apesar de se demonstrarem abertos a isso tanto presencial quanto virtualmente. Isso significa dizer que, mesmo no contexto histórico (Digital ou Informacional) em que se considere “natural” o adolescente dialogar pelo AWA, a aparência desse real homogêneo evidenciou-se desmembrada em múltiplos momentos no transcorrer desta pesquisa, o que demonstre a heterogeneidade no uso do AWA entre professor e alunos.

Palavras-chave: Discurso Digital; *WhatsApp*; Re(d)ação escolar; Ensino Médio.

ABSTRACT

There is a discussion about technology in the teaching-learning processes at school: After all, they should or should not be included in the pedagogic-political project, in other words, the new information and communication technologies (NTIC) should be allowed or prohibited? In our view, it is not a question of allowing or prohibiting, for discussions as these seem they constantly will arise. It is up to us (teachers) to understand the rules of the game set up in this scenario by means of its Discursive Formations (FD), one of them, specifically and predominantly, denominated in this dissertation FD Digital. Perhaps this can be one of the ways out to position ourselves in the school context. Thus, when thinking about using the WhatsApp application (AWA) at some point in the teaching-learning processes of school writing, in this dissertation, did not mean finding a general technique and applicable in all cases, it meant reflecting on the use of such an artifact. This research, then, originated from the daily observation of the teaching-learning profession of writing and the need to (re)act before the face of the reality that has been installed in the school and social environment by the transformations generated by NICT. The present dissertation analyzed dialogues by the AWA between teacher and students of the High School (EM) of a private one in a city of the interior state of São Paulo. Some of the results found in the daily experiments were: the influence of the AWA on the teacher-student relationship, the discursive management to generate different meaning effects, the students' silence or non-participation, the opening of individual spaces and/or small extraclasses groups. It was curious to note that some students did not respond to the teacher through the AWA, despite being open to it presently and virtually. This means that, even in the historical context (Digital or Informational) in which the adolescent seems natural to dialogue through AWA, the appearance of a homogeneous real has been dismembered in multiple moments in the course of this research, which demonstrates the heterogeneity in the use of AWA between teacher and students.

Key-words: Digital Discourse; WhatsApp; Educational (Re)action; Essays; High School.

LISTA DE SIGLAS

NTIC - Novas Tecnológicas de Informação e de Comunicação

FD - Formação Discursiva

DG - Discurso Digital

DP - Discurso Pedagógico

AWA - Aplicativo *WhatsApp*

EM - Ensino Médio

AR - Aula de Redação

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

IA - Isca de Atenção

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

MEC - Ministério da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
CAPÍTULO 2: CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: A AULA DE REDAÇÃO, O <i>WHATSAPP</i> E AS MENSAGENS ENTRE PROFESSOR E ALUNO	42
2.1 – CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: AULAS DE REDAÇÃO E DIÁLOGOS PELO APLICATIVO <i>WHATSAPP</i>	42
2.2 – O aparelho celular	53
2.3 – O <i>WhatsApp</i>	55
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO PELO <i>WHATSAPP</i>	63
3.1. O JOGO ENTRE PROFESSOR VIDENTE E ALUNOS FUJÕES: SILÊNCIO DO <i>WHATSAPP</i>	63
3.2. PROFESSOR E ALUNO NO <i>WHATSAPP</i> , “ARMARINHO DE INTIMIDADES”	104
3.3 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE DOS REGISTROS DO CORPUS	144
REFERÊNCIAS	148
GLOSSÁRIO	153
ANEXOS	154
Anexo 1 – Roteiro da Aula de Redação 2015	154
Anexo 2 – Diálogo com Aluno 2 (completo)	155
Anexo 3 – Diálogo com Aluna 3 (completo)	158
Anexo 4 – Diálogo com Aluna 4 (completo)	168
Anexo 5 – Comitê de Ética	173

INTRODUÇÃO

Antes desta pesquisa, o aplicativo *WhatsApp* (AWA) já era usado cotidianamente na interação professor/aluno, mas não havia ainda objetivos didáticos no seu uso. Como é um aplicativo que captura o sujeito, sobretudo os mais jovens, pensamos em usá-lo para fins didáticos. Assim, parti do pressuposto de que o AWA pode contribuir com o ensino/aprendizagem da produção de texto na escola. Desse modo, o objetivo da pesquisa é investigar de que maneira o AWA se coloca no desenvolvimento do trabalho de produção de texto escolar, considerando a interação entre professor/aluno. Para o encaminhamento da pesquisa, levantamos as seguintes perguntas de pesquisa: (1) De que maneira a interação por meio do AWA entre professor/aluno se dá de forma a levar à melhor qualidade a produção textual do aluno? (2) Qual é o jogo discursivo e de poder que se coloca na relação professor/aluno pelo AWA?

Mesmo que o termo interação remeta à teoria da comunicação e à linguística textual, ele está sendo usado, nesta dissertação, considerando as relações assimétricas entre professor e alunos.

O corpus da pesquisa é constituído por: (1) mensagens de AWA, trocadas entre professor e alunos, coletadas por *prints* e transcrições em tabela; (2) anotações do professor-pesquisador sobre fatos ocorridos em sala de aula ou extra-sala; (3) anotações do professor-pesquisador sobre conversas coletivas ou individuais com os alunos.

Por vezes, quando assisto a palestras, entrevistas, em que educadores, geralmente de altos cargos no País, falam sobre como deixar a aula mais atrativa ao aluno, como ouvir a “demanda” interna do aluno, penso que, se não me aprimorar, pesquisar sobre o manejo das tecnologias digitais e da atenção, por exemplo, estarei fechando os olhos para realidade escolar à minha volta; penso que, se a abordagem simplista e até ignorante sobre o professor persistir em continuar, será ainda mais difícil atraí-los para aula.

Por outro lado, estaria fechando os olhos também se não considerasse a relação fazer docente, tempo e dinheiro, pois, ao mesmo tempo, percebo que algumas falas ou práticas que atualmente circulam na nossa sociedade tentam tratar o fazer docente como se ele fosse exclusivo do discurso neoliberal. O inspetor que

marca o cumprimento de horário chegada e o crachá para “bater o ponto” servem para apenas monitorar o início do nosso trabalho na escola e deixam escapar, propositalmente ou não, o horário de saída e o trabalho extra-sala de aula. Quando refletimos o tempo e esforço empreendido por professor e alunos nesta pesquisa e no cotidiano escolar, percebemos que tal prática não se traduz em cifrões, ela abarca a (do)ação e certamente o cifrão. A prática do professor envolve recursos financeiros – que se mostram insuficientes para uma vida digna em grande parte dos casos –, porém ela não se limita a isso. Considerar o caráter doador desta função e atribuir-lhe tal *status* trará contribuições positivas sobre disso, dentre elas, o respeito.

No contexto escolar ou em qualquer outro, quando usamos as tecnologias, não nos consideramos usuários, nós as usamos sem nos dar conta. Esse parece ser um processo de naturalização que caminha em paralelo a elas a depender do contexto sócio-discursivo ao qual estão inseridas. Nesse sentido, deixamos de notar, sob as influências do capitalismo e, mais especificamente ainda, dos aplicativos e artefatos do digital, que somos todos consumidores em algum momento. Isso não é diferente na relação professor-aluno.

Inicialmente, este pesquisador buscou aproximar-se das supostas vantagens veiculadas e inerentes ao AWA, porém, no transcorrer do projeto de pesquisa, verificou-se o contrário. Ressaltamos que esta dissertação aborda a tecnologia como parte dos processos didáticos e não como central ou ponto de grande mudança. Na análise, fica evidente que ela (tecnologia) não apresenta resoluções ontológicas para as relações entre professor e alunos. Haja vista a coletânea dos primeiros resultados, em que o silêncio foi a resposta destoante do discurso tecnológico – aquele que prega as “maravilhas” dos aplicativos.

Em uma Aula de Redação (AR), os Discursos Pedagógico e Digital (DG) se misturam, e notamos que, na interação pelo AWA, isso ocorreu de semelhante forma. A prática docente é amparada pelos PCN, dentre outros documentos legais e assim, a expectativa é de que seus direcionamentos sejam cumpridos no cotidiano de uma AR, por exemplo.

Os PCN de Língua Portuguesa para Ensino Médio preconizam que a linguagem

[...] é considerada [...] como a **capacidade humana** de articular **significados coletivos** e **compartilhá-los**, em sistemas arbitrários

de representação, que variam de acordo com as **necessidades e experiências da vida em sociedade**. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a **produção de sentido**. (BRASIL, 2000, p.5, *grifos meus*).

Pode-se perceber claramente que Linguagem tem como finalidade principal a “produção de sentido”, mesmo que já se saiba, por meio de estudos linguísticos, que o sentido é dependente, além do contexto sócio-histórico, do(s) enunciator(es) e/ou enunciatário(s). Dessa forma, sem que se considere a *formação subjetiva* do aluno durante o ensino-aprendizagem do Português como língua materna, especificamente a escrita, provavelmente haverá implicações, tal como o *assujeitamento* dos alunos à ideia do bem comum, “dos significados coletivos” e de seu compartilhar. É irrefutável a relevância da coletividade, contudo, em se tratando de Linguagem, é adequado que se considere o sujeito, pois é preciso que haja a *identificação do sujeito com o universal* (PÊCHEUX, 2014 [1988]).

Outra observação em relação à citação acima é o termo “produção de sentido” como razão da Linguagem. Ele poderá ser refutado pelo conceito de sentido nesta pesquisa, sem contar que as “necessidades e experiências” da vida em sociedade são constituídas pelo subjetivo, o olhar subjetivo e único, marca do ser humano. Na mesma página dos PCN de onde foi extraída a citação acima, linhas abaixo, o documento continua destacando a função coletiva da linguagem, “sua herança social”, e a construção de sentido. Não restam dúvidas quanto à natureza social, coletiva da Linguagem; todavia, nota-se certa ausência da perspectiva da Linguagem como subjetivadora cuja função também é permitir ao aluno problematizar os “modos de ver ‘a si mesmos e o mundo’” (BRASIL, 2000).

O texto dissertativo-argumentativo no Ensino Médio (EM) geralmente requer a elaboração de enunciado que expresse o posicionamento, *posição-sujeito*, frente à dada temática. Não é somente a simples comunicação e produção de sentido; principalmente nesse gênero textual, a *posição sujeito-escritor* precisa levar seu interlocutor em consideração. Nesse contexto específico, a linguagem precisa ser concomitantemente o elemento central para a produção de sentidos, em AD *efeitos de sentidos*; juntamente com a *subjetivação*, pois, sem a deflagração da subjetivação, a *posição-sujeito* poderá ser tomada descuidadamente. Sem o posicionamento diante de temas, o estudante provavelmente não irá produzir *sentido* que convença a si próprio dentro do *jogo discursivo* em que se insere.

Então, como os temas propostos são intensamente inspirados nos temas dos exames de acesso para o Ensino Superior, os “vestibulares” como são denominados, eles abarcam certo grau de aclamação (hiper)midiática, de audiência. Por isso, alguns sujeitos-alunos lutam contra dada angústia para colocar sua voz em meio a temas, normas e convenções coletivas. A elaboração de temas e atividades de escrita, se o assunto/tema escolhido está sendo comentado ou falado entre as pessoas de modo geral, tanto dentro como fora dos domínios das (hiper)mídias, acaba tornando-se um espaço discursivo para dar voz ao indivíduo-aluno.

As tecnologias, especificamente as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), passaram a ser frequentes e predominantes em algumas instâncias da vida em sociedade urbana contemporânea.

Nesse sentido, a linguagem escrita é tecnologia – antiga/anterior, mas é. Tendo em vista que a tecnologia é fator que aumenta a capacidade humana, verificou-se que os PCN tratam dessa questão quando tratam do código e das Novas Tecnologias da Informação (p. 11 e 12). Dessa maneira, o texto, *textus*, tecido ou trama, apresenta, seja qual for a abertura para aplicação de técnicas, de modos/maneiras de se organizar as informações/os dados, os conhecimentos, os enunciados, etc. Apesar de citar a referência do famoso pesquisador russo Bakhtin, não foi feita menção a um dos detalhes cruciais sobre a Linguagem: o seu (des)controle. Embora Mikhail Bakhtin tenha considerado o contexto histórico-social e a menção de luta no processo (inter)ativo, é necessário se considerar o *resto*, o *inconsciente*, como fator constitutivo no cenário “comunicativo”.

A atividade de escrita dissertativo-argumentativa, por isso, é percebida por este pesquisador como uma abertura de se constituir a si mesmo e de interpretar o mundo, pelo menos àquele a sua volta. Porém, o contexto escolar é permeado de apagamentos em relação às atividades de ensino-aprendizagem do texto escrito argumentativo. No caso de escolas públicas, por exemplo, muito pouco se trabalha a escrita. Em Riolfi & Igreja (2010), é (d)enunciada uma que avança às instituições escolares: fingir que se ensina e se aprende a escrever dissertativa e argumentativamente. Nas escolas particulares, o apagamento acontece quando falta entendimento sobre o trabalho com a (re)escrita por parte da direção ou da chefia; ou quando o recurso financeiro para ler e interagir por meio de bilhetes escritos (correção) nos textos dos alunos afora a aula não é disponibilizado. Em escolas particulares, onde geralmente o desempenho dos alunos é muito bom em exames

redação, costuma-se contratar estagiários, formandos em Letras, para serem “corretores” para atender ao trabalho de correção dos textos dos alunos.

Como é sabido, a prática da linguagem escrita dissertativo-argumentativa pode ser (des)controlada e também é atravessada pelo discurso socioeconômico. *Grosso modo*, o aluno, tanto de rede particular como de rede pública, quer estar pronto para escrever em exame de qualquer prova para o Ensino Superior. No ensino-aprendizagem da escrita escolar de EM, é inevitável esbarrar na postura adotada pelos envolvidos em relação à preparação para os exames de entrada ao Ensino Superior. Assim, atrelado ao discurso de ordem educacional, há o aspecto social, as famílias, os amigos, etc., dos alunos e eles próprios interferindo nas aulas cuja finalidade é garantir uma vaga em um bom curso de uma boa instituição de ensino superior e, posteriormente, o suposto sucesso profissional. Dessa maneira, a batalha inerente a essa prática docente acontece entre o pedido de adestramento de um aluno para um exame de vestibular. Logo, verificam-se indícios do jogo de poder de ordem social e econômica. Além dessa expectativa por parte do sujeito-aluno e de sua família, “herda-se socialmente” a linguagem (PCN, p. 11); então, há de se trazer para a discussão o discurso socioeconômico que altera, os principais dentre outros aspectos: 1) o tempo de retorno do professor para o aluno sobre seu texto; 2) aquilo que faz o aluno hierarquizar dentre as disciplinas a mais relevante; e 3) o alto número de horas semanais trabalhadas pelos professores de EM.

Dentro de tal contexto, esta pesquisa naturalmente originou-se, a partir da observação cotidiana do ofício ensino-aprendizagem de escrita e da necessidade de (re)agir frente à realidade que se instalou no âmbito escolar elencados acima. De tal forma, a justificativa desta pesquisa é a seguinte: face à temática/problemática tão complexa, propor meio de interação entre os sujeitos envolvidos na produção textual em vez de se adotar a “vista grossa¹”, a ignorância das dificuldades em detalhes do ofício ensino-aprendizagem da escrita dissertativo-argumentativo.

Durante as AR, as etapas que as constituíam foram alteradas, pois observou-se que alguns alunos demonstravam não se apropriar dos argumentos, mas apenas imitar os argumentos dos colegas ou mesmo do professor, dos textos e materiais

¹ Ao iniciar a pesquisa no final de 2015, de fato, o principal aspecto motivador fora a presença do aplicativo nas AR, nas conversas de corredor da escola, o aluno ou aluna que ficava só de corpo presente na sala; contudo, em outubro de 2016, ao pesquisar sobre linguagens de programação e códigos para descobrir qual era a linguagem/código específico que o *WhatsApp* usa, deparei-me com artigos internacionais que já tratavam da temática, tal como: “*WhatsApp* Goes to School: Mobile Instant Messaging between Teachers and Students” dos pesquisadores Dan Bouhnik and Mor Deshen, da universidade de BIU (Bar Ilan University).

para discussão; os alunos pareciam não passar pelo trabalhoso processo de leitura e reflexão. Pareciam não se atentar para a apreensão discursiva possível por meio de outras disciplinas dadas na própria escola e a fazer a interdisciplinaridade. A nosso ver, não se integrava a escrita às outras disciplinas oferecidas pela escola; não parecia que os conteúdos das disciplinas eram ou poderiam ser interligados/interdependentes. O movimento de apropriação do discurso do outro não acontecia, e os problemas/resultados eram, segundo nossa perspectiva, mascarados, bem como os posicionamentos apresentados em discussão apareciam em todos os textos dos alunos pela falta de tempo ou pelo interesse em conduzir toda a turma homogeneamente. Além disso, pareceu-me, naquele contexto, que todas as atividades das AR eram pensadas e desenvolvidas para a turma, de modo homogêneo e não heterogêneo. Havia o processo de correção, e esse era individualizado, porém os alunos adolescentes, constantemente interpelados por este professor, demonstravam pouco interesse nos recados das folhas de redação deixados pelo corretor ou professor/corretor.

Então, temos como objetivo refletir se essa nova tecnologia poderá auxiliar no processo de escrita escolar do jovem aluno. Nesta pesquisa colocasse o novo suporte tecnológico em dúvida ao se questionar se ele é a solução para os males escolares. Por outro lado, pode-se considerar que as NTIC, o AWA, devem ser dispensadas e talvez nem sejam dignas de ser pesquisadas. Então, para nos posicionarmos em meio às vozes que tratam dessa temática, esta dissertação utilizou o aporte teórico da AD francesa, especificamente os principais conceitos: formação discursiva/discurso, sujeito/ *posição-sujeito*, *(re)significação*.

Logo, a partir de um contexto como esse, pergunta-se: o AWA pode contribuir positivamente com a relação professor alunos no ensino-aprendizagem de redação no EM?

Sobre o sujeito digital é preciso tratar neste estudo que ele é aquele que “usa” AWA com familiaridade, que nem concebe como estranho seu uso. Assim, há como dizer que o sujeito-usuário do AWA tenha se filiado à FD digital, pois ele usa, melhor dizendo, vive essa tecnologia em seu cotidiano. Assim como o aluno que antes deveria se posicionar frente a um tema de redação, o sujeito-aluno-digital também precisará se posicionar na FD digital.

Esta dissertação organiza-se em três capítulos. No primeiro capítulo, foi feita a fundamentação teórica e a apresentação dos conceitos necessários para análise

do corpus. No segundo capítulo, o corpus foi delimitado e apresentado, levando em consideração a Aula de Redação (AR), o AWA e o aparelho de celular na AR e, último elemento, a interação professor-alunos. No terceiro capítulo, enfim, foram feitas as análises das mensagens trocadas por professor e alunos pelo AWA.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ilustrativamente, há de se considerar a lição apreendida, na narrativa de Pêcheux, na abertura de sua obra *O discurso: estrutura ou acontecimento* sobre a história de um velho marxista que trabalhava sem querer escutar ou se atentar às novas descobertas ou ferramentas que lhe traziam. Ele trabalhava com suas velhas porcas sem roscas e pedia para não ser importunado pelas pessoas que lhe abordavam. Diz o texto, “gente de todo o tipo” tentava se aproximar para apresentar novas porcas, sugerindo talvez poder contribuir positivamente, contudo, ele se recusava a escutar ou parar para ver as novas porcas com roscas que lhe eram trazidas (PÊCHEUX, 2015 [1988]).

Assim, este professor-pesquisador deseja fundamentar teoricamente esta dissertação, aplicando o ensinamento na história escrita por Peucheux (2015[1988]) de modo oposto ao do velho marxista, porque ele trabalhava sem se abrir para o novo e sem obter resultados “positivos”. Nesse sentido, o que pretendemos é refletir o novo que se apresenta na relação contemporânea entre professor e aluno diante da entrada social dos aplicativos, especialmente o AWA.

A presente fundamentação teórica elenca os conceitos de AD francesa a serem usados na análise do corpus. No contexto contemporâneo, o discurso sobre o digital ou eletrônico interferem na relação professor-alunos nas AR. Desse modo, importa transpor os conceitos teóricos para interpretar o novo real posto na relação professor-alunos, no cotidiano escolar.

No artigo *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade*, de Eni Puccineli Orlandi, a discussão aplaca levemente a angustiante incapacidade de se interpretar o novo na relação professor-alunos. Nesse artigo, a autora retoma uma reflexão que fizera do livro *Cidade dos Sentidos*, dizendo que, nos anos 80, a novidade era deixar o mundo de fora entrar na escola e, nos anos 90, era levar a escola para a rua para refletir sobre o picho e o *rap*, por exemplo. Atualmente, segundo ela, a questão é o digital que precisa ser incorporado.

Complementamos: o digital já está na escola e na rua, pelos celulares, no AWA e em outros aplicativos. Falta-nos compreender como lidar com o DG e o AWA no espaço escolar, pois ele não só está na escola, como a escola está nele. No

contexto da sala de aula, percebemos que o discurso digital já interfere nas relações nesse espaço. Então, se o DG, o AWA ou outro aplicativo age sobre a relação entre professor e alunos no cotidiano na AR como devemos, especificamente como professores e alunos, reagir, agir e redigir pelo AWA?

O Discurso eletrônico surge pelo impulso da automatização da coleta e organização de dados para o censo de 1890 nos EUA, a saber: “Estabeleciam-se circuitos elétricos através das perfurações em cartões de papel e os dados eram assim computados de forma rápida e automática: eletricidade e automação, eis o início da máquina inteligente.” (ORLANDI, 2013, p.12). A tecnologia filiou-se à ciência na busca de quantificar por meio dos “cálculos perfeitos” e pela ilusão de eliminar os equívocos de linguagem na tentativa de se viabilizar o corpo perfeito ou de se comunicar perfeitamente. Assim, sob o efeito da ânsia de perfeição e velocidade, pode-se dizer que o discurso eletrônico ou DG cria o efeito de “avanço” da inteligência artificial e das realidades virtuais, traduzindo atividades em velocidade.

O DG ou eletrônico cria a ilusão de que, pela tecnologia (aparelhos celulares, *tablets*, impressões 3D etc.), podemos (quase) tudo: “viver sem fronteiras”, “ter o mundo nas mãos” etc. As sensações de onipotência, onipresença, completude são constantes, e, pelo DG, cria-se a ilusão de que o corpo possa (quase) tudo ou de que isso seja possível de se alcançar pelas técnicas ou pela ciência. Essa ilusão é fomentada e veiculada pelas propagandas em revistas, sites ou blogs, como é o caso do AWA. É possível notar o manejo discursivo para venda de tecnologia, no artigo *Valores sócio-culturais e estéticos em propagandas de aparelhos celulares divulgadas no Brasil de 1998 a 2007*, da pesquisadora Claudete Moreno Ghiraldele. Por essa pesquisa, pôde-se observar o funcionamento discursivo para venda do celular e funcionamento discursivo Digital para venda do AWA operam de modo semelhante, exceto pelo AWA inserir animais domésticos (cachorro, pássaro etc.) e imagens do próprio aplicativo para referir às funcionalidades (falar gratuita e, livremente, enviar documentos, gravação de áudio etc.). Nesse ponto, nota-se que “com a popularização do uso de aparelhos celulares, as propagandas já não se valem tanto de pessoas conhecidas publicamente” (GHIRALDELO, 2008, p.10); e, no caso, do AWA, pela análise do site e blog oficial, nota-se a intensa gestão dos dizeres e a postagem da imagem do próprio aplicativo e/ou aparelho celular. Pela “extinção do monopólio estatal de telefonia, em 1999” (GHIRALDELO, 2008, p.7), as

propagandas passam a eleger usuários de baixo poder aquisitivo, além daquele de mais poder aquisitivo.

Antes de se abordar as noções relacionadas aos efeitos do Digital, apresentaremos os conceitos de AD francesa, os quais serão discurso, sujeito, acontecimento, estrutura discursiva, formação discursiva/formação ideológica e linguagem.

O conceito de discurso que adotamos nesta pesquisa é “uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade.”. E “essas práticas são descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.” (FOUCAULT, 1970, p. 50).

Assim, a materialidade do discurso: “se dá no contato do histórico com o linguístico” (PÊCHEUX, 2015 [1988], p. 8), pois é nesse entrecruzamento que se pode atribuir sentidos ou produzir efeitos de sentido aos enunciados. Pode-se perceber por esse contato o modo como se fala/escreve sobre determinados enunciados, como determinados enunciados se materializam, a (des)semelhança entre eles, as regularidades de “talhe estável” e instável. Em vez de conceber que um objeto é mais real que outro, mais adequado é assumir que existem “vários tipos de ‘real’” (PÊCHEUX, 2015 [1988], p. 8) para evitar replicar a resposta “deixem-me trabalhar em paz” na ilustração sobre o “velho marxista” de abertura deste Capítulo.

A noção de acontecimento caracteriza-se como sendo uma trama global, simulando que todos veem, sabem ou querem saber e participam ou querem participar. A noção de acontecimento se figura no embate de forças entre retomadas, deslocadas, invertidas (PÊCHEUX, 2015 [1988], p. 19-20). Atualmente, as relações cotidianas em AR ou pelo AWA aproximam do conceito de acontecimento.

Foucault também diz que o acontecimento

[...] não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é ato nem propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. (2015[1970], p.54).

Ademais, o acontecimento deveria ser concebido, segundo o filósofo, como o materialismo do incorporal e ser acrescentado às suas condições de produção a casualidade (o acaso). Esse conceito é relevante para esta dissertação para analisarmos as mensagens de AWA e verificar se há de fato acontecimentos cotidianos como efeito da FD Digital, pois, por essa FD, o acontecimento pode ser usado como instrumento de disputa pela atenção dos sujeitos.

A *estrutura discursiva* é composta pela multiplicidade das “técnicas” de gestão social dos indivíduos, as quais visam a: marcá-los, identificá-los, compará-los, fazê-los sonhar ou delirar, atraí-los, etc. (PÊCHEUX, 2015 [1988], p.30). A definição de “estrutura discursiva” me ajuda a compreender o que ocorre na relação professor-aluno via AWA, nas trocas das mensagens. Entendemos a “estrutura” como um *espaço discursivo* que comporta as lógicas disjuntiva e coercitiva, pois é no *espaço administrativo discursivo* que a lógica disjuntiva e a coerção se apresentam. E, por “coerção”, entende-se a necessidade inegável (2015, p. 34) de aparência e de unidade, balizada por evidências lógico-práticas como um objeto “x” não pode estar em duas localizações diferentes; ou o mesmo objeto não pode ter relação com a propriedade “S” e “não-S”; ou, ainda, um acontecimento “Z” não pode ao mesmo tempo acontecer e não acontecer. Assim, é nos *espaços discursivos* (2015, p.31), também chamados de espaço de necessidades equívocas (2015, p.33), que a estrutura se mostra, que as lógicas disjuntiva e coercitiva cumprem seu papel; misturam-se coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais. Exemplo disso é a evidencia nos capítulos de análise desta dissertação de que os alunos ficaram motivados pela possibilidade de ter um grupo no AWA para sanar as dúvidas no primeiro momento, porém, depois de algumas semanas e até meses, eles não interagiram conforme suas comemorações pelo grupo de AWA ou, então, até brincaram uns com outros. Nesse caso, pela lógica coercitiva os alunos não poderiam “ficar felizes pelo grupo” sem postarem suas dúvidas ou interagirem pelo AWA, entretanto, pela lógica disjuntiva, essas atitudes dos alunos podem ser explicadas.

Pêcheux (2015 [1988]) faz uma chamada sobre a necessidade de aparência. Ele aponta o próprio corpo humano e afirma que existe uma distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento. Pela transposição da noção pecheutiana, nota-se que há a necessidade de aparência no espaço discursivo na interação entre professor e alunos pelo AWA. A

exemplo disso, há a discussão sobre as tecnologias no ensino-aprendizagem na escola, pois afinal elas devem ou não ser incluídas no projeto político-pedagógico, ou seja, as NTIC devem ser permitidas ou proibidas? Ao nosso ver, não se trata de permitir ou proibir, pois discussões como essas parecem que sempre existirão. Trata-se de compreender as regras do jogo pela FD Digital para se posicionar nesse contexto. Quando se pensa em usar o AWA para o ensino-aprendizagem de redação escolar, nesta dissertação, após a análise do corpus não significou encontrar uma técnica geral e aplicável em todos os casos. Alguns alunos não interagiram em nenhum momento com o professor, apesar de demonstrarem-se abertos a isso, tanto presencial quanto virtualmente. Isso significa dizer que, mesmo em contexto histórico (Digital ou Informacional) que pareça “natural” que o adolescente dialogue com seu professor pelo AWA, a aparência de um real homogêneo foi desmembrada em múltiplos momentos no transcorrer da pesquisa para realização deste trabalho.

Assim sendo, os conceitos de AD francesa serão apresentados e, a seguir, eles serão integrados às noções sobre as tecnologias digitais e/ou eletrônicas e seus efeitos.

“Formação ideológica” e “luta de classes” foram conceitos aproximados por Althusser e, assim, nessa relação, a marca dominante/dominado é evidenciada. Em síntese, ideologia são representações e atitudes de uma classe social; e, como vários grupos sociais coexistem, existem também várias ideologias. Nesse sentido, podemos entender que ideologia é a “visão” sobre o mundo que predomina para dada classe social; ela é o modo como ela (classe social) compreende ou organiza a ordem social. Para Althusser, a formação ideológica, doravante FI, não se prende a momento histórico e se materializa nas FD. A ideologia interpela o indivíduo em sujeito. Desse modo, cabe-nos tratar do conjunto de mecanismos que estão envolvidos no processo de interpelação ou subjetivação (ideológica) do indivíduo em sujeito. O processo de interpelação envolve os seguintes aspectos: (re)conhecimento ou desconhecimento das condições de existência e de realidade (sujeito interpelado pela ideologia); a ilusão do sempre “já-sujeito”/sujeito como origem do seu dizer (apagamento do funcionamento ideológico); a nomeação das coisas pela palavra para atribuir ou possuir significação como evidência (nomeação para construir sentido); o efeito de que somos sempre já-sujeitos, ou seja, antes de nascermos, pois a criança ao nascer já tem um nome de família a herdar e será

insubstituível; ser (somos) sujeitos inseridos nos “rituais práticos da vida” (como nos cumprimentos). Enfim, “só existe ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, s/d, p. 93), porém os agentes (indivíduos interpelados em sujeito) da FI operam ou (re)produzem seus posicionamentos pelos Aparelhos Ideológicos de Estados, posteriormente AIE, os quais não são constituídos de “ideias”, mas de práticas. Os AIE são exemplos mais comuns as instituições sociais de diversas ordens, tais como: escolas, hospitais, famílias etc. (ALTHUSSER, s/d).

Para Pêcheux, o sujeito é silenciosamente provocado pela ideologia a posicionar socialmente e a acreditar em sua liberdade (2014 [1988]). As evidências produzidas pelo e no processo de interpelação acontecem pela linguagem e influenciam “a imagem que os sujeitos têm de si, das condições sociais nas quais estão inseridos e da linguagem, percebida como domesticável” (SILVA, 2009, p.176).

Sendo assim, a noção de linguagem nesta dissertação será integrada às de FI e FD. A linguagem é determinada pela ideologia em última instância e, a esse processo, Pêcheux denomina FI ou *condições de produção do discurso*. As condições sócio-históricas necessárias para a emergência de um discurso e as condições imediatas da enunciação (do surgimento de um texto seja oral ou escrito); a linguagem é o meio pelo qual os discursos se materializam (1990). Por conseguinte, para AD só AD, linguagem não é somente simples troca de informações, código ou apenas base do pensamento ou sistema comunicacional; ela é prática social de um sujeito, ela constitui (e se constitui) (n)os aspectos social, histórico e ideológico. Ainda, “a linguagem é a passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras” (ORLANDI, 2007, p. 70).

A FD está no enunciado foucaultiano “sempre em segundo plano (da materialidade linguística, do que é dito), mas dominante” (FOUCAULT, 1987, p.175). A FD é entendida como um aglomerado de saberes sobre determinado objeto, tendo em vista que sempre há mais ou menos saberes (des)conhecidos sobre um (grupo de) objeto(s), os quais apresentam seus meios de circulação. Ela (FD) é “relacionada ao conjunto de regras que permitem formá-las como objetos de um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico.” (FOUCAULT, 2009, p. 53). A FD é assegurada pelas regularidades enunciativas e estas a determinam; assim, na malha enunciativa, tais saberes se (re)fazem, se

repetem nas práticas sociais. Cabe ressaltar que regularidade não “se opõe a irregularidade” (FOUCAULT, 1987), pela lógica disjuntiva, elas podem coexistir.

Ademais, é na FD que as marcas dos embates das forças praticadas por grupos sociais podem ser vistas pelos embates que transformam a sociedade; ela é “espaço de dissensões múltiplas” (FOUCAULT, 1987, p. 175), e, ao se tratar de práticas discursivas, faz-se necessário manter as oposições entre sujeitos. Pelas práticas sociais, alguns saberes são postos em circulação e outros não; alguns são silenciados, outros esquecidos e até apagados. Desse modo, os sentidos na sociedade se modificam.

O sentido não se faz sem o *sujeito* e o *sujeito* não se constitui livremente na formação discursiva, pois, para Pêcheux (2014 [1988]), a materialidade linguística é determinada pelas proposições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual “as palavras, expressões e proposições” ou materialidade linguística (p.146) são produzidas. Desse modo, o sentido pode ser entendido como uma formação complexa, dinâmica e cambiável entre (f)atores internos e externos. Ademais, é possível detectar uma FD “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, [e] determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2014 [1988], p.147). Em síntese: o sentido se constrói com “as palavras, expressões, proposições etc., [que] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.” (p. 160).

O sentido depende do sujeito e do silêncio. Assim, podemos dizer que

o sentido é múltiplo porque o silêncio é constitutivo. A falha e o possível estão no mesmo lugar, e são função do silêncio. Presença (meyen em grego = dizer) e silêncio (mutus em latim = mudo) se enrolam no mesmo acontecimento de linguagem: o significar (ORLANDI, 2007, p. 71).

Orlandi afirma que o sujeito estabelece necessariamente um laço com o silêncio e que ele (sujeito) reinstaura o silêncio necessário ao sentido falando.

Pelos pressupostos teóricos da AD, em Orlandi [2007], o silêncio não fala, ele é; o silêncio significa. Ele tem primazia sobre as palavras. Para autora, há silêncios múltiplos, como o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, etc. Existem alguns tipos de silêncio a saber: o silêncio fundador e o político.

O silêncio fundador é a própria condição da produção de sentido, ou seja, esse silêncio não depende das palavras para se ter seu sentido recuperado, pode-se construir sentido por meio da observação direta do silêncio. Ele não é vazio, “ao

contrário ele é o indício de uma instância significativa.” (ORLANDI, 2007). Nessa perspectiva, o vazio passa a ser um tipo de horizonte e não a falta de algo.

O silêncio político é o silenciamento que se insere mais facilmente na noção sócio-histórica do que se pode dizer e do que não se pode dizer. Esse tipo de silêncio trata da relação política do silêncio com o mundo, o que pode ser entendido como apagamento no contexto pós-ditadura no Brasil em que se dizia “Nova República”, apagando o período anterior; interdição do dizer; e censura. Ainda, “o silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 74).

Trazendo essas considerações teóricas para o tema de nossa pesquisa de Mestrado, afirmamos que o AWA é, ao mesmo tempo, suporte e uma técnica. Concebemos o uso do aplicativo de modo disjuncional, provocando ruptura sobre a aparente neutralidade técnica ou ideia de simplesreceptáculo de texto, áudio ou imagem. Pela FD digital, em seu contexto prático de uso, por exemplo, há o apagamento de suas linhas de programação, de suas estratégias para alocar as funções para capturar de modo mais efetivo a atenção do usuário etc. Escolhas que foram feitas pelos idealizadores do aplicativo e que constantemente são feitas pelo corpo técnico da empresa responsável pela manutenção do aplicativo mostram sua parcialidade.

A fim de esclarecer a FD Digital, a qual buscamos destacar na análise das mensagens pelo AWA, ilustrativamente trazemos uma comparação entre tecnologias e técnicas que pertencem a outras FD, como os assentos em um ônibus de circulação por volta de 1990, no Brasil, no estado de São Paulo, quando grande parte deles era virada de frente e facilitava o diálogo entre passageiros em público, em comparação com os poucos assentos nos vagões do metrô da capital Paulista nos dias atuais, o que parece buscar priorizar o fluxo e a quantidade dos passageiros pelos os espaços para ficarem em pé, o que provoca ausência de diálogo entre os passageiros nesse transporte público urbano. Por essa comparação, a velocidade e o espaço (ou sua limitação) indicam uma mudança na organização dos corpos e conseqüentemente das técnicas e tecnologias nesse contexto. Ainda, podemos pensar sobre o aparelho de correção ortopédica que se mostra de diversos modos, como efeitos do saber médico, ao longo da história da humanidade, desde 2830 a.C., com a imobilização tipo tala encontrada em uma múmia egípcia, a segunda metade do séc. XX, com a haste intramedular introduzida

pelo alemão Gerhard Kuntscher (KARAM & LOPES, 2005, p. 2-3). Ainda como exemplo de técnicas de FD, temos a disposição dos bancos em dupla de colégios religiosos tradicionais, marcas do saber educacional, no início do século, XX no Brasil (FOUCAULT, 1987); ou a caligrafia, evidenciando a cultura logocêntrica etc. ou seja, o posicionamento de objetos (bancos de ônibus, vagões de metrô, salas de aula) define o dos corpos dos sujeitos, das pessoas. Portanto, transpondo esse raciocínio sobre os objetos para aos *gadgets*, dever-se-ia considerar as funcionalidades tecnológicas que em certa medida são funcionalidades (sociais) na tela ou no layout de seus aplicativos que interferem as relações humanas, como é o caso das “iscas de atenção” do AWA, analisadas no final deste Capítulo.

As características oferecidas no site ou blog oficiais do AWA devem ser levadas em consideração para a compreensão dos efeitos de sentido no uso do aplicativo na sociedade. Devemos refletir sobre como o AWA entrou para as sociedades. Por que a ausência de propaganda, a ilusão da segurança criptografada? De que modo a disposição das funções na tela contribuem para o objetivo uso do aplicativo?

Pensá-lo, nesta dissertação, como um espaço que constitui as condições de produção para as mensagens entre professor e alunos é aproximar-se da definição de Orlandi: “os sentidos são determinados pelas condições de produção, nesse caso, pelo modo como o espaço enquadra o acontecimento urbano. Para nós, enquadrar significa aqui determinar o espaço de significação, em sua materialidade”. (2010, p. 13). O enquadramento dos enunciados no espaço urbano da pesquisadora Orlandi pode ser traduzido de uma materialidade histórica da era digital a ser comparado na tela do AWA. Sendo assim,

o espaço (urbano) é o enquadramento dos fenômenos ou práticas que acontecem na cidade. Estamos, assim, considerando o espaço como parte do acontecimento discursivo urbano. Portanto, não se trata nem do espaço empírico, nem do espaço concreto, material, em si, mas desse espaço material que significa, que tem sua historicidade: espaço de significação, afetado pela interpretação, pela ideologia, em que sujeitos vivem. O que nos leva à distinção de espaço empírico, espaço concreto, material e espaço de significação (ORLANDI, 2010, p.12-13).

Portanto, para melhor aproximação da noção de espaço urbano nos termos do trecho acima nesta dissertação, basta substituímos os léxicos “na cidade” por “no

AWA”, “urbano” por “digital”, “sujeitos vivem” por sujeitos “digitam” e “gravam” para compreendermos os enunciados analisados nesta dissertação.

O AWA não é o primeiro, e certamente não será o último, programa de troca de textos ou de similar função. Seu simples formato pode mostrar as multiplicidades de técnicas de gestão da atenção do sujeito, que visam a conquistar a atenção de seus usuários e, conseqüentemente, o corpo (FOUCAULT, 1987).

O domínio dos corpos se dá de modo discreto, pois a FD digital, assim como todas FD, é dominante e silenciosa, é parte de seu dispositivo constitutivo esconder-se por meio de estratégias, tais como a mudança de foco, o disfarce, seja por uma mudança de *layout* ou por manejo dos dizeres em meios de circulação como *sites* e *blogs* oficiais pelos dizeres “segurança criptografada” e “fale livremente” (*WhatsApp*, 2015). Nesse sentido, afirmamos que a atração da atenção dos corpos dos usuários é uma economia que a empresa *WhatsApp*, comprada recentemente pelo *Facebook*, pratica por meio de cálculo preciso do poder para conduzir o usuário ao “consumo” do aplicativo AWA e, assim, o poder da empresa é exercido sobre o usuário. Sendo assim, a relação professor/aluno pelo AWA é (res)significada e permeada pelo atravessamento do DG, evidenciando, assim, as relações de poder entre professor/aluno/aplicativo. Como nos esclarece Foucault, onde há relação entre sujeitos, há poder, se há poder na AR ou no AWA, nota-se que há um alvo da empresa produtora do AWA: a atenção de cada sujeito-usuário e o controle de seu corpo.

Além disso, a FD a qual se inscreve a relação professor-aluno é específica, cabe denominá-la como FD pedagógica. FD pedagógica são as condições de produção que regulam os discursos e o saber-fazer dos agentes escolares em uma dada época. A partir de Bertoldo (2003), podemos transpor sua reflexão sobre o DP em LA e exemplificar algumas características desse Discurso. A primeira delas é que o Discurso Pedagógico, doravante DP, viabiliza a transmissão de conhecimentos e, para sustentar-se, ele constrói um regime de verdade para si. Para Bertoldo, o DP recontextualiza as teorias que julga pertinentes à formação do aluno e, assim, o professor “se posiciona no discurso de sala de aula como porta-voz autorizado da LA, tomando a si a incumbência de divulgar os conhecimentos produzidos na área e nessa mesma operação” (2003, p. 162). Nessa análise, o autor aponta alguns mecanismos do funcionamento discursivo pedagógico, dos quais, o principal é a narrativização, pois narrar significa aquele que viu ou que sabe. Nesse artigo, o

pesquisador transcreveu a aula de um(a) professor(a) de LA e todas as estratégias a seguir ocorreram atreladas à narrativização. Resumidamente, alguns mecanismos são: a narrativização, pois o narrador traz aquilo que ficou em sua memória, narrando o que viu ou o que sabe; o expurgo da experiência dos alunos, porque o professor é quem tem o estatuto suficiente para afirmar o que julga ser verdadeiro; o efeito (papal) de articulador entre teoria e prática; o argumento de autoridade (institucional), endossado pela voz institucional como creditável para dizer e autorizar a dizer; a função de “angariar outros adeptos à ‘doutrina’ da LA” (BERTOLDO, 2003), o que se assemelha ao papel do professor das diferentes disciplinas no EM, por exemplo, em angariar “seguidores” adolescentes no EM – ainda mais, jovens que estão prestes a escolher os cursos de graduação. Tal pesquisa aponta minuciosamente alguns outros elementos de construção do DP, contudo, nos são suficientes apenas aqueles listados até aqui.

Nesta dissertação, entendemos que o controle do corpo dos usuários é consequência do consumo, pois as empresas visam ao lucro, à venda, e, para isso, valem-se de diversas estratégias, como as “iscas de atenção” do aplicativo *WhatsApp*, as quais serão detalhadas e analisadas mais adiante, ao final deste capítulo, para tornar o usuário capturado, assujeitado, dependente do aplicativo.

A FD Digital traz as marcas do embate de poder sobre os corpos, o que se manifesta na materialidade linguística por buscar controlar as falas de seus usuários pelas horas, pelos minutos e pelos segundos. Estendendo o pensamento de Foucault para o tema de nossa pesquisa, dizemos que é dividindo, redistribuindo, fracionando a atenção do sujeito-usuário que se domina o corpo (1987). A atenção dos sujeitos é fracionada, disputada na relação professor-aluno, ou, até mesmo, na relação AWA-aluno. Historicamente, fracionar tem seus registros bem conhecidos, como em “dividir para reinar”, *divide et impera*, do governador romano César; *divide ut regnes*, de Filipe II da Macedônia e do imperador Napoleão; ou a IV estratégia do livro *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, que aconselha dividir as forças inimigas; ainda na história da repartição da nação judaica em cinco convenções por Aulo Gabino, fato exposto na obra: *A guerra dos Judeus*, de Flávio Josefo. Para esta pesquisa, há o fracionamento da atenção do aluno, do tempo, do espaço discursivo. O instrumento de dominação que se evidencia pelas “iscas de atenção”, denominado *força da tela* (BUZZATO, 2010), disputa com o fazer pedagógico em todas as

interações que possam haver: na AR presencial ou pelo AWA, no texto a ser feito extraclasse.

Aluno e/ou professor é parte do funcionamento da FD Digital e, pelas suas práticas discursivas, exerce poder e, ao mesmo tempo, resiste a ele. Assim, a noção de sujeito digital, exposta no artigo *Sujeito digital: sentidos de um novo paradigma*, da pesquisadora Cristiane Dias, é apresentado inicialmente a comparação entre dois sujeitos, o sujeito constituído no contexto das mídias analógicas de massas e o sujeito talhado no contexto das mídias digitais, consequência das redes de memória e de uma comunicação mediada pelo computador (CMC). Para o contexto do primeiro tipo de sujeito, a comunicação pode ser tida como neutra, independente do sujeito que poderia ser visto como mero receptáculo de informação. No segundo modelo comunicacional, o sujeito é parte constitutiva (DIAS, 2013). O sujeito digital tem o aspecto “informacional como essencial a vida” e produz-se assim um novo tipo de subjetividade que tem “a máquina como determinante das relações sociais” e produzem o imaginário da completude e do sentido (DIAS, 2013, p.53). Esse imaginário de completude é tomado pela autora como base para estabelecer um novo paradigma informacional na constituição da sociedade, do conhecimento e do sujeito. Segundo Dias, sujeito digital é “a figura polimorfa do sujeito informacional, imortal, do imaginário pós-humano, aparece de diversas formas e constantemente” (2013, p. 52). Para ela, o sujeito digital deixa impresso em sua prática discursiva sua vontade de vencer os limites do tempo, do espaço e do próprio corpo – alcançando assim, a imortalidade. O imaginário pós-humano é a concepção, apontada por alguns teóricos, que indica uma mudança evolutiva da espécie humana pela tecnologia como extensão do ser humano, é a ciborgização do corpo humano – ideia cunhada principalmente após a segunda guerra (SANTAELLA, 2003, p.31). Contudo, a característica mais marcante do sujeito digital ou informacional para a pesquisadora é a inversão do imaginário comum pós-humano, ou seja, em vez de homem-máquina, ela propõe a constituição máquina-homem. Costuma-se pensar a máquina como extensão do corpo humano e não o contrário, parece que, para Dias (2013), a máquina, o aplicativo, exerce poder e estabelece certo tipo de relação de poder com o sujeito. Desse modo, cabe afirmar que, para a pesquisadora na rede de memórias (FD Digital), o sujeito não é mais receptáculo e ignorado, como no modelo comunicacional neutro típico do *mass-media* analógica, o sujeito pode passar a ser

assujeitado pela máquina. Assim, o que levou a autora a refletir e propor a inversão máquina-home foi

o modo como o discurso sobre as tecnologias digitais individualiza o sujeito. Esse discurso vai desde aquele que concerne ao uso de aparelhos móveis da esfera cotidiana (celulares, câmeras fotográficas, *tablets*, *notebooks* etc.), jogos, até o uso de aparelhos mais sofisticados como as impressoras 3D, a exemplo da reportagem da revista Info, e os robôs.

A questão fundamental ao pensar sobre esse modo de individualização do sujeito pelo discurso sobre as tecnologias digitais é compreender a posição desse sujeito na sociedade (DIAS, 2013, p. 48).

O artigo faz uma breve análise da cena do filme *2001, Uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick, em que um primata golpeava um esqueleto de um quadrupede com um pedaço de osso com toda violência. Nessa cena, o longa apresenta um ponto de virada na evolução da espécie, pois o osso passou a servir como arma e interferia na relação de poder entre o grupo de primatas. Em contraste a essa cena, se o filme for visto, pode-se perceber que a obra traça um paralelo com uma tripulação espacial que vivia como extensão de um computador chamado HAL, porque as decisões eram tomadas por ele e as atividades dessa ordem foram terceirizadas a ele (HAL). Nas cenas no espaço, HAL tinha consciência e passou a ter vontade de controlar os homens daquela tripulação e, por isso, teve de ser desligado porque inclusive matou alguns dos tripulantes. Então, a inversão de Dias é uma analogia às duas situações citadas, ou seja, geralmente, pensa-se na máquina ou tecnologia como extensão do homem e não o inverso. Todavia, tanto a ordem “direta”, homem-máquina, quanto essa inversão, máquina-homem, serão adotadas para composição e análise do corpus nesta dissertação.

Pelo que estamos denominando de “discurso eletrônico”, a linguagem e o conhecimento são tratados como dados, sendo que, segundo Pêcheux (2015 [1988], p.87), a informação é efeito de linguagem e uma de suas propriedades. Diferentemente da perspectiva da comunicação imparcial (*mass-media* analógica), a qual poderia ser livre de equívocos, o DG (rede de memória) conta com o sujeito no processo de (res)significação (DIAS, 2013). Assim, o dado ou a informação é (des)construído pela linguagem, pois o DG impõe que o sujeito participe (passiva ou ativamente) da construção do sentido (DIAS, 2013).

Pela expressão “ferramenta de busca”, mais especificamente pelo léxico “ferramenta”, o funcionamento discursivo digital indica que o usuário pode acessar

informações de que precisa, bastando apenas saber procurar via ela (ferramenta de busca), mesmo que, no momento da pesquisa, os algoritmos recuperem as informações da última busca do usuário para sugerir ou elencar os endereços eletrônicos (sites) como resultado final e isso mostre que é o usuário que estabelece o objetivo da busca. Assim, o sujeito permanece no centro da construção de sentido no DG. Ainda, se analisarmos brevemente a palavra “ferramenta” (de ferramenta de busca), podemos notar a imitação do aspecto sólido de um instrumento físico (tecnologia) e a tentativa de se aproximar do real. O que se afirma dessa “ferramenta” segundo o senso comum? Tudo o que está na internet pode ser encontrado pelo ou no *Google*, “*google it!*”. A DG reduz tanto o conhecimento como a linguagem à dado, pois dado representa a máquina (algoritmos, aplicativos etc), o não-humano, a perfeição.

Se as linguagens de programação fossem perfeitas, por que precisaria de atualizações ao longo de seu uso? Por que a *ErLang*, linguagem de programação usado no AWA, é uma inovação ao permitir modificações e ajustes enquanto o serviço de entrega/recebimento de mensagens é cumprido no caso do aplicativo *WhatsApp*? Como são algoritmos, alguém precisou escrevê-los e, se foram escritos, alguém precisou escolher o que eles iriam produzir, executar? Assim, se se decidiu programar para procurar algo primeiro em detrimento de outra coisa, por exemplo, ou apresentar os resultados de uma busca, poder foi exercido, pois escolha implica em relações de poder.

O aplicativo *WhatsApp* pode parecer um suporte neutro que comporta a troca de mensagens por meio de textos, áudio e imagens; porém, em uma cultura urbana, atravessada pelo DG, parece que tal aplicativo faz parte da própria vida do “usuário”. Uma pessoa que anda pela rua a pé e outra de ônibus experimentam de modos diferentes a atividade de atravessar a rua. “São condições de produção diferentes. São diferentes características da ambiência.” (ORLANDI, 2010, p.13). Portanto, os efeitos de sentido alteram-se conforme o suporte, o meio, por onde ocorreu a troca de mensagem.

O termo “usuário” é estranho para se refletir sobre um discurso que constitui o “estilo” de vida que os alunos em ambiente urbano de modo geral vivem. A maioria dos usuários, dos alunos-usuários ou dos professores-usuários, tem o celular como extensão do corpo, ou, pelo menos, uma parte essencial da sua vestimenta. Ao sair de casa, muitos podem esquecer a carteira com os documentos, mas não o celular.

Se, em uma AR, a energia elétrica cai, e, suponhamos que a bateria do celular de algum aluno esteja indica “nível baixo”, ele (aluno) ficaria a procura de uma tomada para tão logo reconectar-se à vida, vida-virtual. Nós não usamos, vivemos a tecnologia; os alunos não usam *WhatsApp*, eles vivem *WhatsApp*.

Estamos frente aos efeitos e às regras do discurso eletrônico ou DG em sala de aula, como diz Orlandi (2013). Tanto professor quanto alunos vivenciam as interferências cotidianas das NTIC (Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação), dos aparelhos celulares, dos aplicativos, da necessidade de se fazer visível e visualizar o outro pelas redes sociais. Esse é o pano de fundo da relação professor-aluno na contemporaneidade.

Há momentos em que o sujeito-aluno é “usado” pela tecnologia. Algo ainda mais contundente sobre isso é quando em jogos digitais ou nos aplicativos de rede social usam o corpo como console. Exemplo disso são os movimentos do sujeito-usuário que precisam seguir os de um “avatar” dançarino em um jogo do Kinect ou do Xbox 360 são prova disso. No artigo *Sujeito digital: sentidos de um novo paradigma*, da pesquisadora Cristiane Dias, um jogo denominado *you are the controller*, do Xbox 360, trata o “sujeito-jogador” como um periférico do videogame, evidenciando uma inversão na relação entre máquina-homem (DIAS, 2016, p. 55-56). Assim, Dias afirma, pelo próprio nome do jogo, que o jogador é o controle (controle remoto) em contraposição a ideia de ele estar no controle. Transpondo esse raciocínio para o contexto de AR, professores e alunos se assujeitam, tornam-se servos da tecnologia. Exemplo disso é quando o aluno não se dá conta de que estava a trocar mensagens e o professor de AR lhe convida repentinamente a interagir (participar) da AR. Ou ainda: quando a desatenção persiste, mesmo após uma convocação do professor para o aluno (negociação da presença).

O espaço discursivo que se constrói no e pelo AWA são parte do funcionamento da FD digital. O homem como extensão da máquina e vice-versa é efeito de sentido criado pelo DG, e este fiska os sujeitos pela possibilidade (ou ilusão em alguns casos) de vencer o próprio corpo frente aos limites tempo, espaço e conhecimento. Para Moghri, os discursos sobre informação e com isso o DG estão integrados ao da *globalização*². Assim, para ele, o discurso de globalização é:

² A process of similarity and integration of human in the worldwide (awareness or ignorant) under influence of increase and extension of information and communications technology, and compaction of time and space.

Um processo de similaridade e integração do humano no mundo (conscientes ou não disso) sob a influência do aumento e extensão das tecnologias de informação e comunicações, e compactação do tempo e espaço.

Globalização como removedora de barreiras geográfica, social e política criou integração facilitada de pensamentos e ideologias. Então, todas as teorias e pensamentos no mundo tentam dominar uns aos outros. (2012, p.1, tradução minha)

Desse modo, existe uma vontade de verdade para cada tempo histórico, a qual se configura em coexistência com os saberes em circulação, vigentes, num determinado período histórico. Logo, por vontade de saber (disciplina ou campo do conhecimento), entende-se que “é aquilo requerido para a construção de novos enunciados.”, ou seja, “para que haja disciplina, é preciso que haja a possibilidade de formular e de formular indefinidamente, proposições novas.” (FOUCAULT, 1970, p.29).

A vontade de saber apoia-se nas instituições e reforça práticas discursivas de áreas como a pedagogia. “Ela é também reconduzida, mas profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber (disciplina) é aplicado em uma sociedade (comunidade escolar urbana), como é (des)valorizado, distribuído (ou negado), repartido (ou ignorado) e de certo modo atribuído.” (FOUCAULT, 1970, p.17). O exemplo apresentado pelo filósofo para explicar um princípio da cultura grega clássica é sobre o ensino-aprendizagem da aritmética e o da geometria. A aritmética deveria ser ensinada a todas as cidades democráticas, pois trata da desigualdade; no entanto, a geometria, somente às oligarquias, pois demonstra as proporções na desigualdade. Tomamos esse exemplo para a análise do corpus de nossa pesquisa, a fim de compreendermos o que é deixado de fora com a interferência do AWA na relação professor-aluno.

Como dito anteriormente, FD é *espaço discursivo* e, assim sendo, o poder no DG tem suas peculiaridades e aplica-se ao sujeito pelo manejo da atenção; ilusão da completude do sujeito; efeito global do acontecimento; superação tempo/espaço; incorporação do homem pela máquina. Por isso, a interpelação dos “indivíduos em sujeitos-falantes, em sujeitos de *seu* discurso” (p.147) se dá pela enunciação, ou seja, o sentido se dá pela *formação ideológico-discursiva, discurso* e pela *base*

Globalization with removing geographical, social and political barriers has created facility integration of thoughts and ideologies. So, all theories and thoughts in the world try to dominate on others. (MOGHRI, 2012, p. 1).

(linguística), ou seja, para a materialização de um discurso em texto, é preciso a língua(gem) e o silêncio.

Antes de tratar da tomada de posição frente a um determinado tema, é relevante se destacar que o silêncio significa, ou seja, tem sentido (ORLANDI, 2007). Como professor e aluno do EM, sujeitos dos discursos predominantemente pedagógico e digital, a não resposta em uma interação pelo AWA pode ser determinante para esta pesquisa.

Nesse sentido, o tema de uma redação exige dos sujeitos-alunos do EM a tomada de posicionamento, no momento da escrita do texto dissertativo-argumentativo.

Seria mais fácil tratar as mensagens trocadas no AWA e suas interferências na relação professor-aluno como produto acabado. Ora, nem “as” ou “uma” AR, nem as mensagens de AWA são acabadas, fechadas. A AR é envolta em leis, práticas históricas que dizem como ela deve (ou deveria) ser; práticas históricas que dizem como era (passado), é (presente) e como possivelmente ela deverá ser (futuro). Também o texto é unidade de sentido constituído por processos em que um enunciado dialoga com outros enunciados, seus efeitos de sentido podem ser construídos de diversos modos a depender do sujeito-leitor, seu contexto sócio-histórico e os discursos que lhe atravessam.

Do mesmo modo, os aplicativos, como o AWA, e as interações que nele acontecem não são acabados, ao contrário, são inacabados; precisam de manutenção em sua implementação ou na própria estrutura; abarcam em si textos/diálogos que às vezes são formalmente iniciados, contudo, quase nunca encerrados; podem ser (res)significados a depender do contexto sócio-histórico pelo sujeito-usuário; encobrem debaixo de sua aparente homogeneidade de cores e contornos ergonômicos, linhas de programação, do dizeres e não dizeres; encobrem por trás de seus nomes, *Facebook*, *Instagram*, *Telegram*, extinto *Orkut* e o *WhatsApp* a força do consumo sobre as almas de sujeitos-usuários, disputados enquanto usam, vivem, suas vantagens oferecidas.

Todo aplicativo tem um ciclo de vida e pode ser modificado (PRESSMAN, 1995), isto é, ter suas funções alteradas de modo a ajustar detalhes para o cumprimento de seu objetivo. O aplicativo se adaptará ao que o fabricante impõe como consumo, o qual se manifesta nas palavras repetidas, nos áudios gravados e nas fotos tiradas ao longo da sua *timeline*, as quais podem eventualmente vir a ser

automaticamente organizadas e tematizadas para serem repostadas em datas ou períodos importantes, de acordo com perfil criado (MATTOS; CIARALHO, 2012). Para se manterem dominantes no mercado consumidor de mídias, os aplicativos precisam praticar o chamado *brand resarch*, pesquisa de marca, que é um meio de obtenção de informações sobre seus usuários-clientes (KRUTZ; FERNÁNDEZ, 2009). Por esta perspectiva teórica, é fato que um tipo de vigilância ou jogo panóptica(o)³ digital estabelecida(o) entre máquina (aplicativo) e usuário ocorre em amplo número de aplicativos, por exemplo, o “deus” *Google* ou em especial o AWA.

Assim sendo, foi feita uma análise sobre o *layout* do AWA, considerando algumas características próprias de seu acesso pelo celular e pelo PC. O arranjo dos recursos visuais na tela do AWA indica haver mecanismos de captura da atenção dos usuários, distribuídos pela tela do AWA, aos quais chamaremos de “iscas de atenção” (daqui para frente IA) para chamar e prender a atenção do usuário. A seguir, como exemplo, será postada a reprodução da tela ilustrativa do AWA, tirada do site oficial e sem edições (figura 1).

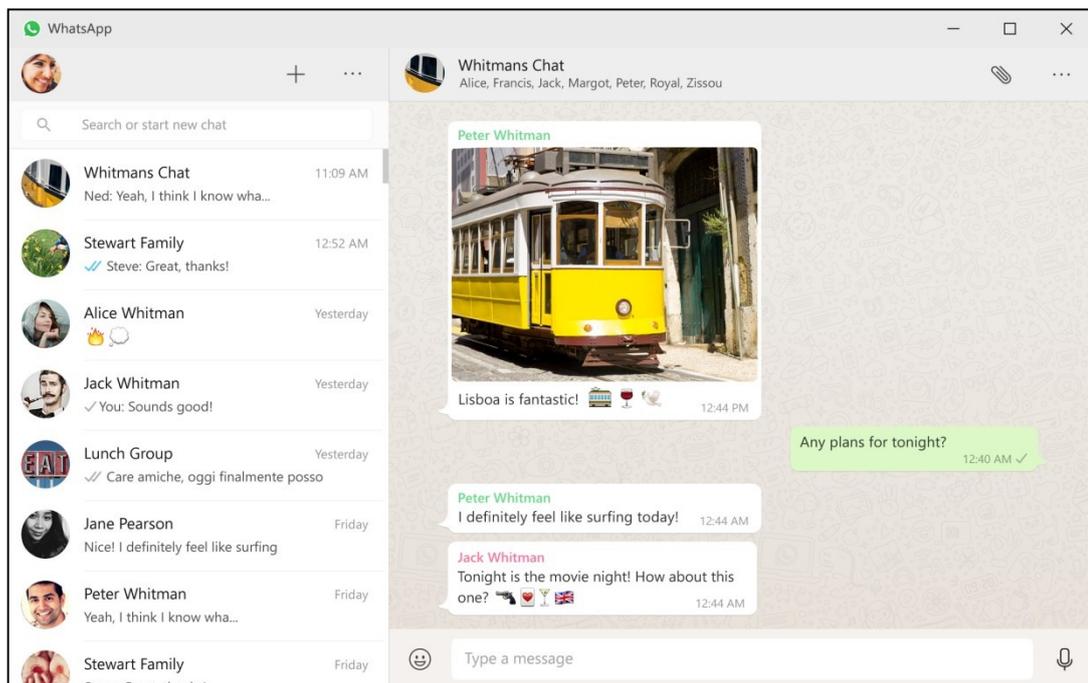


Figura 1 - Tela do WhtasApp no PC (WhatsApp, 2017)

³ Panóptico é o mecanismo de vigilância tratado pelo filósofo Michel Foucault (1987). Nas eleições de 2016 a ferramenta de busca citada provavelmente não apresentou todas as opções de candidatos/partidos de igual modo a todos seus usuários, tendo em vista que cada usuário recebe mais *inputs* em sua tela daquilo que digita e busca. Exemplo simples: quando se procura por itens para sua casa, o aplicativo ajusta as propagandas conforme últimas buscas.

A fim de facilitar a visão global das IA, foram feitos *prints* da tela do AWA apresentados a seguir. A figura 2 traz quatro *prints*, com 10 IA marcadas/indicadas por setas vermelhas, as quais serão analisadas.

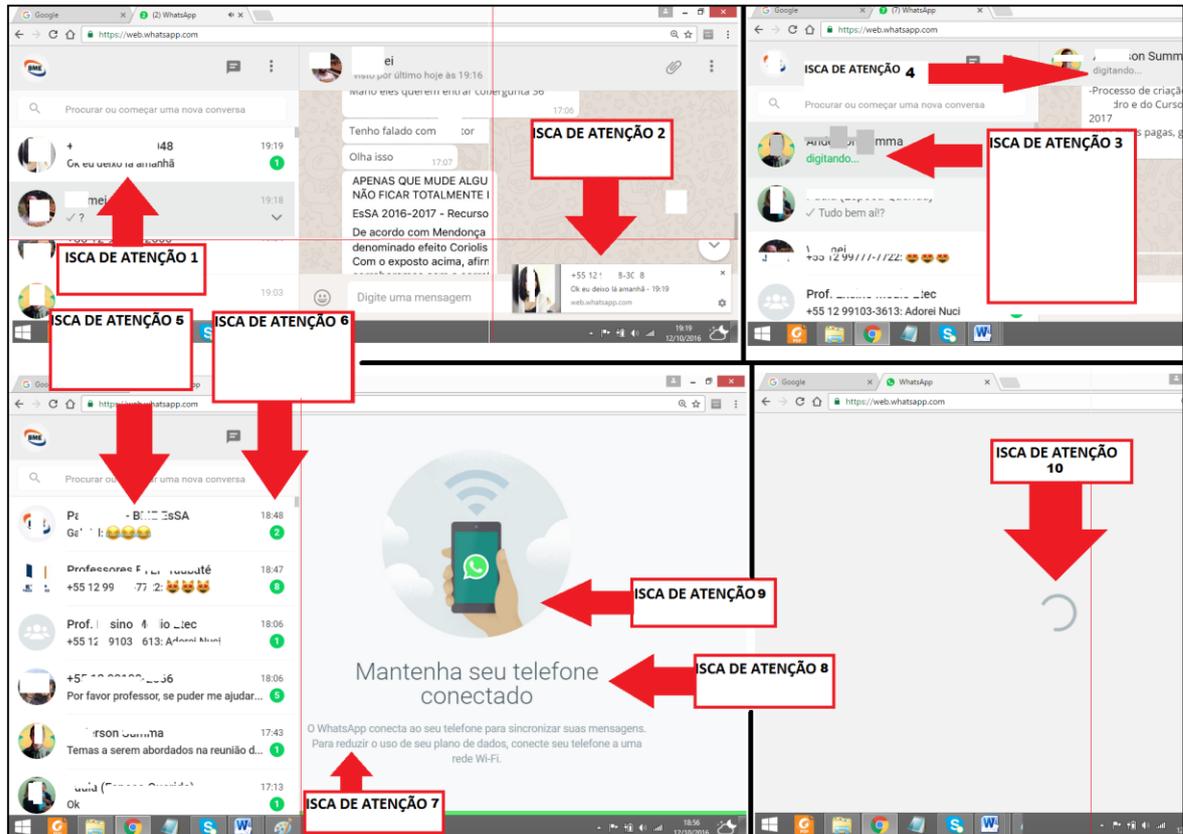


Figura 2 - Iscas de atenção para sujeitos-usuários (PC/celular)

A tabela abaixo lista as 10 dez IA de acordo com a figura acima.

IA	Descritivo	Tela: PC ou Celular
IA 1	Lado esquerdo superior da tela: mensagem não lida.	PC / Celular
IA 2	Lado inferior direito: imagem do interlocutor.	PC
IA 3	Lado esquerdo superior, em cor verde: aparece o dizer “Digitando...”, quando o interlocutor está preparando uma resposta.	PC/Celular
IA 4	Lado direito superior, em cor cinza e piscando, aparece o dizer “digitando...”, quando o interlocutor está preparando uma resposta.	PC/Celular
IA 5	Lado esquerdo superior, juntamente a IA1, há a possibilidade de se ver o que está escrito na última mensagem recebida.	PC/Celular
IA 6	Lado esquerdo, próximo à IA1, em cor verde: bolinha numerada marca a quantidade de mensagens recebidas de cada interlocutor.	PC/Celular
IA 7	Lado direito, ao centro da tela: aparecem os dizeres “O WhatsApp conecta ao seu telefone para sincronizar suas mensagens. Para reduzir o uso de seu plano de dados, conecte seu telefone a uma rede Wi-Fi.”.	PC
IA 8	Lado direito, acima de IA7: aparecem os dizeres “mantenha seu telefone conectado”.	PC/Celular
IA 9	Lado direito, acima de IA8: imagem de uma mão segurando celular com símbolo do AWA com as nuvens de pano de fundo.	PC/Celular
IA10	Ao centro do lado direito: indicativo de carregando (loading), enquanto o AWA não é conectado ao PC.	PC/Celular

Tabela 1- Iscas de Atenção no aparelho celular e no PC (elaboração própria)

Há uma IA que não aparece na figura 6, porém é conhecida, senão de todos, de considerável parcela dos usuários AWA: o sinal de mensagem enviada e o sinal de mensagem verificada/vista (*checked*), representada graficamente pelo sinal de visto ou de verificação – é assim que é denominado: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinal_de_visto. Esse sinal muda de cor se a mensagem foi acessada. Se a mensagem foi verificada pelo interlocutor – vista ou ouvida nos casos de áudios ou vídeos, respectivamente – o sinal de visto muda da cor cinza para a azul.

De acordo com a Figura 6, os elementos verbais e não verbais, sejam fixos ou em movimento, assíncronos ou simulando sincronia, na tela do AWA, contribuem para a captura de atenção do usuário. Por exemplo, enquanto se conversa com outro interlocutor, é possível ver se alguém está preparando uma mensagem para ser enviada, se o nome de quem estiver digitando ou do grupo do qual ela faz parte estiver posicionado no topo da lista de contatos à esquerda da tela do AWA.

A IA1, localizada no lado esquerdo superior da tela, é a posição privilegiada da mensagem, porque, geralmente, na cultura logocêntrica ocidental, escreve-se e lê-se da esquerda para a direita, de cima para baixo. A IA 2 é a mensagem atualizada e com a imagem que identifica o interlocutor que, repentinamente, pode

surgir no lado direito inferior da tela, fracionando atenção do usuário. Ela é discreta, mas fisga a atenção, pois a intromissão do quadrinho com o rosto ou a figura que identifica uma das pessoas com as quais se tem contato aparece por alguns segundos e depois se esvai.

A IA 3, “digitando”, captura a atenção do interlocutor, por conta da cor verde que significa “siga em frente”, além da posição que ocupa na tela: lado superior esquerdo, se ser a última a aparecer na tela, de ser dinâmica, por simular a sincronia e poder desaparecer sem trazer a mensagem que estava sendo elaborada ou trazer a mensagem depois de certo tempo.

A IA 4 é a visualização da mensagem “digitando ...” abaixo da identificação do interlocutor com quem se fala no momento, no lado superior direito da tela.

Além disso, no AWA, persiste a ilusão de que o usuário e seus interlocutores estariam “24 horas” disponíveis, já que as mídias digitais pregam isso em suas propagandas, manuais de utilização, de um modo que o usuário pode tornar-se assujeitado quando passa a verificar constantemente.

A IA 5, no lado esquerdo juntamente com IA 1, permite que a mensagem recebida seja visualizada sem ser aberta. O usuário pode ler a última mensagem enviada e escolher responder ou não. Ela parece criar a ilusão de controle ao sujeito-usuário porque ele pode ver o que foi dito a ele ou ter uma ideia da mensagem, porque ele conseguiria ler só o começo da mensagem, e pode decidir se abre ou não para lê-la e, com isso, ele sabe que o sinal de visto de cor verde mudará para lida/vista, de cor azul clara. Assim, a “vantagem”, traduzida como efeito de controle ao sujeito-usuário, é decidir quando lerá, fingindo não ter visto ou ignorando propositadamente, ou pensará na resposta.

A IA 6, pequeno círculo verde que marca o número de mensagens em espera, garante a visualização das mensagens ainda não vistas. É “anzol” duplo que pela cor verde alerta se a mensagem está pronta para o consumo/leitura e pelos números que somente aumentam, sinalizando o número de mensagens não lidas. Isso evidencia a hierarquização dos espaços no *layout* do AWA.

IA7 é a mensagem de texto padrão do AWA sobre sincronia e pedido para se manter conectado em *wifi*; juntamente a isso, temos a IA 8. Ela é constituída pelo texto “mantenha seu telefone conectado”. O DG se materializa pelo léxico “conectado” e pode ser duplamente interpretado: conecte o celular e automaticamente conecte-se. Acima da IA 8 está a IA 9, imagem de uma mão

segurando celular com símbolo do AWA, a reforçar a conexão do aparelho, tendo como pano de fundo as nuvens.

Ao utilizar o recurso para PC, a IA 10 indica carregando (*loading*), enquanto o AWA não é conectado ao PC, o que pode ser interpretado como “aguarde um momento”. Pela distribuição das IA no layout do AWA, pode-se notar certa hierarquização das funções representadas. Se a IA é relacionada ao recebimento de mensagens, precisa estar numa posição “natural” de leitura, de cima para baixo e da esquerda para direita.

De certo modo, a luta no e pelo corpo apenas passa a acontecer, no contexto de uso do AWA, pelo seu layout. As IA são organizadas semelhantemente à organização escolar que, quando organiza suas salas de aula, está organizando carteiras e cadeiras para controlar os corpos de seus alunos; quando divide o tempo do intervalo entre as aulas ou recreio, está distribuindo os tempos entre as disciplinas e seus professores. Desse modo, a organização dos corpos pode ser operada pela gestão do tempo. Na contemporaneidade, capturar a atenção implica em capturar o tempo, o que conseqüentemente é um modo de se controlar os corpos. Assim,

sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. (Foucault, 1992, p.22).

Como o poder recai sobre os corpos, permeando-os, atravessando-os, parece-nos que ele permeia a relação, a luta pela atenção, entre professor e alunos, pelo AWA. Materializados ou não nos enunciados analisados a seguir, a rede de IA é estruturante do AWA e das relações que se fazem por ele seja por imagens fixas e ou por moventes.

CAPÍTULO 2

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: A AULA DE REDAÇÃO, O WHATSAPP E AS MENSAGENS ENTRE PROFESSOR E ALUNO

O *corpus* desta dissertação de mestrado foi concebido, levando em consideração 3 elementos: o aplicativo *WhatsApp* (AWA), a aula de redação (AR) e o procedimento para análise das mensagens entre professor e alunos. Assim, a constituição do *corpus* consiste nas trocas de mensagens feitas pelo AWA, ancoradas nas AR.

2.1 – Constituição do corpus: aulas de redação e diálogos pelo aplicativo *WhatsApp*

O corpus foi constituído com o registro de diálogos entre professor e alunos, seja individualmente ou feitos pelos grupos, pelo AWA, de turmas do EM e curso preparatório para exames de vestibular em que o presente professor-pesquisador ministra aulas de redação. O grupo do 1º ano do EM é denominado “CRU”, o do 2º ano é denominado “Redação Alfa 9” e o do 3º ano e curso é “Redação 3º ano – Curso”.

A sequência de Diálogos entre professor e alunos do 2º do EM iniciou no dia 20/4/16 com a criação do grupo de AWA pelos próprios alunos da turma. A expectativa do professor-pesquisador era também que a interação se intensificasse por esse canal em torno dos assuntos da AR, principalmente porque esta turma apresentava desatenção em relação aos conteúdos tratados presencialmente.

O corpus desta pesquisa é o conjunto de mensagens trocadas entre professor e alunos. A pesquisa surgiu da carência de momentos, de meios de contato, que possibilitassem a individualização, o respeito à heterogeneidade aos alunos, no processo de ensino-aprendizagem em AR. Inicialmente, procurou-se identificar em quais momentos o AWA era usado e como isso se dava.

Algumas perguntas balizaram a composição deste corpus: é possível usar o AWA de modo a melhorar o desempenho nos exames de acesso ao ensino superior dos alunos? Quais seriam os jogos discursivos e de poder que se colocam na relação professor-aluno pelo AWA?

Como, de certo modo, já era presente o AWA nas AR, pois o aparelho celular fica sob ou sobre as mesas dos alunos, apenas oficializou-se seu uso na pesquisa e,

consequentemente nas AR, diante da unidade escolar e dos alunos, a partir de fevereiro de 2016.

No processo de oficialização do projeto de pesquisa, explanou-se que inicialmente a tentativa era de fazer poucas mudanças na rotina das AR e observar como a interação ocorria. Geralmente, o AWA era usado antes e depois das AR para conversas esporádicas informais, para trocar informações sobre notas, tarefas ou dificuldades com o conteúdo. Assim, buscou-se manter o AWA próximo desse padrão de uso. Quando os alunos tomaram ciência que estávamos observando o uso do AWA para AR, eles mesmos criaram os grupos no aplicativo. Sendo assim, cada turma criou o seu grupo, colocou o nome e acrescentou o professor-pesquisador. Todos os alunos das turmas faziam parte dos grupos de AWA.

Minha intenção, ao participar dos grupos, era ter um meio de diálogo com aluno. Era esperado que eles pudessem intensificar a interação com o professor sobre a produção escrita escola, principalmente sobre o gênero dissertativo-argumentativo.

Há 4 turmas envolvidas: o primeiro, o segundo, o terceiro ano do ensino médio e o curso preparatório para vestibular. São alunos matriculados regularmente, frequentadores assíduos das AR. Há 25 alunos, entre 13 e 14 anos de idade, no primeiro ano; 12 alunos, entre 14 e 15 anos de idade, no segundo; 12 alunos, entre 15 e 16 anos de idade, no terceiro; e aproximadamente 12 alunos, entre 16 e 20 anos de idade, no curso pré-vestibular. De modo geral, é uma quantidade pequena de estudantes se comparado com outras unidades particulares da região.

Para o grupo do AWA do 1º ano e 3º ano e curso, foi feito um vídeo e uma breve explicação formal por escrito, pelo professor-pesquisador, sobre o objetivo de interagir pelo aplicativo nas AR. O vídeo era de 33 segundos, feito pela câmera do PC e disponibilizado aos alunos nos grupos AWA. Ao outro grupo do AWA, foi enviada apenas mensagem informal por escrito na *timeline* do AWA.

A Escola é particular, de período integral para todas as turmas, é uma das mais conhecidas da região Vale do Paraíba paulista país, apresenta excelentes índices nos exames nacionais e está entre as 100 primeiras escolas do país. Ela oferece aos alunos estudo, manhã e tarde; costuma aplicar provas avaliativas e simulados esporádica e predominantemente aos finais de semana. Isso quer dizer que, na maioria do tempo, os alunos estão em ambiente escolar ou lidando com

assuntos escolares em seus cotidianos. A maioria deles são (in)diretamente cobrados pelos pais a terem bom desempenho em exames de vestibulares.

Conforme as regras da Escola, fica a critério do professor definir se usará ou não, ou se será mais ou menos permissivo quanto ao seu uso em sala aula. Embora não haja regras explícitas da Escola quanto ao uso de tais tecnologias pelos alunos em sala de aula, há implícitos na escola: o “bom senso” de alunos e professores usar o celular apenas nos intervalos das aulas, durante a ida ao banheiro ou ao bebedouro. Dessa forma, durante as AR, os alunos tendem a não usar o celular e, quando o fazem, retiram-se, pedindo permissão ao professor para, se preciso, usá-lo.

O nível social dos alunos é de alto-médio a alto padrão. Todos possuem celulares e usam o AWA, com exceção de um aluno do curso pré-vestibular que não participou da pesquisa.

Sobre a participação na pesquisa, houve basicamente 3 tipos de interação pelo AWA: alunos que não interagiram em nenhum momento; aqueles que interagiram, mas não tiveram seus diálogos recortados para participação na pesquisa por indicarem características em suas mensagens em desarmonia com os objetivos deste trabalho de pesquisa; e aqueles alunos que interagiram e foram selecionados, conforme objetivo da pesquisa.

Ao todo, foram selecionados 20 participantes para a pesquisa, 15 por interagirem e 5 por não interagirem pelos grupos ou individualmente no AWA e demonstrarem-se abertos a fazê-lo; dentre os 20, 6 casos que evidenciaram características que se demonstram características de uso do AWA possíveis de serem analisadas e que atendem aos objetivos da presente dissertação e sua constituição de *corpus*. A coleta de dados ocorreu de fevereiro de 2016 a fevereiro de 2017.

Geralmente as aulas são desenvolvidas com os seguintes recursos: aulas expositivas do professor e temas impressos em folha sulfite. São 2 aulas de redação de cinquenta minutos por semana para se tratar especificamente da disciplina denominada ‘redação’. Apesar de a aula de redação ser específica para essa finalidade, diferentemente do que ocorre em algumas escolas, o tempo fornecido pela escola tende a ser mais adequado para se tratar cada turma de modo geral, valorizando, assim, o aspecto homogêneo da AR. Por isso, por mais que o professor se esforce para dispensar atenção individualizada, pelas diversas restrições que

envolvem a AR, torna-se inadequado e, às vezes, impossível de se atender aos casos individuais ou aos grupos menores de alunos. Posto isso, a composição do corpus desta pesquisa consiste nos diálogos entre o professor com um aluno ou grupo deles pelo AWA, ora para sanar alguma dúvida da AR, ora para tratar de assunto individual, por meio do AWA.

Assim, mesmo que haja a troca de mensagens pelos grupos, o que caracteriza abordagem homogeneizante pelos grupos do AWA, há, neste trabalho, a observação mais intensa dos aspectos da heterogeneização na relação professor-aluno e do ensino-aprendizagem da produção escrita, antes, durante e depois das AR pelo AWA.

Para realização da pesquisa, foram feitas algumas atividades pelo AWA, apresentados cronologicamente conforme a tabela:

	Ações e atividades	Dados
1º ano	05/04, criação dos grupos de AWA do 1º ano pelos alunos, e a expectativa do professor-pesquisador era que a interação se intensificasse por esse canal em torno dos assuntos da AR.	05/04, alunos demonstraram presencialmente estar motivados a usar o AWA para interagir. De 05/04 a 11/04, não houve interação entre professores e alunos pelo grupo do AWA do 1º ano.
1º ano	Período sem intervenção ou direcionamento do professor pelo grupo do AWA do 1º ano.	12/04, mensagens foram predominantemente de boas vindas. 12/04, a Aluna 4, quem fez atendimento pelo AWA individualizado, foi a 2ª a interagir no grupo. Nos períodos de 15/04 a 20/04 e de 16/05 a 12/06, não houve interação entre professor e alunos pelo grupo do AWA.
1º ano	13/04, após ausência de interação inicial, um aluno irrompe com a pergunta “qual é o tema da redação amanhã?”.	13/04, resposta à pergunta sobre o tema e, em seguida, os alunos mudam a temática para falar sobre canecas, por conta de uma comemoração na AR denominada de “batismo ou batizado”, os alunos levam canecas e xícaras para tomarem café juntos, enquanto fizesse redação.
1º ano	20/04, professor grava e posta vídeo de 33 segundos para explicar a finalidade do grupo de AWA para a turma 1º ano, estimulando a postagem das dúvidas.	Silêncio, nenhuma interação.
1º ano	Por volta de 24/04, tentativa presencial e pelo AWA explícita de atender os alunos do 1º ano pelo grupo do AWA, abordagem feita presencialmente a um pequeno grupo.	Mensagens explícitas de alguns alunos e principalmente do Luís de que não seria boa prática.
1º ano	14/05, após intervenção pelo vídeo de 33 segundos, houve intervenção informal do professor por mensagem no grupo do AWA do 1º ano, pedindo que listassem dúvidas e dificuldades sobre a AR.	- Dúvidas sobre textos dissertativo-argumentativos, após a pergunta direta do professor. - Mensagens espontâneas e informais.
Nenhum	[Data não anotada] Professor de redação é orientado pela coordenação.	O professor de redação foi orientado a priorizar os alunos do 3º ano/curso em atendimento individualizado.
1º ano	6/09, foi enviado para o grupo material a ser usado na AR pelo AWA para a turma do 1º ano.	1: Sem interação direta no grupo do AWA. 2: Foi usado em sala de aula.
2º ano	05/04, criação dos grupos de AWA do 2º ano pelos alunos, e a expectativa do professor-pesquisador era que a interação se intensificasse por esse canal em torno dos assuntos da AR.	Sem interação até dia 15/05.
2º ano	15/05, intervenção do professor de modo informal por mensagem no grupo do AWA do 2º ano, pedindo que listassem dúvidas e dificuldades sobre a AR.	Alunos pedem textos e <i>links</i> selecionados pelo professor para evitarem a leitura de informações tendenciosas.
2º ano	Período sem intervenção ou direcionamento do professor pelo grupo do AWA do 2º ano.	01/06, foram postadas pela Aluna 4 pelas três fotos da lousa com atividades de AR a serem desenvolvidas futuramente. De 02/06 a 13/6, o grupo de AWA do 2º ano fica

		<p>em silêncio.</p> <p>14/06, foram postados, pelo professor, dois <i>links</i> sobre violência sexual contra a mulher na adolescência.</p> <p>29/06, o grupo permaneceu em silêncio até a postagem da pergunta “Leandro, vc já corrigiu as redações?” que teve como resposta “Sim”.</p> <p>3/7, grupo sem interação entre professor e alunos até a postagem do tema sobre serviço público com inúmeros <i>links</i> sobre o conteúdo selecionado pelo professor.</p> <p>24/08, conversas informais e aluno que postou a imagem da própria mão.</p> <p>24/08, conversas informais entre alunos, de certo modo, elas eram proibidas para o professor.</p> <p>10/10, felicitações de aniversário de alunos ao professor.</p> <p>Nos períodos do dia 06/10 a 10/10, de 20/10 a 06/11, não houve interação entre professor e alunos pelo grupo de AWA.</p> <p>06/11, “Leandro god”, frase dita por um aluno para comentar no grupo do AWA que o professor havia “acertado” o tema da redação do ENEM, seguida de outras mensagens de alunos.</p>
2º ano	<p>03/07, texto e <i>links</i> sobre serviço públicos, enviados para o grupo do AWA do 2º ano.</p> <p>14/08, foi enviado para o grupo material a ser usado na AR pelo AWA para a turma do 2º ano.</p> <p>17/08, envio do <i>link</i> sobre administração pública aos alunos pelo grupo do AWA do 2º ano com conteúdo lido previamente pelo professor.</p>	<p>- 03/07, resposta pelo AWA com a Rafaela, aparentemente denunciando os colegas que reclamavam da quantidade de páginas do documento de um os <i>links</i> enviados.</p> <p>- 14/08, aluno Wei que faltou na AR demonstra que ficou assustado com quantidade de páginas do documento enviado pelo grupo do AWA.</p> <p>- 24/08, recusa em tom de brincadeira do aluno Aluno 7 em receber materiais.</p>
2º ano	14/09, fenômeno de postagens de fotos tiradas em AR no grupo de AWA do 2º ano específico para AR. Alunos animadíssimos subindo no armário da sala.	Imagens.
3º ano	24/03, criação dos grupos de AWA do 3º ano pelos alunos, e a expectativa do professor-pesquisador era que a interação se intensificasse por esse canal em torno dos assuntos da AR.	25/03, interação informal.
3º ano	Período de 25/03 a 07/4, não houve intervenção do professor no grupo do AWA do 3º ano/curso.	Silêncio e ausência de interação

3º ano	08/04, Aluna 1 pergunta qual será o horário do atendimento presencial ao pequeno grupo de alunos para dirimir as dúvidas individuais.	Mensagens informais sobre o atendimento.
3º ano	20/04, professor grava e posta vídeo de 33 segundos para explicar a finalidade do grupo de AWA para a turma 1º ano, estimulando a postagem das dúvidas.	Em resposta ao vídeo, houve pouca interação e duas mensagens comemorativas como “Aí sim!!” e “Aeee (palmas)”. Houve também mudança de assunto: perguntas sobre tema de redação a ser escrita em sala no dia seguinte.
3º ano	14/05, intervenção do professor de modo informal por mensagem no grupo do AWA do 3º ano/curso, pedindo que listassem dúvidas e dificuldades.	Mensagens relatando as dúvidas sobre texto dissertativo-argumentativo.
3º ano	Tentativa explícita de atender os alunos do 3º ano/curso pelo grupo do AWA, abordagem feita presencialmente a um pequeno grupo.	Disseram que não apresentariam as dúvidas individuais no grupo do AWA. Ps.: enquanto alguns alunos colocavam as dúvidas, depois de ter sido feita intervenção informal pelo professor, o Aluno 10, medalhista de olimpíadas de química, biologia etc. fazia piada – não diretamente, mas demonstrando que ele não tinha nenhuma dúvida. Percebia que ele inibia a participação genuína de alguns alunos, o que impedia o aprendizado ou a interação entre professor e alunos.
3º ano	14/06, foi enviado textos para o grupo a ser usado na AR presencial ou pelo AWA para a turma do 3º ano/curso sobre violência sexual contra a mulher, sobre lei seca e direção. 03/08, foi enviado textos e <i>links</i> sobre serviço público para o grupo do AWA do 3º ano/curso. 10/08, lista de temas interessantes a serem pesquisados e explorados foi enviada para o grupo do AWA do 3º ano/curso. 24/08, lista de conectivos foi enviada para o grupo do AWA do 3º ano/curso, após ser cobrado pelo Aluno 2.	Alunos surpresos aceitaram o conteúdo enviado pelo grupo do AWA para AR na 1º vez (dado coletado presencialmente). Alunos recusam o uso do conteúdo enviado pelo grupo do AWA para AR depois da 1º vez (dado coletado presencialmente). Alunos dissimularam estar sem acesso ao conteúdo enviado pelo grupo do AWA para AR depois da 1º vez (dado coletado presencialmente).
3º ano	Alunos, candidatos ao curso de medicina, fizeram vestibular em Alfenas.	Mensagem de comemoração porque o professor “acertou” o tema de Alfenas.
	Permitir aos alunos o uso de AWA levou-os a ter mais confiança no professor etc.	A demanda de serviço para o professor aumentou: A maioria dos alunos da turma do 1º ano e todas as salas passaram a cobrar atendimento individualizado presencial

3º ano	05/09, videoconferência brevemente organizada e comentada no grupo do AWA do 3º ano/curso.	05/09, mensagem evidenciando que aluno do curso preparatório para vestibular havia sonhado com tema de redação e buscando afirmar sua intuição no processo de preparação para o exame de ensino superior. 06/09, mensagem do professor, alertando sobre a necessidade de planejamento de estudos e de cautela para que não confiassem cegamente na intuição no processo de preparação.
Individual	Período entre 01/06/2017 e 29/01/2017, acompanhamento individual pelo AWA e presencial da Aluna 1, 920 pontos ⁴ na redação ENEM. Pelo AWA o horário e dia não eram marcados, contudo encontros presenciais ocorriam, em geral, na hora do almoço.	Mensagens informais apresentando as dúvidas, dificuldades e resultados em exames da Rafaela em redação.
Individual	Período entre 05/09/2016 e 10/01/2017, acompanhamento individual pelo AWA e presencial do Aluno 2, 920 pontos na redação ENEM. Pelo AWA o horário e dia não eram marcados, contudo encontros presenciais ocorriam, em geral, na hora do almoço.	Mensagens informais, apresentando as dúvidas, dificuldades e resultados, em exames do Victor, em redação.
Individual	Alguns alunos da mesma turma de Aluna 1 e Aluno 2 interagiram menos intensamente, como é o caso dos Alunos 11 ou 12.	Mensagens informais.
Individual	07/10/2016, de 15h 48' às 18h 40', encontro com Aluna 4 do 1º ano, com horário e dia pré-agendado.	Texto dissertativo-argumentativo, escrito totalmente pelo AWA, e mensagens informais sobre essa atividade.
Individual	24/09/2016, das 14h 41' às 17h 35', encontro com a Aluna 3 do 2º ano, com horário e dia marcado.	Texto dissertativo-argumentativo, escrito totalmente pelo AWA, e mensagens informais sobre essa atividade.
Individual	Relato do professor-pesquisador do tempo investido e o uso do AWA pelo PC e a dificuldade de manejar a atenção na interação pelo AWA.	

Tabela 2 – Corpus resumido: atividades de pesquisa

Tais atividades geraram dados que foram posteriormente analisados no Capítulo 3.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, conforme registro CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) nº 60677616.5.0000.5501, conforme número do comprovante: 102960/2016, conforme anexos 5/6.

⁴ A pontuação da redação no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) vai de 0 a 1000. O texto é corrigido segundo alguns critérios específicos: norma culta, abordagem temática, estrutura do texto, defesa de um ponto de vista, argumentos, recursos coesivos, problematização e intervenção.

Em certa medida, pode-se dizer que o AWA era e é constantemente usado como meio de comunicação entre professor e aluno, contudo, ele não era usado para fins didáticos nas AR. Para que as mensagens trocadas pelo AWA fossem incorporadas à pesquisa como parte do corpus, há 3 pontos a se destacar no roteiro da AR: a troca de professor de Redação na unidade escolar de 2014 para 2015 e, com isso, a mudança do modo de trabalho dos professores anteriores para o modo de trabalho deste professor-pesquisador; a condução da AR estabelecida de 2015 até fevereiro de 2016, oficialização do projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação; e o roteiro da AR que incluiu o AWA na pesquisa.

A troca de professor de Redação de 2014 para 2015 provocou alterações no arranjo das etapas das AR. As aulas anteriores ao início de 2015 eram compostas por discussão do tema em sala de aula, e a redação era feita em casa, depois, trazidas para sala para correção. Se o texto não estivesse próximo da média da nota, os alunos poderiam reescrevê-lo e entregar para nova correção. Com os professores anteriores até 2015 o assunto/tema era na maioria das vezes discutido em sala sob a condução do professor.

A partir disso, observou-se que os alunos pareciam não se apropriar dos argumentos, da discussão desenvolvida em torno das temáticas apresentadas pelo professor. Esse roteiro parecia favorecer o aspecto homogêneo da AR. Por isso, os textos produzidos pelos alunos apresentavam em sua maioria os mesmos posicionamentos, arranjos de parágrafos e de argumentos. Dessa forma, a discussão em grupo, na sala, conduzida pelo professor, parecia gerar opiniões sem leitura e sem a internalização de posicionamento consciente por parte da maioria dos alunos e alunas das turmas. Isso talvez estivesse abrindo a oportunidade para que alguns alunos apenas “importassem” posicionamento e argumentação alheios sem refletirem sobre o tema.

As AR do ano letivo de 2015, ministradas pelo presente professor-pesquisador, contemplavam, conforme tabela a seguir, as seguintes etapas do roteiro: a) escolha de assuntos em voga, com base em noticiários e/ou publicações científicas, selecionados e recortados pelo professor; b) apresentação/leitura dos assuntos/temas, pelo professor, aos alunos em AR; c) discussão (algumas vezes) entre professor e alunos com base nos textos previamente recortados pelo professor; d) escrita em sala de aula ou em casa com base na etapa “a”, “b” e “c”; e) interação/correção do professor e devolutiva do professor para o aluno, com base na

grade de correção de alguns exames de vestibular; f) reescrita e apontamentos do aluno; assim, as etapas “e” e “f” seriam repetidas até que aluno ou professor ficassem satisfeitos – na maioria dos casos, o texto passava por aproximadamente duas versões. Tal planejamento fora posto em prática no ano letivo de 2015.

Etapa	Descritivo	Tempo estimado
a) Escolha do tema	Escolha de assuntos em voga, com base em noticiários e/ou publicações científicas, selecionados pelo professor.	1 mês [para escolha e pesquisa dos temas em voga]
b) Entrega do tema ou leitura em sala	Apresentação/leitura dos assuntos/temas pelos alunos em AR.	1 aula (50')
c) Discussão	Discussão (algumas vezes) entre professor e alunos com base nos textos previamente recortados pelo professor.	1 aula (50')
d) Escrita em sala de aula	Escrita em sala de aula com base na etapa “a”, “b” e “c”.	De 1 a 2 aulas (De 50' a 100')
e) Interação/correção	Interação/correção do professor e devolutiva do professor para o aluno, com base na grade de correção de alguns exames de vestibular.	De 1 a 2 semanas
f) Reescrita	Reescrita e apontamentos do aluno; assim as etapas “e” e “f” seriam repetidas até que aluno ou professor ficassem satisfeitos.	1 semana

Tabela 3 – Etapas do roteiro da AR

Embora o uso do AWA já interferisse no cotidiano das AR, não havia pretensões didáticas para estudo de seu uso ou de imediata incorporação no roteiro de AR, pois não se via tal possibilidade. Somente, a partir da reformulação do projeto de pesquisa, aproximadamente outubro de 2015 juntamente com a mudança de orientador, passou se a considerar o AWA para atender a demanda de individualização da AR.

Em certa medida, o roteiro de AR estabelecido no ano letivo em 2015 ainda demonstrava não deixar abertura para uma prática heterogênea ou individualizada. Os alunos pareciam desinteressados pelos recados deixados nas folhas de redação pelo professor, que corrigia ele mesmo as redações (a unidade escolar não dispõe de corretores), principalmente quando não havia o encontro individual com o professor. Frequentemente, eles chamavam o professor/corretor para dialogar e pedir sugestões, pelo AWA ou presencialmente, sobre os recados deixados nas folhas de redação, mesmo após lerem os recados nas folhas de redação e os entenderem.

Basicamente, os procedimentos de pesquisa para coleta de dados foram *prints* de diálogos entre professor e alunos pelo AWA antes ou depois da AR e relatos de conversas informais antes, durante ou após as AR, coletados

presencialmente. Principalmente, as mensagens dos grupos e no primeiro caso individual demandavam que usássemos *prints*. Contudo, nos três últimos casos de encontros individuais, as mensagens foram transcritas e postas em tabelas. O AWA permite a “cópia e cola” (*control c + control v*), porém foi necessário fazer edição dos caracteres indesejados e da coleta específica dos *emojis*. Dessa forma, na análise, serão evocadas, quando necessário, as características da unidade escolar e a legislação educacional, principalmente em relação ao uso do celular por parte dos alunos e seus efeitos.

O procedimento foi concebido a partir da seguinte reflexão sobre AR: há um complexo jogo discursivo, ao qual o professor está também inscrito e não se pode ser retirado. Nesse sentido, assumir o lugar de onde se analisa dá validade à análise; deixar-se misturar ao objeto de pesquisa, tendo em vista que não há como se separar da análise, promoverá sustentabilidade à pesquisa. Entretanto, para que não se configure completa subjetividade, esta dissertação pautar-se-á no quadro teórico de AD francesa e no conceito de *economia da atenção*.

A atenção tem sentido “nômade”, pois a alteração de seu sentido no transcorrer da história alterava-se de acordo com o enfoque científico de cada período. Isso me foi esclarecido durante um levantamento histórico sobre o termo, ao observar a tese de doutorado chamada “A biologia moral da atenção: a constituição do sujeito (des)atento”, segundo a qual: no século XVII, ela era a direção ativa da mente que possibilitava o conhecimento racional do mundo e de si; no século XIX, a atenção tinha a função de controle do comportamento, por estar vinculada à inibição e à vontade; ainda no século XIX, ela foi “cerebrizada”, ou seja, relacionada às funções cerebrais; e, no século XX, a atenção foi vinculada “à moral do sucesso e da produtividade” (CALIMAN, 2008). Por essa mais recente perspectiva, negócios atentos surgem para disputar a atenção de consumidores na era da informatividade. Ela passa a ser considerada uma moeda, no sentido convencional ela não é uma moeda, contudo, em alguns contextos ou casos, substitui o dinheiro. (CALIMAN, 2008, p.63).

Desse modo, abre-se espaço para se investigar a intervenção nas AR por meio do manejo da atenção pelo AWA, pois as características técnicas do aplicativo parecem dialogar com as demandas mercadológicas da contemporaneidade. Durante a análise, consideraremos as relações de poder postas entre o aplicativo, seus usuários e o contexto escolar, pois o uso ou não de um aplicativo é, antes de

tudo, construído discursivamente. Enfim, há um processo de naturalização do uso do AWA no cotidiano em sala de aula, aparentemente uniforme, e um conjunto de técnicas para captura da atenção, explicitamente anunciadas pelas empresas da era da informação.

2.2 – O aparelho celular.

O aparelho celular é projetado para possibilitar comunicação móvel e suas funções para dar atrair a atenção dos usuários. É por meio dessa combinação que o aluno-usuário mantém contato com um interlocutor que esteja em diferente espaço físico, seja seu familiar ou colega da turma ao lado. Neste corpus, conceberemos o aparelho celular por três perspectivas.

A primeira das perspectivas é conceber o celular como um recipiente de potência em contraposição à perspectiva reducionista de suporte, porque ele abarca em si tecnologias, desde as mais básicas que é a ligação de um aparelho ao outro àquela que permite a orientação via GPS. Para Vicentin (2008), “o que motiva o consumo, ao cabo, não é o objeto em si ou sua utilidade mais pragmática, mas sua capacidade potencial e aparente de realizar algo que esteja além de suas condições imediatas.” (p.2). O celular não é receptáculo passivo; ao contrário, ele é projetado para operar “funcionalidades oriundas de diversas tecnologias”, as quais potencializam faculdades do homem contemporâneo (p.2); tecnologias tais como fotografia e filmagem, gravação de voz, aplicativos educacionais e de jogos.

Na sociedade do espetáculo, “o novo poderio do embuste que se concentrou aí tem a sua base na produção onde surge com a massa crescente de objetos... um novo domínio de seres estranhos aos quais o homem se submete.” (DEBOARD, 2003, p. 135/215).

Na nossa segunda perspectiva, o celular (e seus aplicativos) passa(m) a ser projetado, vendido/comercializado, para ser semelhante ao sujeito-usuário. Pelo manejo dos dizeres, maquia-se o usuário e a humaniza-se o celular, ou seja, há um tipo de assujeitamento do usuário (humano) pela máquina “humanizada”. O celular é voltado para se assemelhar ao usuário e a se adaptar às suas funções – talvez contornos físicos – para vender mais, para se aumentar os valores socioculturais e estéticos (GHIRALDELO, 2008). Isso, de algum modo, é presente em sala de aula e na relação extra sala, conforme dois casos nesta dissertação: pelas manifestações, em AR, dos alunos do 2º ano do EM, quando tiraram ou gravaram a si mesmos ou

seu professor e pelos casos dos alunos individuais que aceitaram interagir pelo AWA em uma sexta-feira à tarde para tratar de redação. Finalmente, por essa concepção de aparelho celular, sabe-se que é pela herança do discurso sobre o aparelho celular que as funções de aplicativos como AWA foram elaboradas. Se, antes, “o aparelho se confunde[ja] com o usuário, como se ele [pudesse falar] falasse pelo usuário” (GHIRALDELO, 2008, p. 9), atualmente, os aplicativos digitais da era digital parecem (permitir) dominá-lo, pois, novamente, professor e aluno interagem em data e horário pouco prováveis de serem bem sucedidos.

Ainda, pela segunda perspectiva, pode-se voltar à pesquisa (VICENTINI, 2008) que reforça a inter-relação entre celular e a nova concepção do espaço (o autor usa o termo “real”) e conseqüentemente de sua representação, já que passamos a criar representações da realidade nas telas de nossos celulares, tendo em vista as *selfies*, que congelam momentos de interação presencial para alimentar a memória do aplicativo, e o inverso, em situações em que a realidade virtual altera a realidade física, como nos jogos *You Are The Controller* ou *Pokemon Go* etc. Dentro do conjunto de proposições feitas no artigo, algumas merecem maior destaque: a mudança profunda ultimamente no *design* dos celulares; o modo de construção ergonômico dos celulares, pois “seguem nossos desejos e funcionam como extensão do corpo humano”; por não se deixarem prender pelas técnicas, cálculos matemáticos pura e simplesmente (VICENTINI, 2008, p.122). Talvez, por isso, alguns alunos-usuários não consigam desligarem-se das mensagens no AWA. Enfim, o aparelho celular mostra-se como um artefato silencioso e comum nas salas de aula e na relação professor/aluno.

Nossa terceira e última perspectiva sobre o aparelho celular⁵ é a partir do campo econômico, pois ele e seus aplicativos são tomados como objeto de consumo. Em contexto urbano, ele representa status e símbolo de mobilidade e fisga usuários pela possibilidade de (res)significação da noção de presença por meio da economia da atenção. Isso significa dizer que o usuário pode “comprar” e “vender” atenção quando se trata de ter um aparelho celular que lhe permita conversar com um interlocutor distante.

⁵ *Gadget* é um equipamento que tem um propósito e uma função específica, prática e útil no cotidiano. São comumente chamados de *gadgets* dispositivos eletrônicos portáteis como PDAs, celulares, smartphones, leitores de MP3, entre outros. Os *gadgets* tem função social e expressam *status* (WIKIPÉDIA, 2017).

Finalmente, o aplicativo denominado *WhatsApp*, que pressupõe o uso do aparelho celular, é o mais usado pelos alunos para troca de mensagens na escola selecionada onde coletamos o corpus desta pesquisa. Todos os alunos que participaram desta pesquisa usam o aparelho celular e não há nenhum que não faça o uso do aplicativo.

A seguir, será feita breve apresentação do site oficial do AWA, ferramenta que proporcionou a coleta do corpus, destacando especialmente o entorno comercial que o envolve.

2.3 O aplicativo *WhatsApp*

O AWA é um software de comunicação que possibilita troca de mensagens de texto, conversas em grupo, chamada de voz (ligação) e, recentemente implementada, chamada de vídeo. Ele é um *software* projetado para ser usado nos diversos aparelhos celulares, PC (*Personal Computer*) e sistemas operacionais ao redor do mundo por meio da internet, seja pela operadora ou *wifi* (WhatsApp, 2017).

Software, por sua vez, significa um conjunto de instruções que produzem a função e o desempenho desejados pela empresa fabricante, quando executadas; estrutura de dados que permite que programas manipulem adequadamente a informação; e documentos de descrição de operação de programas (PRESSMAN, 1995). Tais instruções, estruturas ou documentos são escritos em uma linguagem de programação.

O site apresenta o uso desse aplicativo como sendo fácil e útil. Por sua vez, o usuário tem a opção de enviar suas mensagens misturando imagem, texto, voz e vídeo. Ao iniciar o aplicativo, o usuário visualiza na tela inicial duas partes: a lista de contatos individuais ou dos grupos, à esquerda; e a tela para visualização da *timeline* do diálogo, a qual serve para digitação e/ou gravação da mensagem a ser enviada, à direita. Ainda, à direita, neste último espaço, é fornecido, ao usuário, opções de *emojis*, figuras para facilitar a expressão de emoções e alguns outros recursos de teclado convencional.

Em seguida, a figura 3 agrupa textos do site oficial que “vendem” os benefícios do AWA.

The image displays eight promotional cards for WhatsApp, arranged in a grid. Each card features a number in the bottom-left corner and a specific feature highlighted in the center. The cards are as follows:

- Card 1:** Titled "MENSAGENS DE TEXTO" and "Simples e confiável!". It shows a smartphone screen with a text message conversation.
- Card 2:** Titled "CONVERSAS EM GRUPO" and "Grupos para manter contato". It shows three circular icons representing different group types: "FAMILIA", "TRABALHO", and "VIAJENAS".
- Card 3:** Titled "CHAMADA DO WHATSAPP" and "Fale livremente". It shows two smartphones, one with a video call in progress.
- Card 4:** Titled "WHATSAPP PARA WEB E COMPUTADOR" and "Mantenha a conversa em dia". It shows a smartphone and a laptop screen displaying the WhatsApp web interface.
- Card 5:** Titled "FOTOS E VIDEOS" and "Compartilhe os momentos importantes". It shows a smartphone screen with a photo being shared.
- Card 6:** Titled "CRIPTOGRAFIA DE PONTA-A-PONTO" and "Segurança padrão". It features a large teal circle with "100%" and a padlock icon.
- Card 7:** Titled "DOCUMENTOS" and "Compartilhar documentos nunca foi tão fácil". It shows a smartphone screen with a document being shared.
- Card 8:** Titled "MENSAGENS DE VOZ" and "Fale o que estiver em sua mente.". It shows a smartphone screen with a voice message being recorded.

Figura 3 - Agrupamento de todos os recursos/vantagens do site oficial do *WhatsApp*

Resumidamente, os dizeres dos quadros no site oficial tendem a provocar em seus usuários o efeito de empoderamento. O site evoca os poderes ontológicos do discurso tecnológico ao apresentar os benefícios oferecidos do AWA. Por isso, como

consequência, o usuário sem muito esforço, de modo “simples e confiável”, pode ampliar suas capacidades comunicativas.

A expressão “simples e confiável” explora a concepção de *software* descomplicado oferece ao usuário possibilidades que vão desde “compartilhar um documento”, pois isso “nunca foi tão fácil” a falar “livremente” ou “fale o que estiver em sua mente” com segurança. De atividades sérias a descontraídas, as ofertas tornam-se ainda mais atrativas por “parecerem” gratuitas, pois é preciso ter acesso à Internet para usar o AWA.

Tendo em vista que o AWA não opera fora da internet e de algum modo deve-se pagar pelo seu acesso, o usuário paga por isso, muitas vezes, sem perceber. Por mais que, pela internet, se tenha outros aplicativos para usar, o “Fale livremente” tem seus limites se o sinal de internet não for de boa qualidade. Além da ilusão de ser gratuito, há a ilusão de ser seguro, porque, quando se acessa o Whatsapp, aparece na tela os dizeres “segurança padrão” e “criptografia (Ver glossário) de ponta-a-ponta”, passando, ao usuário, do início ao final do diálogo, a promessa de que a veiculação do conteúdo de suas mensagens será em absoluto sigilo. O sigilo parece ser uma das ofertas basilares, aquela que permite que todas as outras sejam acessadas e desfrutadas pelos usuários sem que ele pare para refletir na veracidade de cada benefício, pois, ao usá-lo há a sensação de que encontrou um aplicativo (serviço/produto) muito confiável e, assim, pode ficar à vontade. O sigilo, a proteção, parece desarmar o usuário; parece fazê-lo “baixar a guarda” para usar o aplicativo “livremente”, “enviar e receber documentos sigilosos ou não de modo simples” etc, tudo como seu site diz que o AWA faz ou pode fazer pelo usuário. Parece-nos que as características do meio, do AWA, interferem na quantidade de tempo que ficamos conversando, professor e alunos. Isso seria positivo no caso de alunos distantes e dispersos, negativo no caso de algum dos envolvidos não estarem confortáveis em ser “acessado” pelo professor ou o contrário. Seria positivo se pudéssemos colocar a voz em igualdade com tantas outras que buscam a atenção do aluno ou o contrário; seria positivo conversar mais tempo com os alunos se eles pudessem colocar suas vozes e (re)conhecerem-se a si mesmos e exercerem poder de escolha dos posicionamentos.

A segurança dos dados na internet é sempre sensível. Para muitos especialistas em segurança digital, isso é de fato uma ilusão, pois nenhum aplicativo ou código de segurança é inquebrável. Tendem, parte dos usuários, a acreditar na

segurança absoluta, principalmente por conta do que é construído discursivamente entorno do AWA ou por desconhecimento das técnicas. Para um usuário compartilhar qualquer que seja o dado por um aplicativo, é necessário que haja a construção de uma ideia de gratuidade e principalmente de segurança. Parece-nos que a força do aplicativo vem das ilusões construídas pelo que se diz dele. Somos o país com maior número de usuários, atrás apenas da África do Sul. O AWA é considerado, por parte do judiciário brasileiro, como uma multinacional que não tem sede própria no país e explora serviços aqui. Inclusive, trata-se de uma multinacional que demonstra grande força ao negar acesso ao conteúdo das mensagens de seus usuários, sejam eles quais forem, à justiça. Tenho a impressão de que isso seja importante apresentar aqui por conta da força da empresa. Parece que ela se apoia inclusive na força de seu país de origem, mas os maiores consumidores de seus serviços estão em África do Sul e Brasil. Não parece um tipo de serviço que pode oferecer algo por causa de sua origem? As mensagens trocadas indiscriminadamente por alguém que tenha plano de internet limitada em seu celular que não percebe que os “gigas” de internet se esgotarem. Alguns usuários não notam, mas a empresa facilmente detecta que os “gigas” se esgotaram; ou, então, as mensagens trocadas entre membros de facção criminosa, e a justiça não conseguir ter acesso⁶ ao conteúdo delas. Algumas reflexões ficarão suspensas neste ponto. Nos países desenvolvidos, há até reação de grupos de pessoas em não usar todas as tecnologias que aparecem, talvez, porque já possa ser notado algum tipo de saturação. Será que a tendência de descarte de tecnologias ultrapassadas em países “em desenvolvimento” continua? Brasil e África do Sul são considerados países em desenvolvimento, para nós, muita coisa é novidade. O AWA pertence ao Facebook. Então, pelas estatísticas, o Brasil foi o país onde teve mais usuários do Orkut, do Facebook e agora do AWA. Há relação nisso? Outro elemento curioso é o valor do acesso a internet no Brasil, na China e na Índia, pois, mesmo sendo um dos serviços de custo mais elevados, tem inúmeros usuários.

No último quadro do site, exposto e ampliado abaixo, há a demonstração da “criptografia de ponta-a-ponta”, o que possibilitaria um “fale o que vier a sua mente”.

⁶ Para mais detalhes acessar, ver página 15 da decisão judicial a seguir
<https://drive.google.com/file/d/0Bw3seZUv__5ubnFudjUwMm9OZGc/view>.



Figura 4 - Imagens divulgando a criptografia de ponta-a-ponta

O AWA parece explorar, em suas ofertas, o conceito de ciborgização, o qual pode ser definido brevemente pelo seguinte modo:

a ciborgização não está apenas no “uso” da tecnologia para produção de homens-máquina, de híbridos, mas no efeito de controle que o discurso da tecnologia produz sobre a subjetividade e sobre a sociedade, seja nas políticas científicas, nas políticas públicas educacionais, na ideia de mundo global, ou nos comerciais de TV, publicidades etc. (DIAS, 2013, p. 63).

Então, o “Fale o que estiver em sua mente” cria três ilusões: o empoderamento do usuário pela tecnologia, pela ferramenta, aparentemente pronta, acabada, efetiva, que se tem em mãos; e a virtualização da voz humana como indício de se aproximar ainda mais da efetividade absoluta entre as pessoas, criando a ilusão de eliminar os equívocos da linguagem e, mais do que isso, de aumentar seu alcance. Essa frase também cria a ilusão de que a linguagem é transparente e que temos pleno controle do que dizemos. Mesmo que a pessoa saiba que a linguagem não seja transparente, a ilusão criada é de que, por meio deste recurso, é possível a transmissão total dos pensamentos através da linguagem.

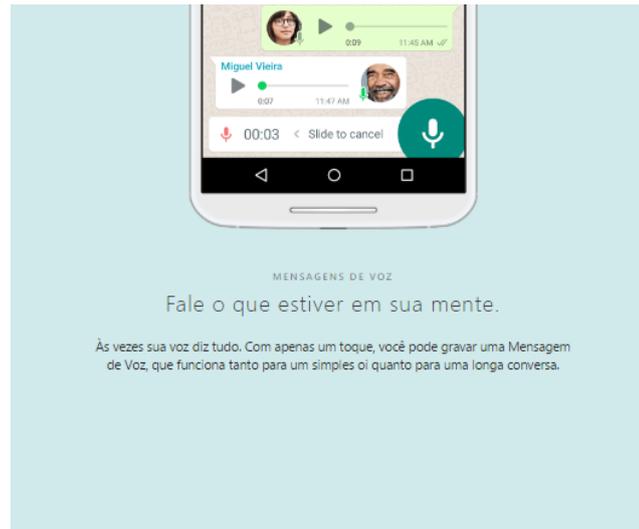


Figura 5 - A oferta de ciborgização da voz humana.

Assim, há explícita tentativa de empoderamento do usuário, pelo/no último quadro analisado; pois revela isto: fale o que vier a sua mente; ou seja, o que quiser; fale sem se preocupar com a entrega porque isso o aplicativo faz por você. Tudo contribui para o uso do AWA: o que ele oferece, funciona e como são apresentadas essas informações denota a tentativa de se aproximar do real, denota a virtualização do real, pois justamente é pela gravação da fala, muito mais rápida e prática do uso do aplicativo, que se envia uma mensagem mais espontânea (com menos tempo de pensar sobre o que se diz e como se diz), característica essa que é contrária a do texto escrito (mensagem escrita), pois, por vezes, escrevemos, paramos, pensamos melhor e depois modificamos⁷ o conteúdo ou a forma do dizer. Por esse último dizer, o que se apresenta (ou se tem) não é a facilidade ofertada pelo simples toque e a possibilidade de gravar voz (imagem sonora); não é a limitação de memória de armazenamento do celular que pode ser insuficiente se o usuário enviar muitas mensagens de voz ou imagens, pois esse aspecto da maioria dos usuários (sujeito-*WhatsApp*) é conhecido; é a virtualização do corpo, é a virtualização da voz, é a *ciborgização*, cuja “consequência é o de uma exteriorização do corpo humano”. Assim, o efeito de tecnologia como extensão do corpo é concebida como base desse discurso/dizer do site do AWA.

⁷ O protótipo de aplicativo chamado *Destroy Messages*, do artigo “*Destroy Messages: Design and Development of Software Tool for WhatsApp*”, é uma sugestão feita por uma pesquisa para deletar mensagens antes que cheguem aos destinatários; esse aplicativo interrompe a mensagem até servidor do *WhatsApp*, isto é, antes de alcançar o destinatário (JUMANI et al., 2016).

Por trás de sua imagem comercial, existem os algoritmos (ver glossário) e as linguagens de programação (ver glossário). Majoritariamente, o AWA usa uma linguagem não muito conhecida chamada *ErLang* (ver glossário). Ela tem características que chamam a atenção de programadores, pois permite atualizar o aplicativo sem que o serviço pare de funcionar, função denominada *hot swapping* (ver glossário) e é orientada à concorrência (ver glossário), assim, esta pode ver os objetivos da empresa que o criou, permitir que seus usuários pratiquem seus serviços sem serem interrompidos por conta de restrições técnicas de velocidade e a troca de mensagens não seja interrompida. Orientada à concorrência quer dizer:

Programas que podem operar diversas linhas de execução ao mesmo tempo. Por exemplo, o sistema de operação moderna permite você usar o processador de palavra, uma planilha, um e-mail de cliente e um arquivo a ser impresso ao mesmo tempo. Cada processador (CPU) no sistema está provavelmente operando uma linha (ou atividade) por vez, mas isso oscila entre os trabalhos em certo nível que causa a ilusão de estarem sendo operados todos de uma vez (ERLANG, 2017).

Nesse sentido, é no contexto de relação de poder tecnológico que se traduz o poder da empresa sobre os usuários, os elementos técnicos, os quais não são neutros, indicam escolhas de seus programadores.

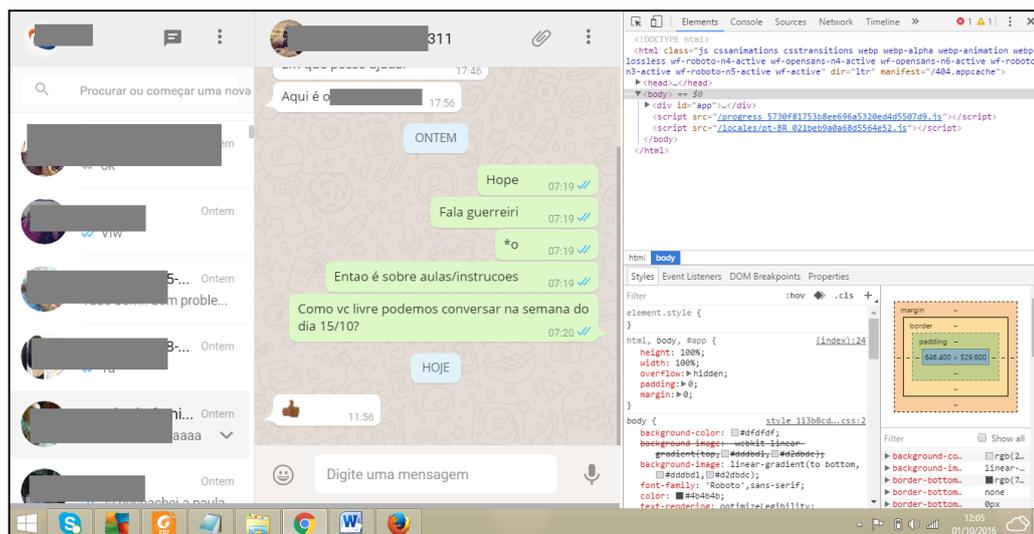


Figura 6– Ilustração de linhas de programação do site oficial do *WhatsApp*

Do mesmo modo que seu site oficial é construído e obviamente constantemente atualizado, assim o aplicativo *WhatsApp* também é constituído por algoritmos e constantemente atualizado. O site lança a ferramenta às vezes. Essa

exemplificação é sobre questão da linguagem de programação que precisa de ajustes ao longo de sua operação. Isso nunca vai cessar. Tanto a ferramenta quanto o site ou qualquer outro programa ou máquina sempre precisarão de ajustes em suas linhas de programação. Exemplo: o AWA vai mudar uma de suas características mais elementares, vai passar a registrar as conversas, porque até o momento apenas os celulares dos usuários fazem isso. A partir disso, buscamos demonstrar que a máquina sempre tem de se ajustar, porque sua integração deve ser feita a pessoas e sociedade. Algumas perguntas balizaram a breve pesquisa exploratória feita para conhecer o básico sobre a linguagem de programação predominante do AWA, são elas: como o AWA prende tanto a atenção de professores e alunos. Como o AWA é basicamente constituído? Além dos dizeres em torno de seu nome e em torno de seu uso, quais são os mecanismos que ele usa para isso?

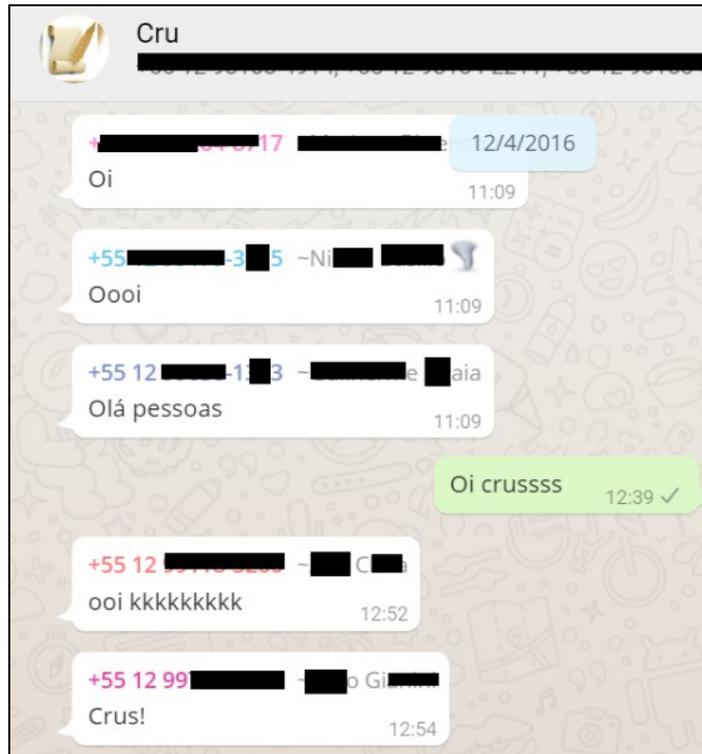
CAPÍTULO 3

Análise da relação professor-aluno pelo *WhatsApp*

A análise feita neste capítulo seguirá a tabela apresentada no corpus desta pesquisa. De modo geral, os trechos selecionados estão por turmas: 1º, 2º e 3º/curso preparatório e dentro de cada um desses itens, os Diálogos estão organizados por ordem crescente. Primeiramente, serão apresentadas as interações feitas no grupo do AWA de cada turma e, posteriormente, 4 casos de acompanhamento individuais, a saber: Aluna 1 e Aluno 2, sem data e horário pré-agendado para encontros pelo AWA e alguns presenciais, e Aluna 3 e Aluna 4, com data e horário pré-agendado para encontros apenas pelo AWA. Para organização geral dos relatos, será feita contextualização de cada trecho, com a data e, se relevante, o horário, elencando o conceito teórico a ser observado e a relação com o objetivo principal desta pesquisa.

3.1. O jogo entre professor vidente e alunos fujões: silêncio do *WhatsApp*

No primeiro caso, são os Diálogos do grupo do AWA do 1º ano. Em 5/4/16, houve a criação do grupo de AWA do 1º ano pelos alunos. A expectativa do professor-pesquisador era a de que a interação entre eles se intensificasse por meio desse canal e passassem a tratar dos assuntos relacionados à AR. Os alunos demonstraram presencialmente estar motivados a usar o AWA para interagir. Contudo, no período de 5 a 11 de abril, sete dias, não houve interação entre professor e alunos pelo grupo do AWA do 1º ano.



Diálogo 1

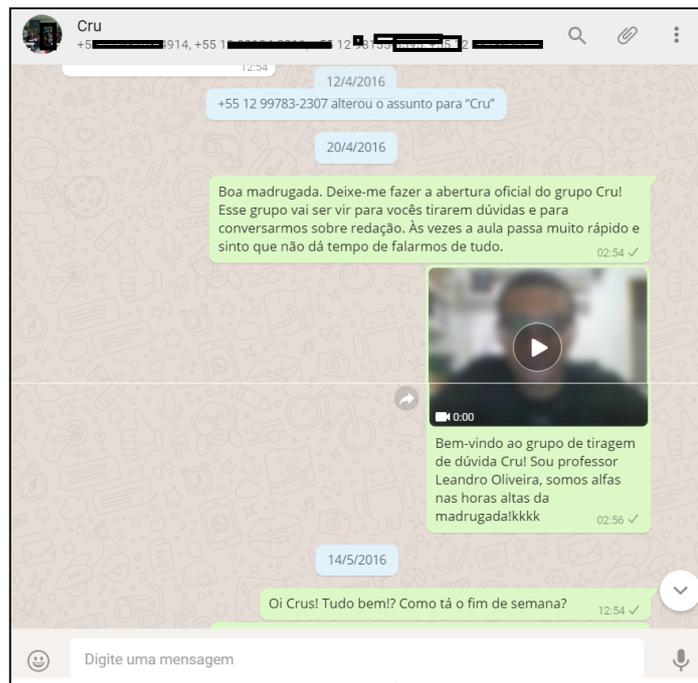
Quando o professor não interagiu antes dos alunos, o Diálogo no grupo do AWA, ou seja, as mensagens foram predominantemente de boas-vindas e, por volta de 12/04, algumas mensagens espontâneas surgiram no grupo.

Após as mensagens de boas-vindas, nos períodos de 15/04 a 20/04 e de 16/05 a 12/06, não houve interação pelo AWA entre professor e alunos até a postagem de um vídeo de 33 segundos, feito pelo professor, dirigido aos alunos, instruindo-os de modo formal sobre o objetivo da criação do grupo no AWA.

Obviamente, nossa expectativa ingênua de que os alunos seriam capazes de se organizarem sozinhos em torno da temática redação ou por terem em suas mãos um “recurso tecnológico” se desfez lentamente à medida que os dias se passavam. Isso porque acreditávamos que o AWA para auxílio nas AR pudesse ser um atrativo para os alunos, esclarecendo que ser atrativo não significava solucionar fácil ou absolutamente suas dúvidas de escrita na AR. Ademais, sobre tal iniciativa, em Diálogos informais entre colegas professores, alguns nos alertaram que os alunos nos sobrecarregariam de mensagens e trabalho, o que não se verificou logo após a criação dos grupos de AWA.

No dia 20/04, quarta-feira, o professor gravou e postou vídeo de 33 segundos para explicar a finalidade do grupo de AWA para a turma 1º ano, buscando estimular

a postagem das dúvidas. A resposta a isso foi o silêncio. O silêncio demonstra ser certo mecanismo discursivo de desvio da convocação do professor aos alunos.



Diálogo 2

No Diálogo 2, “Deixe-me” e “sinto” são expressões verbais, escritas pelo professor em sua mensagem de convite a participação no grupo. Essas denotam a mensagem centrada em quem está produzindo o dizer e não no interlocutor ou no conteúdo. Nesse trecho, notamos que, quando as mensagens estão centradas no professor ou na organização da interação pelo AWA, os alunos não interagem. Sem respostas dos alunos (silêncio), o professor falha na sua tentativa de estimular a interação. Foi observado que, modificando a mensagem como, por exemplo, alterando o registro do formal para o informal, a interação ocorre como no Diálogo 3.

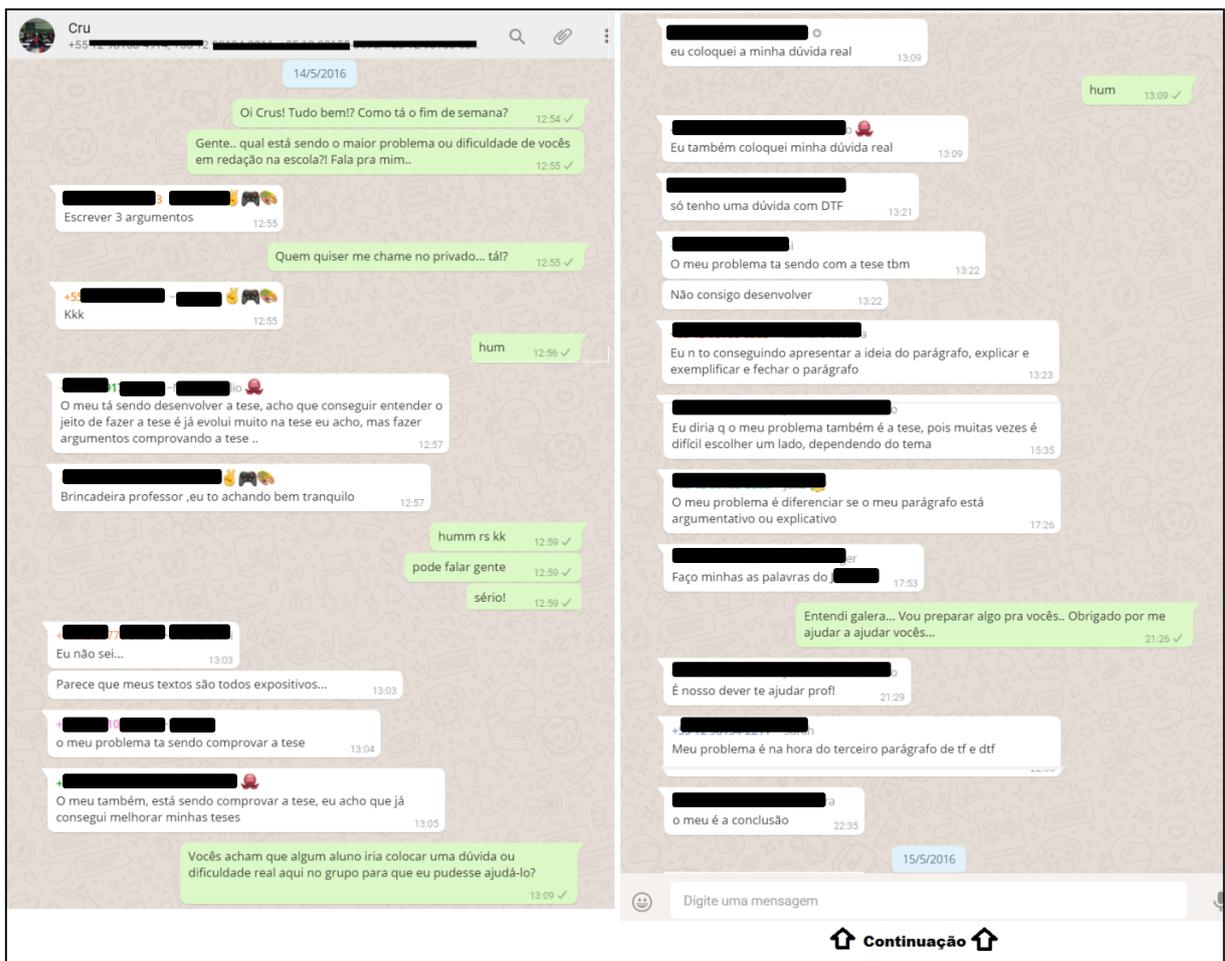
Desse modo, na última semana de abril, o professor-pesquisador junto a um pequeno grupo de alunos insistiu novamente no uso do AWA como ferramenta de auxílio das AR. Em resposta ao convite feito, alguns alunos responderam presencialmente às mensagens do AWA, enfatizando que se sentiam desconfortáveis em expor suas dúvidas para todo o grupo.

Em uma das AR, perguntamos se haveria algo sobre a escrita para conversar ou perguntar no grupo, e as respostas foram: *eu não colocaria uma dúvida no grupo... se for para tirar dúvida, prefiro mandar um zap individualmente*. Outro aluno, com o apoio da maioria dos colegas, endossou: *eu também não colocaria... prefiro*

discutir os assuntos e receber dicas de redação pelo grupo... não gosto de me expor.

Talvez tenha sido esse o obstáculo ao uso do AWA entre professor e alunos. A construção colaborativa parece ser evidente em alguns ambientes virtuais (de espaços físicos e situações comunicacionais diversas) preparados para tal, como exemplo a plataforma *Galanet*, “metáfora espacial, com diversos ambientes designados para funções específicas” de eventos comunicativos, a qual, dentre muitas características, tem chats para fins pedagógicos e aprendizagem de línguas. Por isso, frente a tais dados, questionamos se talvez o recurso tecnológico precise ser específica para educação?

Passemos ao Diálogo 3 que apresenta a interação informal entre professor e alunos.

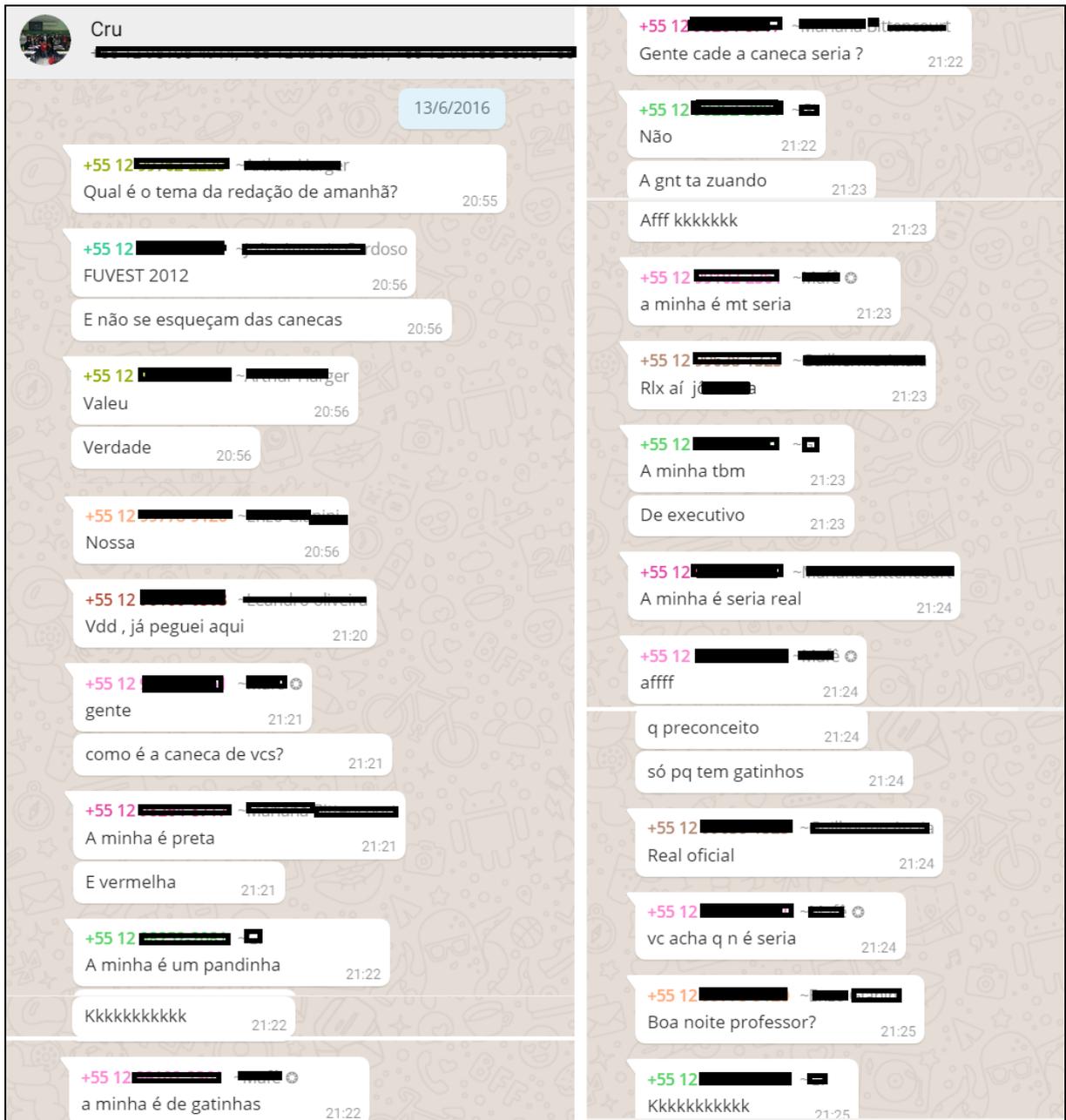


Diálogo 3

No dia 14/05, sábado, após intervenção pelo vídeo de 33 segundos, houve intervenção informal por mensagem escrita pelo professor no grupo do AWA do 1º ano (Diálogo 3), pedindo que listassem dúvidas e dificuldades sobre a escrita. As dúvidas sobre a escrita foram quase que imediata. De modo geral, as mensagens foram espontâneas e informais quando os alunos listam suas dúvidas. Inclusive uma das respostas foi da Aluna 4 (1º ano) que, individualmente, escreveu a tese e a introdução de redação pelo AWA.

O professor usa as palavras “...dificuldade de vocês”, colocando sobre os alunos a responsabilidade de dizerem suas dúvidas. Nessa nova tentativa, o professor interage mais ao longo das postagens das mensagens, mesmo que seja com um simples “hum”.

Ainda, no Diálogo 3, pode-se notar a construção da noção de proximidade e o distanciamento entre professor e alunos pelos enunciados “escrever 3 argumentos”, “kkkk” e “brincadeira professor, eu to achando bem tranquilo” do aluno. Notemos que a postagem das mensagens é a interação que o professor estava buscando, contudo, a brincadeira feita por um dos alunos faz surgir o enunciado de *resistência*, no sentido foucaultiano do termo, na relação professor/aluno pelo AWA.



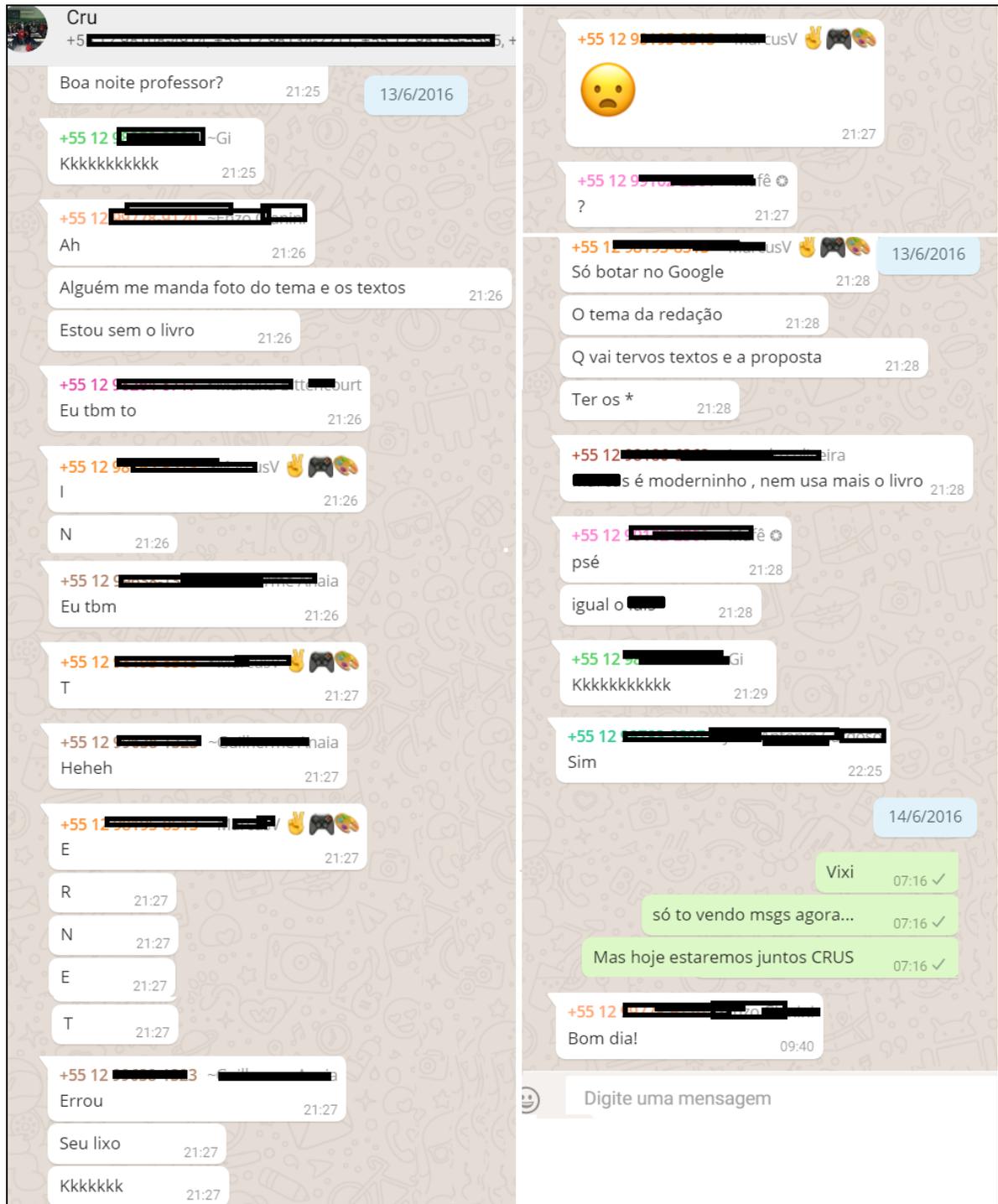
Diálogo 4

No dia 13 de junho de 2016, após ausência de interação inicial, um aluno irrompe com a pergunta “qual é o tema da redação amanhã?”, início do Diálogo 4. Em resposta, um dos alunos disse “FUVEST 2012”, e, logo em seguida, os alunos passaram a falar sobre canecas, por conta de uma comemoração no dia seguinte durante a AR, denominada de “batismo ou batizado”, em que os alunos deveriam levar canecas e xícaras para tomarem café juntos, enquanto fizessem redação. Nesse caso, a convocação não partiu do professor e sim de um dos alunos no grupo

e, quase que ao mesmo tempo, surge um enunciado resistente, provocando desvio à pergunta feita: a mudança de assunto.

Quando mudamos o assunto, discursivamente, estamos buscando estabelecer outro fio discursivo, outra FD. O manejo discursivo (in)conscientemente estabelece regimes de verdade que regulam os dizeres. No caso da interação professor e aluno pelo AWA, isso é evidente, pois, logo após a pergunta “gente / como é a caneca de vcs?” (21:21), as respostas foram todas direcionadas para ela até o último enunciado “vc acha que n é séria” (21:24).

A pergunta “Boa noite professor?” (21:25) pode significar uma tentativa de envolver o professor na interação sobre o “batismo” e/ou pode significar certo tipo de vigilância dos alunos. Ou seja, o aluno poderia estar testando para saber se o professor estava vigiando a turma fora do horário de aula, ou poderia estar vigiando o professor, ou apenas convidando o professor a participar do diálogo. Contudo, para o sujeito digital, a criação do efeito de 24 horas disponível é concebível e o contrário é absurdo.



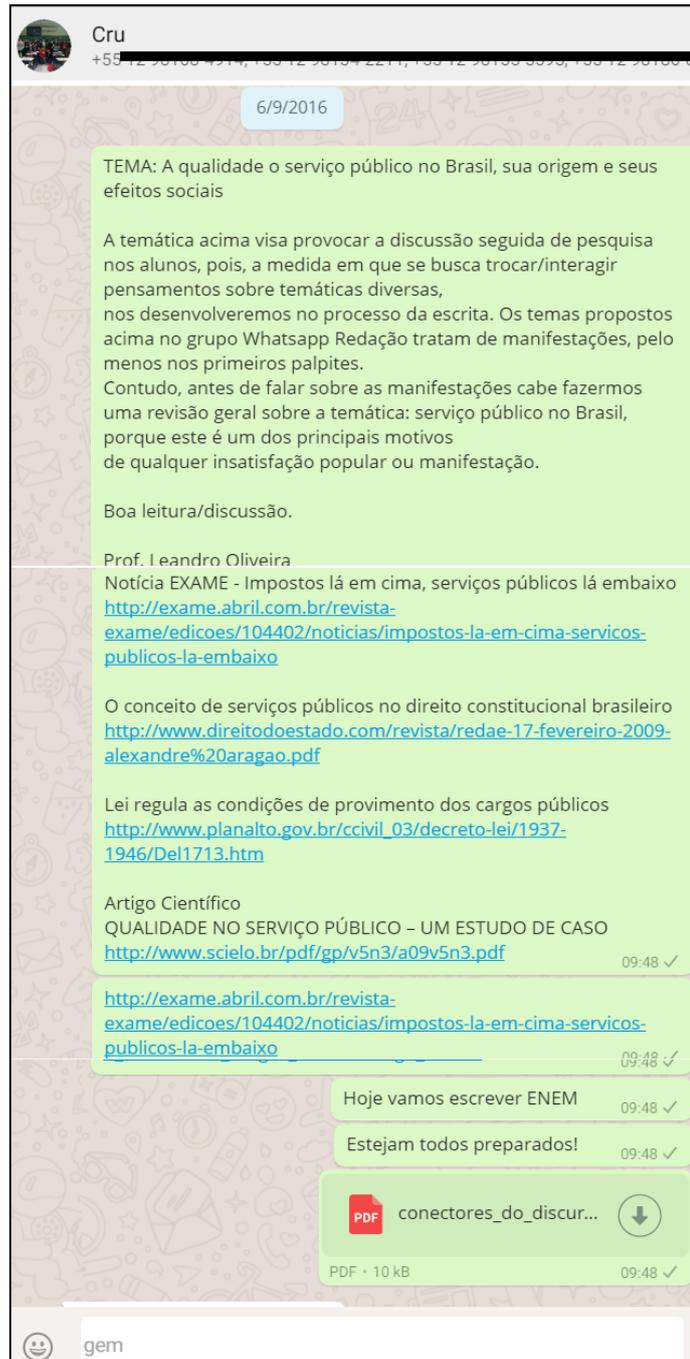
Diálogo 5

O enunciado “Alguem me manda a foto do tema os textos”, no Diálogo 5, fez o Diálogo voltar ao assunto do tema da redação, que foi o início dessa interação. Quando ciclicamente a interação retorna à pergunta inicial: “Qual é o tema da redação de amanhã?”, as respostas demonstram que, quando o assunto é estudo, os alunos fogem do trabalho da escrita, da responsabilidade.

Nesse Diálogo, é feita a pergunta “Boa noite professor?” que parece mostrar a vontade de verificar a presença do professor por parte de um dos alunos, enquanto a interação ocorre. Um dos alunos está em um grupo do AWA, pedindo foto do tema de redação, conforme Diálogo 5, lembrando uns aos outros a levarem suas “canecas”, avisando que estão sem o livro. O tom de brincadeira da sala de aula presencial transfere-se para o grupo do AWA. Fica marcada a liberdade deles pelo enunciado expresso na palavra “I-N-T-E-R-N-E-T” que é interrompido com a mensagem “eu tbm”, após ter digitado as duas primeiras letras da palavra “internet”.

O lugar de fala do aluno ao dizer a expressão “seu lixo” é de proximidade com seu interlocutor, quando, na sequência do trecho de mensagens, no Diálogo 5, outro aluno posta “errou // seu lixo // kkkkkkk”, para evidenciar no grupo que aquele que tentara escrever “internet” em letras separadas por mensagens fora interrompido em sua brincadeira.

O DP torna-se predominante quando um aluno está brincando com o outro (Diálogo 5), porque o sentido construído em interações como essa é similar àquela que ocorre nas AR presenciais, em que alunos brincam se provocando e/ou em casos extremos se humilhando. Assim, como não houve a intervenção do professor, as brincadeiras mostraram ter a tendência de se estender e de talvez produzir uma resposta inadequada como “Só botar no Google” (21:28). Ora, o pedido feito às 21:26 não era como encontrar o tema da redação dada em AR pelo professor, ou ainda, não foi em qual site poderia se encontrar o tema de redação. O enunciado era: “quem tem o tema e os textos para redação pode enviar para mim, por favor”. Nota-se aí o entrelaçamento do DP com o DG, pois, quando o aluno pede algo ao colega de turma, isso se assemelha a pedir algo emprestado em sala de aula, e o DG é marcado na interação quando um dos alunos aponta para a ferramenta de busca *Google* como solução para falta de informação ou como modo de facilidade. O sujeito digital concebe as novas tecnologias principalmente as da informação como solução para os males da humanidade, da mesma maneira, o sujeito digital quer ser amplificado pelo uso das novas tecnologias. Passemos ao Diálogo 6.

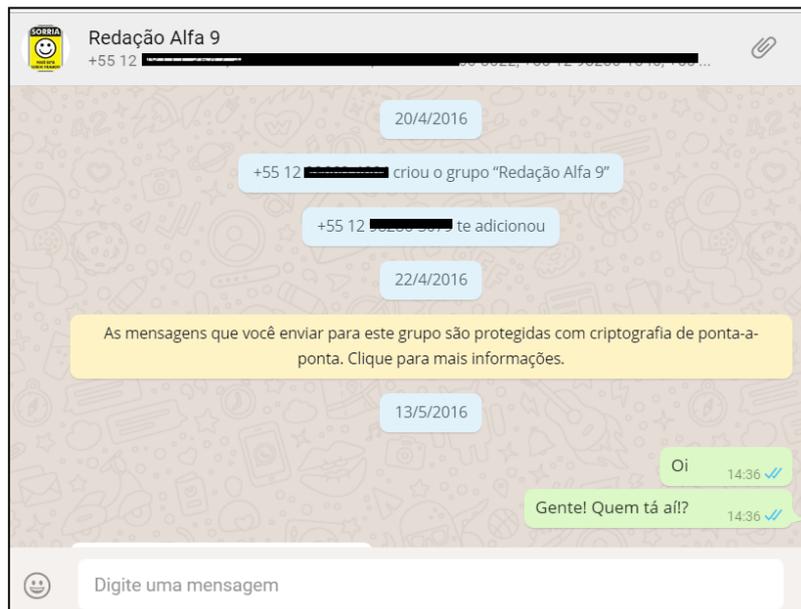


Diálogo 6

No dia 06/09, o professor enviou pelo AWA para a turma do 1º ano material a ser usado na próxima aula de AR (Diálogo 6). Os alunos não se pronunciaram (silêncio) em relação a isso no grupo do AWA, apesar de o material ter sido usado em sala de aula para breve discussão sobre o tema. Foi por conta dessa ausência de pronúncia que o professor percebeu que pudesse estar usando negativamente o artefato.

O silêncio recebido como resposta por postar materiais a ser usado em sala de aula pode ser que revele o uso inapropriado do AWA pelo professor. A interação parece ser o alvo do aplicativo, pois apenas o uso isolado da vantagem do AWA como “envie documentos” pode ser pouco produtivo para esse meio.

Passemos às interações com o grupo do 2º ano, que, do mesmo modo que o grupo do 1º ano, não houve imediata interação no grupo até dia 15/05, e levou aproximadamente um mês para isso ocorrer.



Diálogo 7

Alguns enunciados podem ser extraídos desse primeiro grupo de *prints* para delimitação da FD posta neste ambiente. O grupo de AWA (re)constrói o ambiente de sala de aula fora do horário e do local físico reservado para isso. Quando o professor envia material para leitura ou discussão, isso não provoca resposta por parte dos alunos; contudo, se é feita uma pergunta direta e de modo informal, a resposta é postada por algum aluno, mesmo que junto dela haja a brincadeira por parte de algum outro aluno.

Ainda, nesse sentido, no contexto de interação pelo AWA, há o apagamento da preocupação do usuário com o horário, pois, apesar do horário e local físico dos alunos e professor, muitas mensagens foram trocadas entre alunos e professor. Enfim, os limites de tempo e de espaço são ignorados, a FD Digital é posta em evidência, e o silêncio dos alunos mostra que o horário de envio da mensagem é relevante.

Considerando o próprio mecanismo de captura de atenção do AWA, o que está em jogo para os sujeitos-usuários do aplicativo é também a capacidade de captura de atenção. O incomodo ao se enviar mensagens ou documentos tarde da noite pode significar comportamento inapropriado para alguns interlocutores, contudo, ser respondido simbolizaria algo bem mais rico para a relação professor/alunos.

As mensagens podem ser trocadas fora da aula programada, dia e horário previsto para acontecer, patrocinada pela instituição escolar como é o exemplo na figura 7. Nesse caso, 13/05/2016 foi uma sexta-feira; as aulas, segundo o quadro horário, eram às terças e quartas.

No dia 15 de maio de 2016, domingo, houve intervenção por mensagem do professor de modo informal no grupo do AWA do 2º ano, pedindo que listassem dúvidas e dificuldades sobre a AR, no Diálogo 8 a seguir.



Diálogo 8

Diferentemente dos alunos do 1º ano, os alunos do 2º pediram, dentre outras coisas, textos e *links* selecionados pelo professor para evitarem a leitura de informações tendenciosas e sensacionalistas. Isso reflete bem o momento em que cada grupo se encontra, pois o grupo de AWA do 1º ano enfatizou características

relacionadas ao texto dissertativo-argumentativo e o grupo de AWA do 2º ano destacou a qualidade do conteúdo. Justamente na chamada era da informação ou do conhecimento, quando o acesso à informação é amplo e (quase) irrestrito, intrigamos alunos do ensino médio pedirem que o professor escolha para eles.

Foi pedido ao professor que indicasse leituras, conduzindo a navegação pela internet (Diálogo 8) nos enunciados: “daora se vc mandasse notícias” e “Vc poderia indicar...”. As justificativas para tal pedido foram variadas. Depois da mensagem da Aluna 3 que pediu ao professor textos sobre política, economia ou possíveis temas, as mensagens endossaram o pedido de que o professor os guiasse na leitura por basicamente dois motivos: fuga da parcialidade ou sensacionalismo das notícias e temas voltados ao vestibular.

Segundo a Aluna 5, ela não fazia (ou não conseguia fazer) “nada de útil com a internet em relação à política e economia”. Nesse sentido, pelas mensagens seguintes, os alunos demonstraram querer “navegar” melhor, usar melhor a internet, pois sentiam que “é preciso”, no oceano de informações pelo celular ou pelo computador.

Neste trecho, compara-se o mar de informações e o oceano que dividira continente registrado na história das grandes navegações. Ainda mais, porque parece se assemelharem os *sujeitos da falta*, pois, quanto mais se caminha e busca a ter, menos se parece ter. *Grosso modo*, a ilusão está em caminhar e ter a impressão de que, em um dado momento, chegar-se-á ao ponto perseguido, como a ilusão de ótica de uma linha de trem. “Navegar é preciso, viver não é preciso”, a famosa e deslizante frase do general Pompeu, da obra “A vida de Pompeu” (PLUTARCO, 106-48 a.C.) persiste historicamente como discurso (de fascínio / fetiche?) ao desconhecido/a tudo que falta em vozes de artistas, desde Fernando Pessoa à banda Rappa, como pode ser visto no artigo *Um olhar intertextual em: Navegar é preciso, viver não é preciso* (BELLE, 2004). Vimos surgir nos enunciados dos alunos, no Diálogo 8, a vontade de navegar e se deixar levar por alguém que os guiassem, os ensinassem a tirar proveito das informações para si, que é marca da era digital; assim, a fórmula fixa de um gênero textual escolar (dissertação-argumentativa) demonstra não ser mais suficiente para os alunos do 2º ano.

Além das dificuldades referentes ao gênero textual (dissertação-argumentativa), quando os alunos pedem ao professor que selecione textos a serem

aproveitados no vestibular,???? podem ser aproximadas dos conceitos de *vontade de verdade e de poder* (FOUCAULT, 1988, p. 70-71).

Interessante é a confiança dos alunos no professor para fugir da notícia sensacionalista. Nas AR, eles são cobrados a assumirem ou construírem seus posicionamentos frente aos temas. Um dos alunos justifica ser bom que o professor escolhesse as notícias para que eles pudessem ler, porque as notícias estão fortemente marcadas de sensacionalismo (discurso da propaganda/da audiência). A velha ilusão do neutro permeia o dizer: “acho que a maioria dos sites que vemos já vem acompanhados com a opinião de quem escreveu, sabe?”.

Isso pode ser interpretado de duas maneiras, o professor é digno de confiança na condução das leituras, como dito ou ele é considerado um “entregador de serviços”. O aluno parece não querer ter o trabalho de selecionar os textos e se esquivar do trabalho da construção de seu conhecimento ora por brincadeiras, por “kkkkk”, mudando de assuntos e outros. Por essa segunda interpretação, percebe-se que há um jogo entre eles, o professor os convoca a se deslocarem intelectual e subjetivamente, e os alunos aceitam algumas vezes e, outras, fogem, esquivam-se, pois isso pode gerar angústia e muito trabalho para eles.

Os exames vestibulares transpareceram nas mensagens do AWA pelos enunciados “assim como possíveis temas” e “pode ser voltado para o vestibular”, pois os trechos em destaque são pedidos feitos por alunos ao professor e, então, eles evidenciam a preocupação com temas de vestibular. Cabe ressaltar que os alunos, nesse contexto, querem que o professor envie notícias como adivinhação de temas de vestibular. Dessa maneira, a “cultura-vestibular” mostra que não se requer um professor, mas adivinhos. Os estudantes querem formar opinião sobre determinados temas/questões, o que lhes exigiria um esforço essencialmente pessoal, algo que ninguém poderia fazer por eles, e, contraditoriamente, solicitam que o professor faça isso por e para eles. Logo, parece ser esse o papel do professor como *deliverer* de um serviço de informação/conhecimento.

Em certa ocasião, este professor-pesquisador perguntara a uma aluna, estudante de curso técnico em informática, de Ensino Técnico e Médio da Escola Técnica do Estado de São Paulo, se ela consideraria que um dia o professor pudesse ser retirado das aulas, perguntara se os professores poderiam ser superados principalmente pelo volume de informação disponível na internet atualmente. A resposta dela foi: “Sim. Sim, acho que sim.” Essa foi uma resposta

inesperada, justamente por ela ser uma aluna que sempre conversava nos corredores com este professor de Língua Portuguesa, buscando orientação e conselhos na tomada de posições frente a temáticas polêmicas da sociedade em que vivia.

Quando um aluno com acesso a muitos e diversos tipos de canais de informação, como no Diálogo acima, pede para receber notícias por meio do recorte discursivo-ideológico de seu professor de redação, como no enunciado: “A2: Seria daora se vc mandasse notícias sobre política, economia, etc que podem nos auxiliar nas redações ...” causa estranheza. Um certo discurso sobre a tecnologia revela que o ciberespaço amplifica, exterioriza e modifica funções cognitivas humanas como o raciocínio, a memória e a imaginação. Contudo, isso não elimina a necessidade que o aluno terá de se posicionar individualmente, seja por conta do exame de vestibular ou por qualquer outro motivo.

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva (LÉVY, 1999, p. 160).

Dentro disso, Pierre Lévy questiona indiretamente a organização do sistema educacional e o papel do professor. Fora percebido, pela resposta dos alunos no Diálogo 8, que eles mesmos não viam (ilusão) que precisavam do professor para desenvolver sua própria maneira de recortar/escolher/articular a(s) realidade(s) até serem convidados a enunciar no grupo do AWA.

Além disso, a “coisa-a-saber” representa “tudo o que arrisca faltar à felicidade do sujeito pragmático” (PÊCHEUX, 2015 [1988], p. 32-33). Sujeito pragmático é o sujeito kantiano, o que representa *o espectador universal como fonte da homogeneidade* (PÊCHEUX [1988], 2015, p. 32-33). Esse conceito de sujeito é uma das formas-sujeito aparente nas mensagens do Diálogo 8, pois o aluno acredita na possibilidade de sentidos neutros, homogêneos.

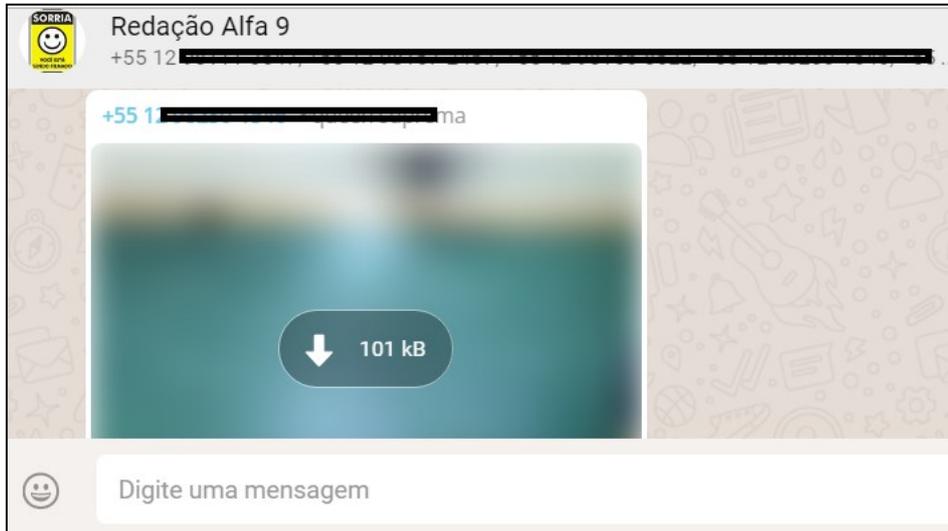
Por essa perspectiva, nota-se, no pedido do aluno ao professor, o pedido de “coisas-a-saber” para um determinado fim, vestibular, e que nunca se sabe. Em:

“Ahhh pra não vermos notícias sensacionalista ou muito parciais, daí vc poderia passar pra gente um site que não faria isso” (Diálogo 8), marca-se o discurso de um projeto de saber unificador (PÊCHEUX, 2015 [1988]); aquele que pretende haver uma estrutura homogênea capaz de assegurar o controle sem risco de interpretação nos textos em geral. Por último, ainda no mesmo enunciado, o trecho “pra não vermos” expressa: queremos fechar os olhos e deixar de ver algo que nos atrapalhe, algo que deixe de ser homogêneo, universal, possível de ser dito ou até mesmo pensado.

O vestibular está impresso nos dizeres "Assim como possíveis temas, etc..." e “Pode ser voltado pro vestibular” do Diálogo 8. Esse pedido ou “pode ser” e “Boa”, mensagem de apoio do aluno Garcia, também pode indicar que o aluno quer formar sua opinião sobre alguns temas diferentemente do vestibular. O real implícito, no pedido do aluno, é o exame de vestibular, e a prática escolar demonstra ter suas próprias condições de produção de fala/escrita. Ao meu ver, o ideal seria que as AR ajudassem os alunos sem que se falasse no termo vestibular, que tal prática se situasse entre o ideal e o real, pois, como nos alerta Pêcheux (2015 [1988], p. 29): “... o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra”. Para nós, real é toda e qualquer resposta que venha de um aluno outro fator em uma AR, seja presencial ou pelo AWA. Por vezes as respostas podem significar obstáculos, como a ausência de tempo para conversar individualmente com cada aluno(a), ou então, após uma sequência de aulas, o aluno ainda esboçar dúvida sobre o conteúdo abordado. A realidade aceita os fracassos e as dificuldades do processo ensino/aprendizagem, pois nós o encontramos, deparamo-nos com eles. Por outro lado, o ideal simboliza a qualidade que se quer alcançar no resultado do trabalho com o aluno, o que pode significar uma nota boa em um exame de vestibular ou uma compreensão sobre um determinado conteúdo que os alunos possam apresentar. Enfim, o ideal também expressa o desejo de se trabalhar a reflexão dos alunos por meio de textos, sem a necessidade de estar sempre “preso” à pressão do vestibular.

No Diálogo 8, em “Acho que a maioria dos sites que nós vemos já vem acompanhados da opinião de quem escreveu, sabe? Pelo menos no meu caso, dificilmente acho um site que venha só com o assunto neutro ou, como disse o A2, que um pouco desse sensacionalismo.”, destaca-se uma velha ilusão: a do discurso neutro, da imparcialidade ou da possibilidade de se tê-lo sem sujeito, isto é, aquele

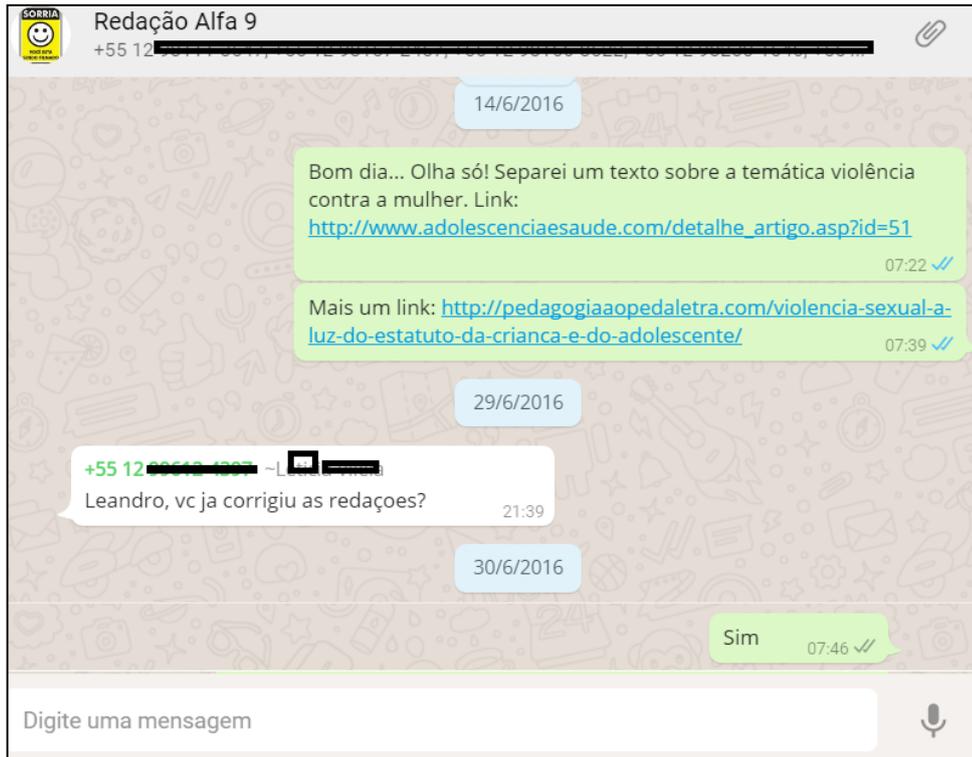
que nega a posição de interpretação (PÊCHEUX, 2015 [1988], p. 47). Velhas ilusões continuam a assombrar as mentes de nossos alunos e até de alguns colegas da área.



Diálogo 9

No dia 01/06, a Aluna 13 postou 3 fotos da lousa (amostra de foto embaçada) de uma AR com atividades a serem desenvolvidas futuramente, combinadas em sala de aula entre professor e alunos.

No período entre 02/06 e 13/6, o grupo de AWA do 2º ano fica em silêncio. Assim, no dia 14/06, foram postados pelo professor dois *links* sobre violência sexual contra a mulher na adolescência. Mesmo assim, o grupo permaneceu sem interação até o dia 29/06, segunda, 15 dias em silêncio, até a postagem da pergunta “Leandro, vc já corrigiu as redações?” que teve como resposta “Sim”. Passemos ao Diálogo 11.



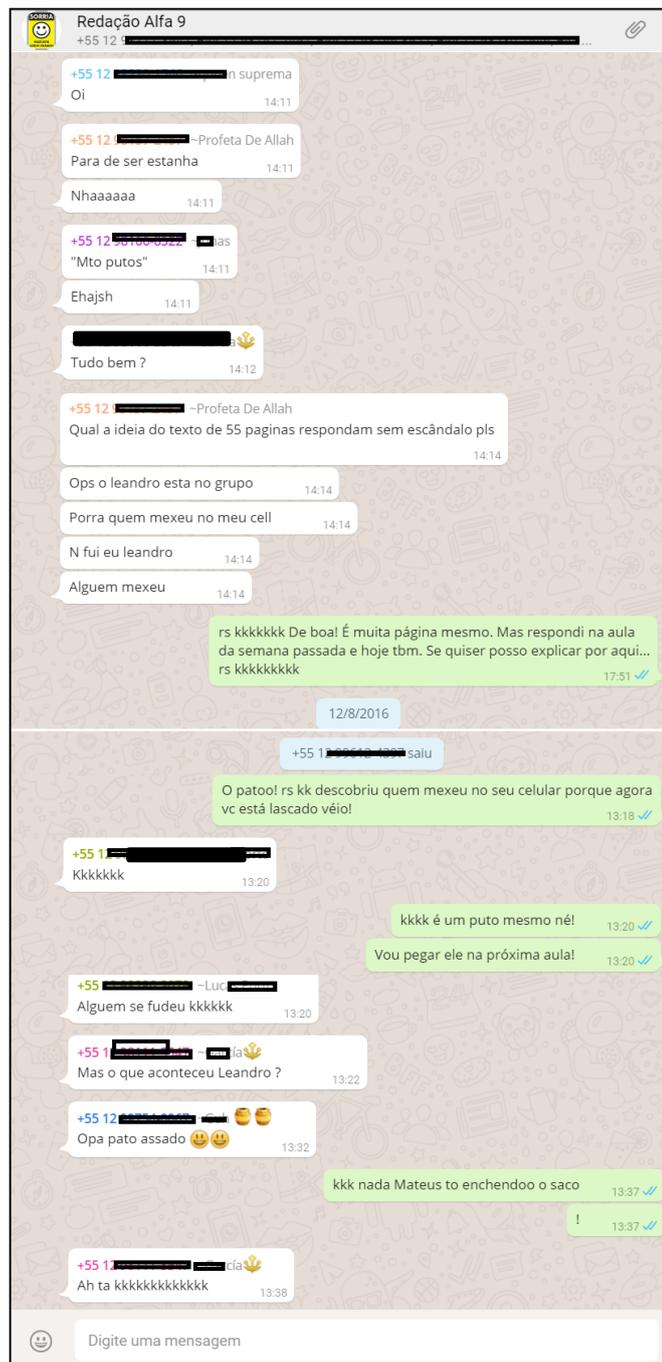
Diálogo 10

No dia 30 de junho de 2016, o grupo do AWA ficou sem interação entre professor e alunos até a postagem do tema sobre serviço público com alguns *links* sobre o conteúdo selecionado pelo professor.



Diálogo 11

Passemos ao Diálogo 12, por volta do dia 12 de agosto de 2016, ocorreram mensagens informais entre alunos, as quais trazia um conteúdo que, em certa medida, deveria ser proibido (ou: que não era de interesse do professor) para o professor. Elas iniciaram porque a Aluna 13 trouxe ao grupo de redação do 2º ano do AWA algum diálogo que provavelmente estava sendo feito em outro grupo ou particularmente entre ela e seu interlocutor direto. Pelos enunciados, percebe-se que os colegas reclamavam da quantidade de páginas do documento de um dos *links* enviados.



Diálogo 12

No mesmo dia, 14/08/16, domingo, no Diálogo 13, o Aluno 8, quem havia se ausentado da AR (quando o professor explicara o motivo de tantas páginas de um dos documentos), ficou aparentemente perturbado com quantidade de páginas do documento enviado ao grupo do AWA. Por essa “reclamação”, nota-se que o sujeito é constituído pelo DP e pelo DG, pois primeiro o aluno parece querer menos trabalho, resistindo pela reclamação a convocação do professor e, em segundo lugar, o DG aparece pelo uso estranho do aplicativo.

O dizer “nunca foi tão fácil enviar documentos” (WhatsApp, 2015a) trata o benefício de modo genérico, pois, nos casos específicos de seu uso, pode não ser tão fácil. Em todos os envios, o conteúdo é relevante; especialmente, na relação professor-aluno, o contexto, o conteúdo e o número de páginas precisam ser considerados.

O Diálogo 12 foi gerado por contato do envio de documentos para estudo complementar e em sala de aula dos alunos. Nesse Diálogo, a relação de proximidade foi construída por meio da linguagem usada no grupo do AWA. Os alunos provavelmente migraram de outro grupo, onde o professor não estivesse presente, para questionar o tamanho dos documentos enviados para AR. O desconforto com o tamanho do texto denuncia que o envio de documento extenso pelo grupo do AWA também não é algo aceito pelo grupo do AWA, do mesmo modo que textos grandes não são aceitos em aulas presenciais por esses alunos.

As brincadeiras são traços marcantes nas salas de aula. Os alunos do 2º ano e o professor por vezes se encontravam em momentos descontraídos presencialmente, e isso também ocorria no grupo de AWA. Quando o aluno denominado “profeta de Allah” fez a brincadeira: “opa o leandro está no grupo”/ “porra quem mexeu no meu cell”, todos os outros comentários seguintes simularam o ambiente de brincadeira comum nas AR presenciais.

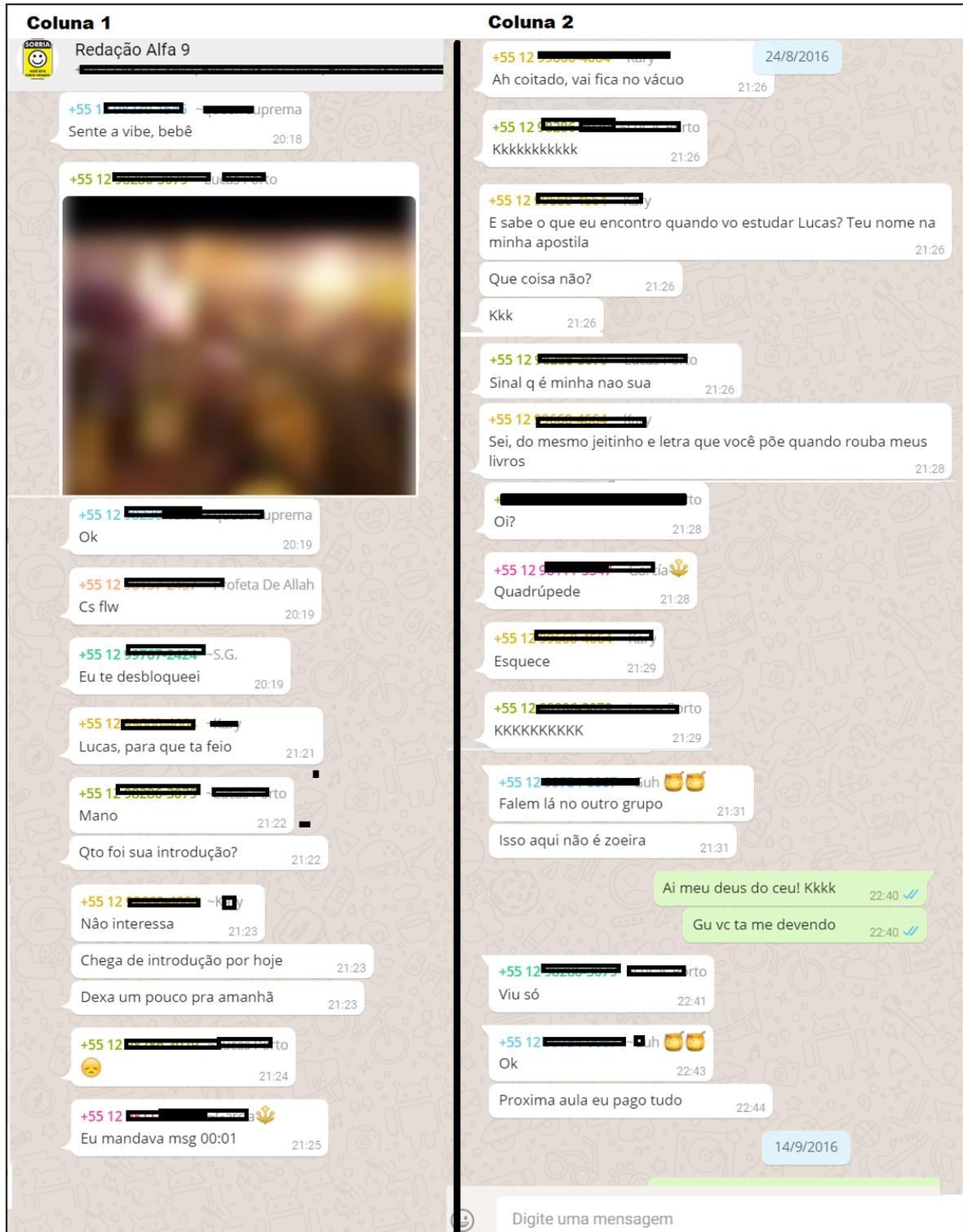
Pode parecer uma reclamação comum, porém essa brincadeira fazia referência ao número de páginas, 55 para ser específico, de um documento postado pelo professor para ser usado em um trabalho de exploração bibliográfica. Dizer que o professor estava no grupo esboça a consciência deles em relação a isso.

No dia 24/08, domingo, o aluno Ribas postou a imagem de sua própria mão e disse: “sabem essa mão? Ela que escreveu a introdução nota 1000”. Passemos ao Diálogo 13.



Diálogo 13

O motivo desse comentário foi um elogio deixado pelo professor na folha de uma das redações feitas durante a semana. A foto da “mão nota 1000” irrompeu o silêncio do grupo, provocando diversas outras mensagens que evocavam tom de brincadeira no grupo do AWA. Assim, logo após falar de sua própria mão, o aluno mudou de assunto e pediu para ser desbloqueado, “exigindo”, dos colegas, respeito por ter sido referenciado, pelo professor, como uma boa introdução, na devolutiva de uma das redações que fizera. Passemos ao Diálogo 14.



Diálogo 14

No dia 24/08, mais conversas informais entre alunos, as quais, de certo modo, deveriam ocorrer também apenas entre eles, não incluindo o professor. Ainda, no dia 24/08, foram enviados para o grupo do 2º ano do AWA texto e *links* sobre segurança nas redes sociais, pois nossa intenção era continuar com o trabalho de leitura e discussão de temas relevantes para a sociedade.

No Diálogo 15 o professor envia textos e *links* para os alunos do grupo do AWA do 2º ano, e um deles, o aluno que se referira a sua mão no Diálogo 14, tenta refutar o recebimento de tais materiais.



Diálogo 15

“Kkakakakakaka cuzaum”⁸ é enunciado por um aluno que tentava refutar os textos e links escolhidos e enviados pelo professor no grupo de AWA, porque ele

⁸ O enunciado “cuzaum”, postado pelo aluno, significa o baixo calão “cuzão”, cujo significado é rívido ou chato.

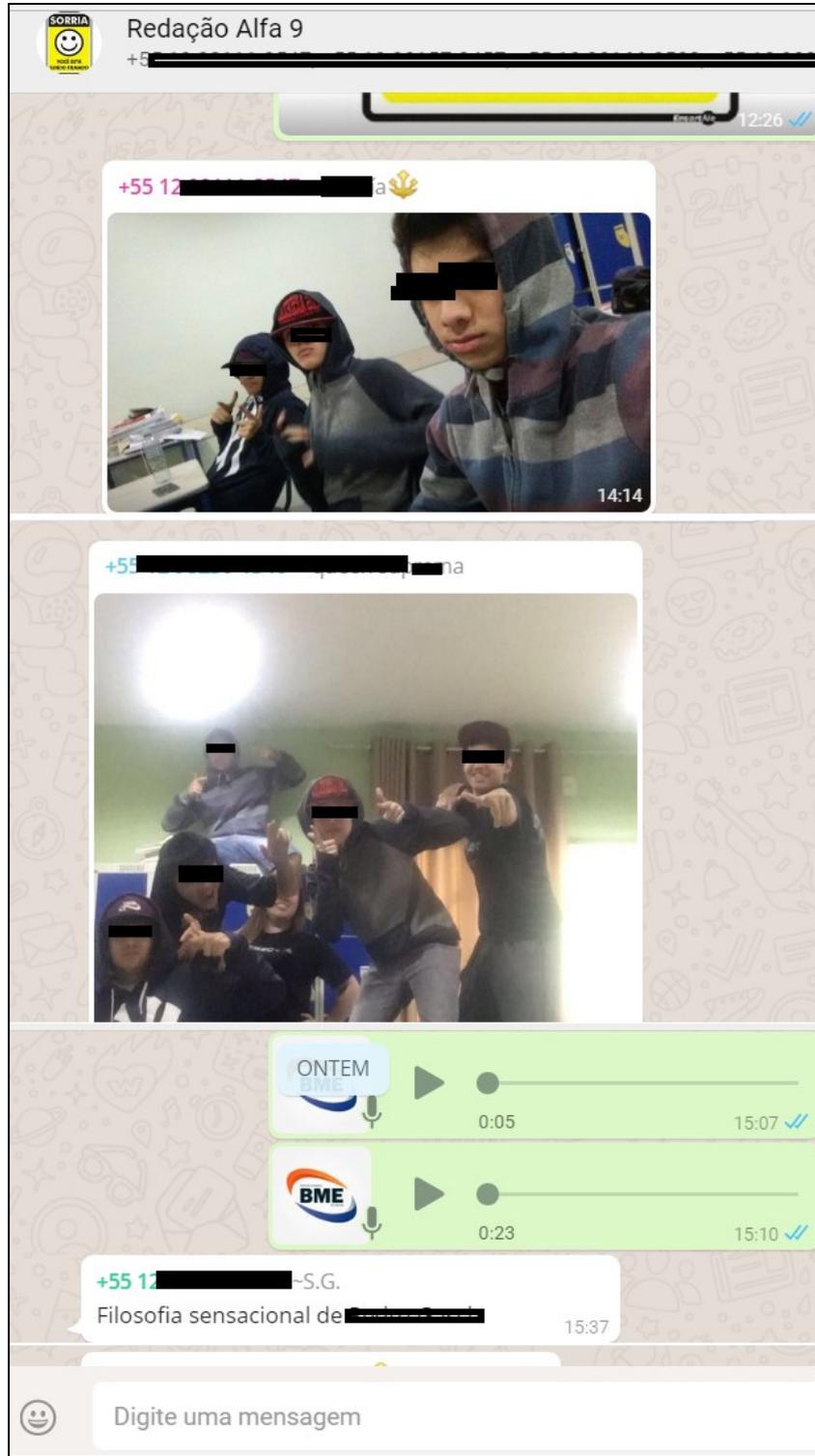
(aluno) parecia estar satisfeito com os textos e *links* enviados anteriormente; ou porque sabia que juntamente com os materiais receberia alguma tarefa a executar ou redação para escrever, e isso ele não queria. “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” (PÊCHEUX, 2015 [1988], p. 53). Poder-se-ia concluir que o palavreado usado pelo estudante seria inapropriado para dirigir-se ao professor, contudo, a construção do sentido, nesse contexto, deve levar em conta a relação presencial entre ambos. O aluno evidenciava profundo respeito e admiração pelo professor e, inclusive, se orgulha de cada elogio ou se perturbava em lágrimas por uma repreensão com as palavras que professor lhe endereçava.

Ocorre no caso o uso de palavras ou expressões que talvez não fossem ditas presencialmente. Ao se considerar, especificamente, o aluno em questão notou-se que presencialmente ele nunca usara palavras como essa diretamente ao professor. Pode ser que aqui se mostre o efeito da tela, como diz Buzzato (2016). Efeito que para nós, assemelha-se aos traços do DG. Por trás das telas nos empoderamos e somos pegos pela ilusão de não podermos ser alcançados e isso se manifesta pelos léxicos empregados. Assim, parece que uma característica DG é oferecer ao sujeito a sensação de proteção, pois protegido, ou seja, em harmonia com o discurso predominante, pode-se dizer ou não. Ainda, essa característica pode ser notada tanto nos dizeres propagandísticos do AWA, “fale livremente”, quanto na fala do aluno em questão.

A proximidade típica na interação presencial entre professor e aluno se transpunha para o AWA e passava a ser construída no e pelo texto (verbal ou não-verbal), dito internetês: “Nem vem Leandro” / “N começa nao” / “Naaaaoo”. Essas mensagens pareciam ser as falas de brincadeiras entre colegas, quando um deles dizia que não queria e o outro insistia, pois sabia que aquele “N começa nao” teria o efeito de sentido de um convite para uma brincadeira entre colegas.

No dia 14/09, os alunos do 2º ano, durante a AR, participavam de uma discussão acalorada, e dois fenômenos curiosos puderam ser registrados no grupo do AWA: alguns deles tiravam fotos de si próprios em postura “indisciplinar” e comentavam o momento, ambos eram feitos no grupo do AWA. Eles pareciam querer aproveitar a situação de discussão para formação de opinião própria e apropriarem-se de um saber, escrever um bom texto, eram estimulados a elaborarem proposições argumentos para os apresentarem aos colegas em sala de

aula. Contudo, no jogo entre professor e aluno, esquivavam-se por meio das brincadeiras da convocação do professor para o trabalho.



Diálogo 16

Para Buzzato, força da tela, *grosso modo*, parece ser o poder de controle sobre a atenção dos sujeitos que os eletrônicos mostram no cotidiano. Assim, a ausência dos laços sociais juntamente com a *força da tela*, além de constituírem de algum modo a visão de mundo do sujeito-aluno e sujeito-professor afetam as práticas escolares. No Diálogo 16, verificou-se a força da tela, a atenção excessiva dos alunos ao celular e a *self*.

O clichê contemporâneo (termo usado por Buzzato) apresenta-se de maneira inerente ao uso/prática social das novas tecnologias ligadas à comunicação – obviamente também se revelará entrelaçada, intrincada, ao discurso pedagógico. Buzzato faz um apanhado de pesquisas que evidenciam um dos clichês contemporâneos *força da tela*, aquela atenção dada excessivamente ao celular enquanto se está com uma pessoa ao lado, (de um smartphone) e a “praga” das *selfies*, a interrupção do aqui e agora para fabricar o fantasma do ali outrora (2016, p. 177).

Todo fato que é dito já é uma interpretação e por mais que se faça projeto para e de “coisas-a-saber” não se pode garantir o equívoco ou a diferente interpretação de um acontecimento (PÊCHEUX, 2015 [1988], p.35). A postagem das fotos desses alunos por eles próprios no grupo de AWA, no Diálogo 16, pode ser interpretado como a manifestação de duas noções o clichê contemporâneo (BUZZATO, 2016), que altera o comportamento dos alunos regular dentro da sala de aula, e a força da tela. Ambos (Clichê e força da tela), ao nosso ver, tem relação direta com as “iscas de atenção” e, assim, os corpos dos sujeitos-alunos se resignificam na tela do AWA. Provavelmente os alunos presentes na AR nunca teriam agido do modo como o fizeram se não estivessem usando o AWA na AR. Enfim, com esta nossa pesquisa, foi possível constatar que o recurso tecnológico digital interfere na relação professor-aluno.

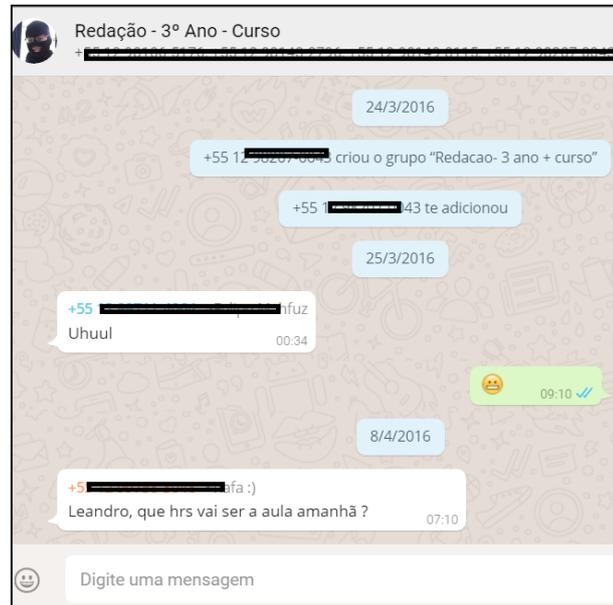
No Diálogo 16, a postura indisciplinar dos alunos foi reflexo da discussão do tema em grupo com apoio nos materiais enviados pelo AWA e na própria atitude do professor em usar o AWA como suporte em sala de aula. Quando se usava o AWA em AR, notou-se que o “controle da sala” ficava frágil, pois os alunos tendiam a dar mais atenção ao aparelho, usando aplicativos diversos. De certo modo, a atividade com o AWA foi satisfatória porque eles leram e discutiram a temática “segurança digital ou em redes” como não haviam feito antes.

Os textos que fundamentavam as propostas de redação eram extensos, assim, enquanto um aluno estava afirmando e lendo seu ponto de vista, o outro estava procurando elaborar seu posicionamento contrário a partir de argumentos convincentes para “derrubar” o argumento do colega. A disputa se fez presente de tal forma que repentinamente os alunos, indicando que estavam satisfeitos em discutir e colocar as proposições em disputa entre si, fizeram pose e tiraram *self* sentados nos armários da sala de aula, fizeram poses e fotografaram-se em *selfies*, como se estivessem em um evento, como se fossem celebridades amplamente conhecidas. Comportavam-se como se, no evento, o participante de maior *status* fosse aquele cuja ideia “derrubara” a do oponente. Apesar do controle da AR ter ficado mais frágil, quando tiraram *self* com o professor, estavam registrando, em certa medida, o momento em que a opinião deles foi posta à prova. No dia 10/10/16, ocorreu fato curioso: a turma do 2º ano do ensino médio enviou espontaneamente mensagens de felicitações pelo aniversário do professor. As mensagens de felicitações e as brincadeiras ao professor por parte dessa turma pareciam ser um modo de evidenciar que os alunos o consideravam como digno de atenção ou respeito, pois, se fosse ao contrário, se eles não “gostassem” do professor ou de como a aula era feita, não fariam questão de tirar *self*, ou de postar qualquer outro conteúdo no grupo do AWA da turma.

Por esse *acontecimento*, notou-se que o AWA exercia forte influência sobre o comportamento dos alunos na AR presencial, o que nos lembra a inversão homem como extensão da máquina (DIAS, 2016) e caracteriza os alunos como sujeitos digitais. Para a unidade escolar, parece que um dos padrões de “boa aula” é manter controle sobre os alunos e estes estarem sempre executando alguma atividade. Quando os alunos sacam seus celulares para fotografar a si mesmos em cima dos armários por estarem motivados com a aula, parece que o regime de verdade do DG domina e se estende a seus corpos.

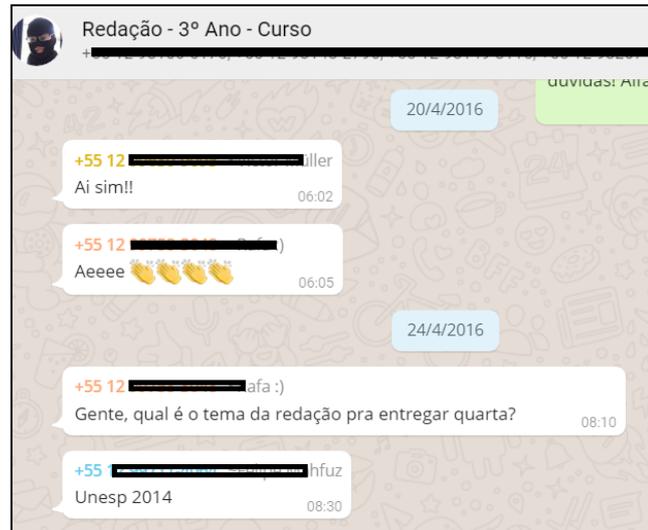
Nos períodos de 06/10 a 10/10 (quatro dias) e de 20/10 a 06/11 (16 dias), não houve interação entre professor e alunos pelo grupo de AWA. Após o segundo período de silêncio, a frase “Leandro god”, dita por um aluno para comentar no grupo do AWA do 2º ano que o tema da redação do ENEM havia sido trabalhado em sala, “acertado”, provocou no grupo uma disparada de mensagens comentando e comemorando o ocorrido. O fato será analisado posteriormente com as mensagens de mesmo teor do 3º ano/curso.

Passemos à análise das mensagens do grupo de AWA do 3º e curso preparatório para vestibulares, cujos dados coletados para início da interação foram semelhantes ao dos outros grupos de AWA do 1º e 2º anos do ensino médio.



Diálogo 17

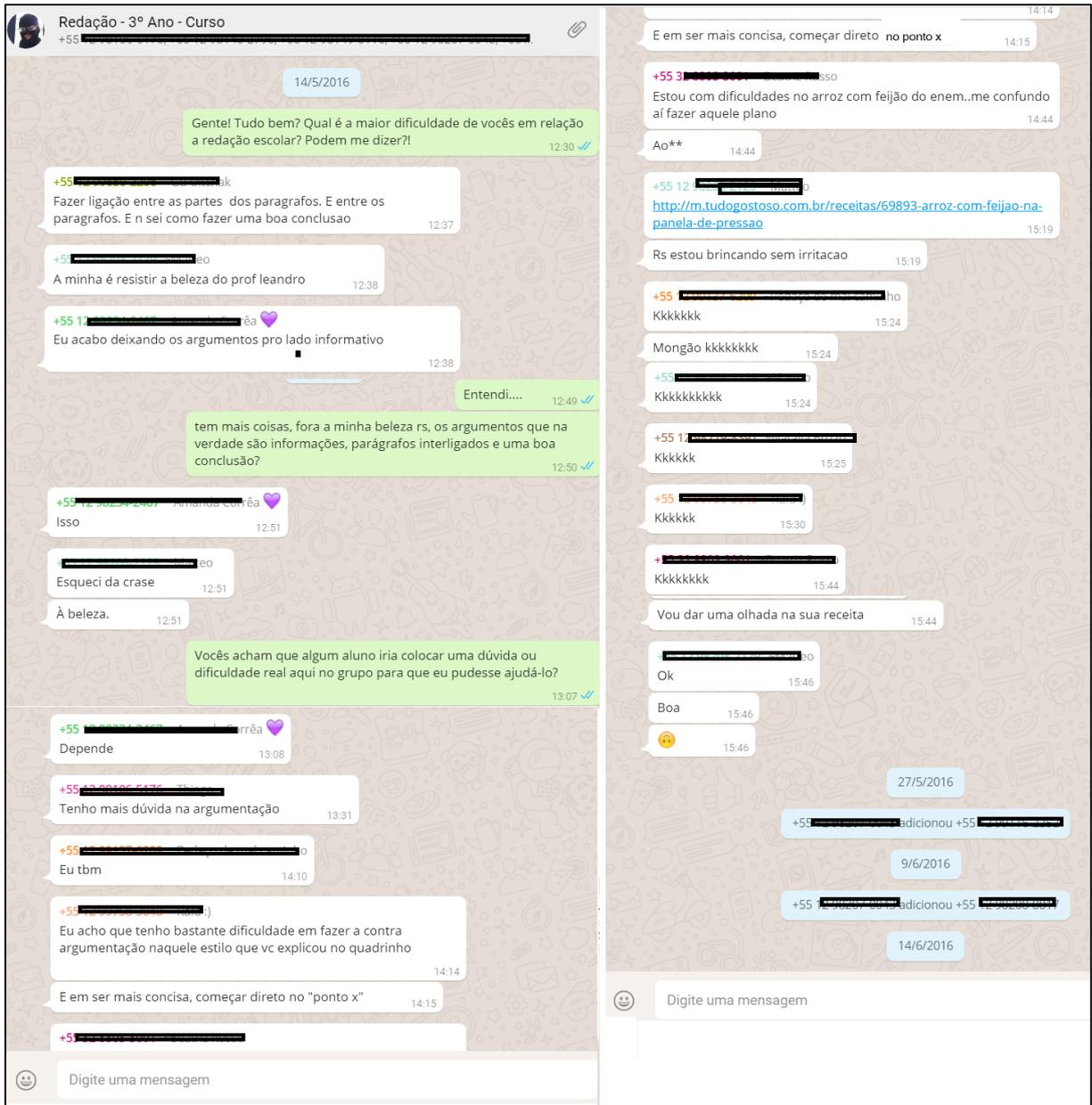
Ocorreu, no dia 25 de março de 2016 (Diálogo 17), breve interação informal entre professor e um aluno. E, durante o período de 25/03 a 07/4 (14 dias), não houve intervenção do professor no grupo do AWA do 3º ano/curso. O silêncio e ausência de interação predominaram na *timeline* até que a Aluna 1, no dia 08/04, perguntou, ao professor, qual seria o horário do atendimento presencial ao pequeno grupo de alunos para dirimir as dúvidas, e foram trocadas mensagens informais sobre o atendimento. Cada silêncio significa. Este pareceu-nos ter a potencialidade de indicar positivamente um dos modos de uso do AWA: acertos de dias e horários de encontros presenciais.



Diálogo 18

Dia 20/04, professor gravou e postou vídeo de 33 segundos para explicar a finalidade do grupo de AWA para a turma do 1º ano, estimulando os alunos a postarem suas dúvidas. Em resposta ao vídeo, houve pouca interação e duas mensagens comemorativas: “Aí sim!!” e “Aeee (palmas)”. Logo após isso, o assunto foi trocado, passaram a ocorrer perguntas sobre tema de redação a ser escrita em sala no dia seguinte (Diálogo 18).

Dia 14/05, no Diálogo 19, após a intervenção do professor de modo informal por mensagem no grupo do AWA do 3º ano/curso, pedindo que listassem dúvidas e dificuldades, em respostas às mensagens, relataram dúvidas sobre texto dissertativo-argumentativo.



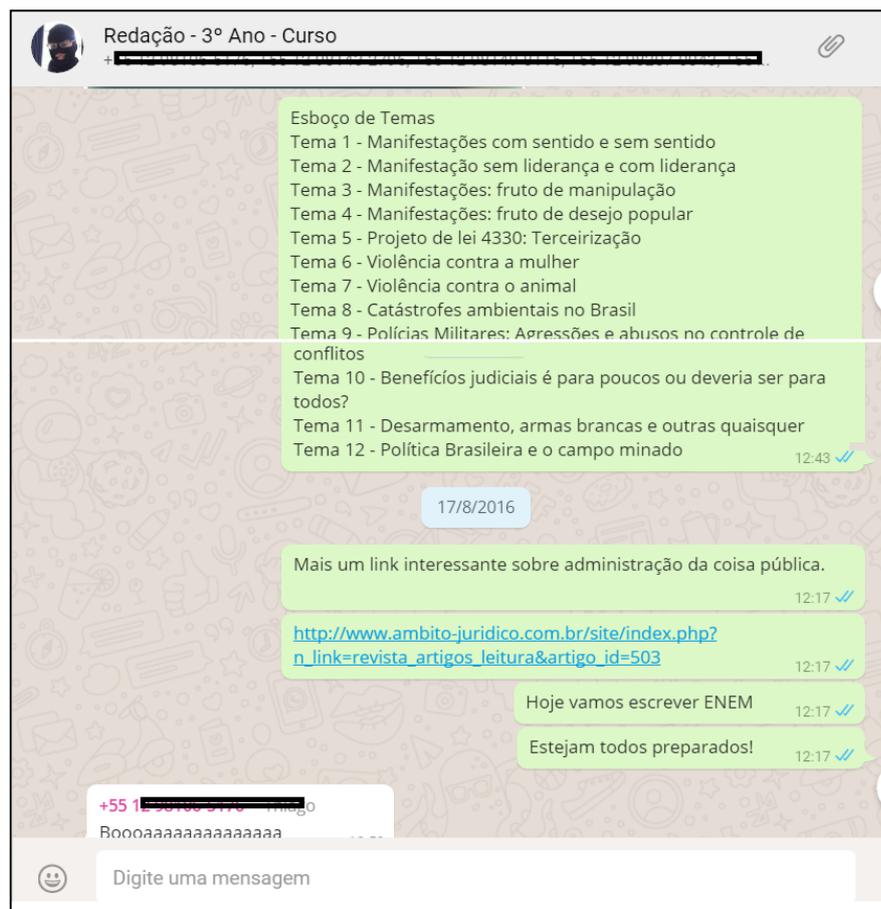
Diálogo 19

Houve tentativa explícita de atender os alunos do 3º ano/curso pelo grupo do AWA, abordagem feita presencialmente em uma AR ao grupo. Em resposta, eles disseram que não apresentariam as dúvidas individuais no grupo do AWA pela questão do desconforto à exposição frente aos colegas.

Cabe ressaltar que, enquanto alguns alunos colocavam suas dúvidas, depois de ter sido feita intervenção informal pelo professor, o aluno Marco, medalhista de olimpíadas de Química, Biologia etc., não muito bem aceito no grupo, fazia brincadeiras. Assim, parecia demonstrar que ele considerava fácil conteúdo e não tinha nenhuma dúvida. Ao nosso ver, ele parecia inibir a participação de alguns alunos a progredir nos processos de aprendizado ou a interação entre professor e

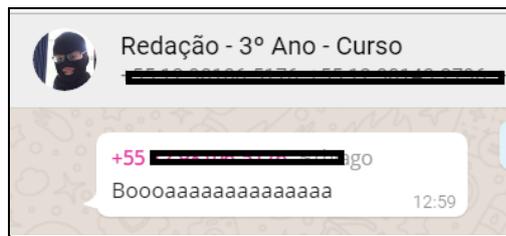
alunos. Ocorreu algo semelhante no grupo do AWA do 1º ano com aluno diferente, por isso, alguns questionamentos surgiram: por que a brincadeira surgia no momento em que o professor perguntava sobre as dúvidas? Seria algo atrelado à própria funcionalidade do AWA? Como se dissessem ao professor: “aqui não é espaço para isso, aqui não é espaço para coisa séria”.

No dia 14 de junho de 2016, foram enviados textos para o grupo a serem usados na AR ou pelo AWA para a turma do 3º ano/curso sobre violência sexual contra a mulher, sobre leis de trânsito e lei seca, do mesmo modo como foi feito para as turmas anteriores. No dia 03/08, foram enviados textos e *links* sobre serviço público para o grupo do AWA do 3º ano/curso e os *prints* aqui serão suprimidos, pois a atividade foi nos moldes do grupo do AWA do 1º e 2º ano. Obtivemos o silêncio em resposta aos posts sobre os temas.



Diálogo 20

Dia 10/08, o professor enviou lista de temas a serem pesquisados e explorados para o grupo do AWA do 3º ano/curso (Diálogo 20). Como foram os próprios alunos que pediram os temas, consideramos que a atividade não seria descabida, porém eles se mantiveram em silêncio de modo geral. O AWA foi usado como suporte, e isso não gerou interação por mensagens no grupo. Apenas um aluno respondeu “booaaaaa” (Diálogo 21), elogiando a iniciativa, comemorando a lista de temas a serem estudados na fase final do ano letivo, postados pelo professor, mostrado abaixo.

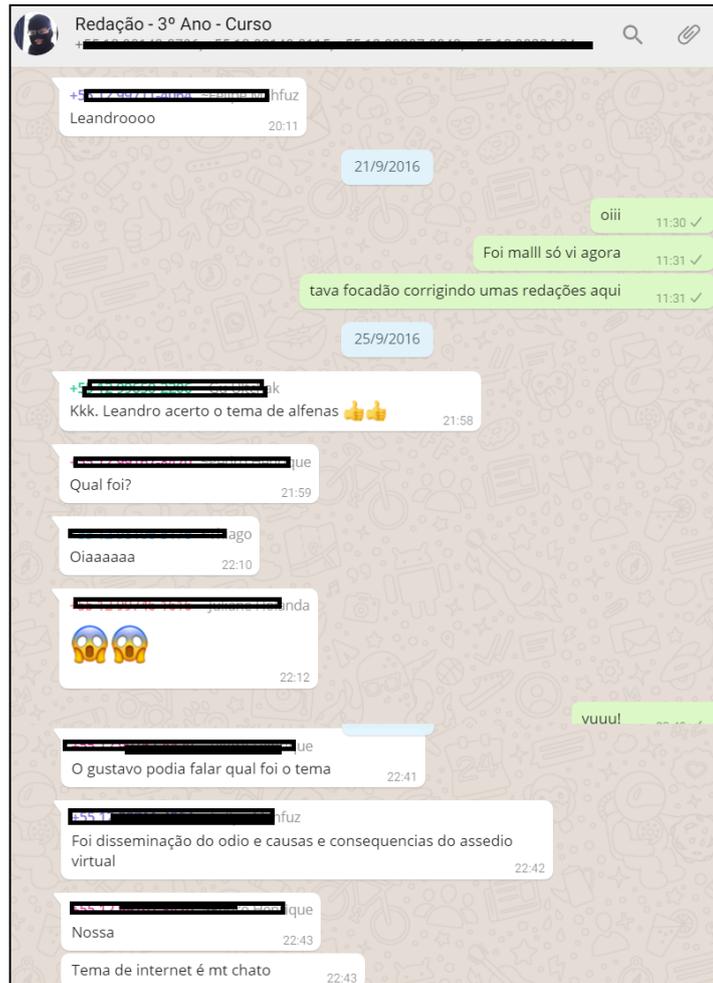


Diálogo 21



Diálogo 22

No dia 24/08 (Diálogo 22), lista de conectivos foi enviada para o grupo do AWA do 3º ano/curso, após ser cobrado pelo Aluno 2.



Diálogo 23

No Diálogo 23, alguns alunos, candidatos ao curso de Medicina, fizeram vestibular em Alfenas. Depois do exame, postaram mensagens no grupo, dizendo que o tema pedido já havia sido trabalhado nas AR daquele ano. As mensagens recebidas no grupo foram de comemoração, pois o professor havia “acertado” o tema.

A comemoração resultou em “kkkk”, aquela preocupação com a nota ou com a classificação no vestibular mais do que se aquele tema era atual. Essa comemoração reforçou a imagem do professor confiável e/ou do professor-adivinho e ignorou as bases do fazer estratégico e didático desenvolvido ao longo do ano, presente em cada *post* de material.

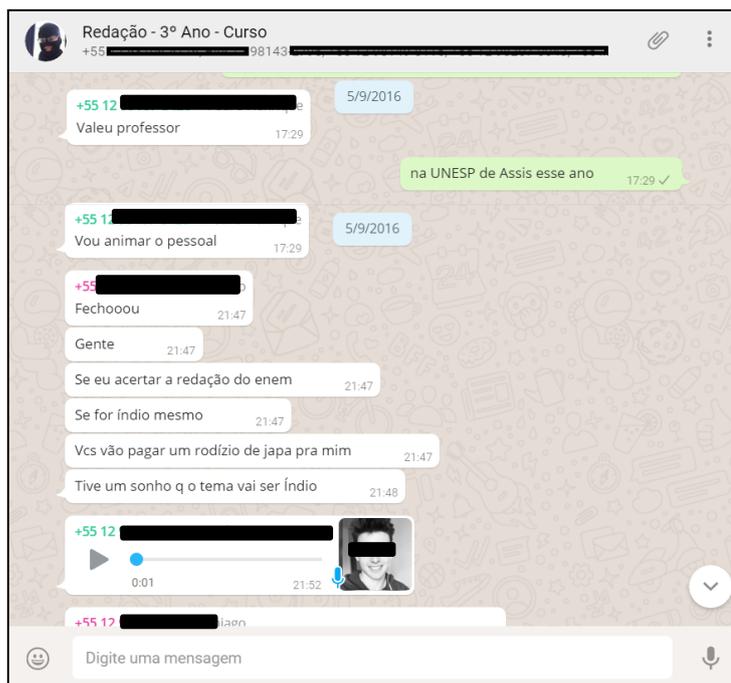
Como visto, todas as postagens de caráter informativo não geraram mensagens de respostas, pois elas foram ignoradas. Os trabalhos em paralelo também foram: a leitura, a pesquisa, o estabelecimento de associação do conteúdo do post com outras situações da vida do aluno etc. Esse trabalho implicaria esforço do aluno, e o que não se esperava, ao “pagar” um professor de Redação, era que se

tivesse que se esforçar. Ademais, as tecnologias evocam facilidade de vida e, por ambos os motivos, não faz sentido que haja esforço no processo de ensino-aprendizagem da escrita de redação.

Em uma das AR para o 3º ano do ensino médio e curso preparatório para vestibular, o aluno, apelidado carinhosamente de “grego”, porque, em quase todas as redações, ele conseguia contextualizar o tema se valendo de conhecimento da Grécia Antiga, estava animado e dizendo que havia sonhado com o tema da redação do ENEM. Ao ver o professor entrar na sala de aula, ele pôs-se a falar sobre o ocorrido e, de modo seguro, afirmava que aquele ano nós seríamos todos beneficiados por sua visão noturna. Isso contagiou toda a turma naquele dia, alguns alunos brincavam com ele, desqualificando-o, outros desconfiadamente consideravam sua hipótese de acerto.

Nesse breve relato, fica evidente a vontade intensa de se acertar, adivinhar o tema da redação. O aluno informara presencialmente na AR seu sonho ao professor, no final de agosto, e depois continuou a interagir até final de setembro sobre o ocorrido pelo AWA. Ao perceber uma oportunidade de engajar os alunos no citado eixo temático e correlatos, na semana seguinte à notícia do aluno em sala de aula, o professor organizou uma videoconferência com um colega, graduando do curso de Letras da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), quem tinha tido contato com tribos indígenas da região. Aproveitando a ocasião, o professor reuniu seus registros pessoais de uma experiência voluntária com comunidades ribeirinhas e tribos do pequeno município de Maués, Amazonas, para tratar da temática com o grupo de alunos.

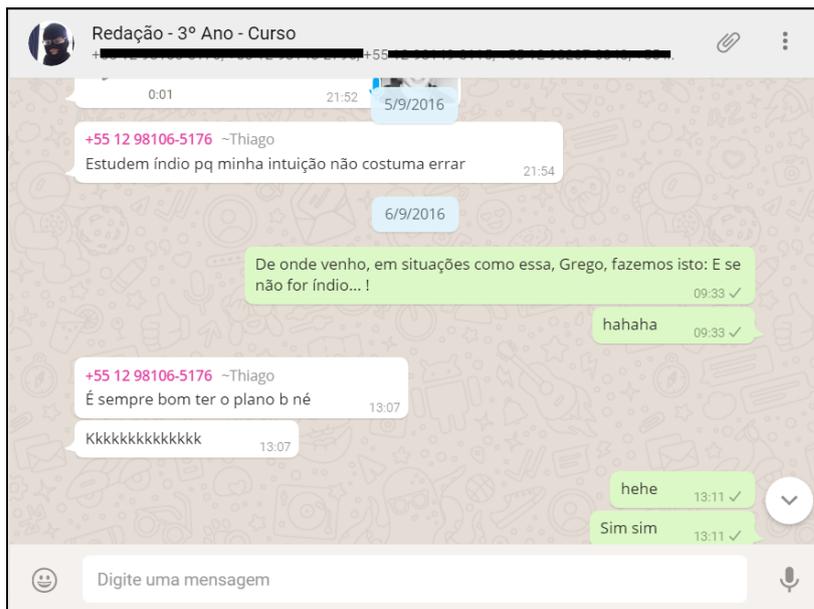
No dia 05/09, a videoconferência sobre a temática de povos indígenas e sua cultura foi brevemente mencionada nas mensagens no grupo do AWA do 3º ano/curso. Foi nesse contexto que um dos alunos postou mensagens, dizendo que havia sonhado com esse tema de redação para o ENEM: a questão indígena no Brasil ou assunto similar (Diálogo 24).



Diálogo 24

Então, o professor organizou uma discussão sobre tal assunto, aproveitando a “intuição” do aluno, porém, alertando a planejarem os estudos e a não confiarem cegamente na intuição para o processo de preparação.

O Diálogo 24 enfocava apenas o trecho em que o aluno afirmava ter sonhado com o tema da redação de um vestibular importante, requeria uma recompensa em caso positivo (Diálogo 25) e afirmava “estudem índio porque minha intuição não costuma errar”. Ao nosso ver, o professor precisava estar atento para não se deixar levar totalmente pela vontade dos alunos, porém, ao mesmo tempo, não deveria deixar os alunos sem voz, sem uma escuta. A AR deve ser construída na relação professor-aluno e não pautada apenas em um dos envolvidos. O manejo do Diálogo pelo AWA é semelhante ao presencial, pois, para dizer ao aluno que sua intuição não seria produtiva para seus estudos, mesmo que fosse pelo humor, era necessário que tivessem certo relacionamento fora do ambiente virtual. A relação entre nós, professor e alunos, foi entrecortada de momentos presenciais e virtuais pelo AWA, porém a “âncora” era o presencial.



Diálogo 25

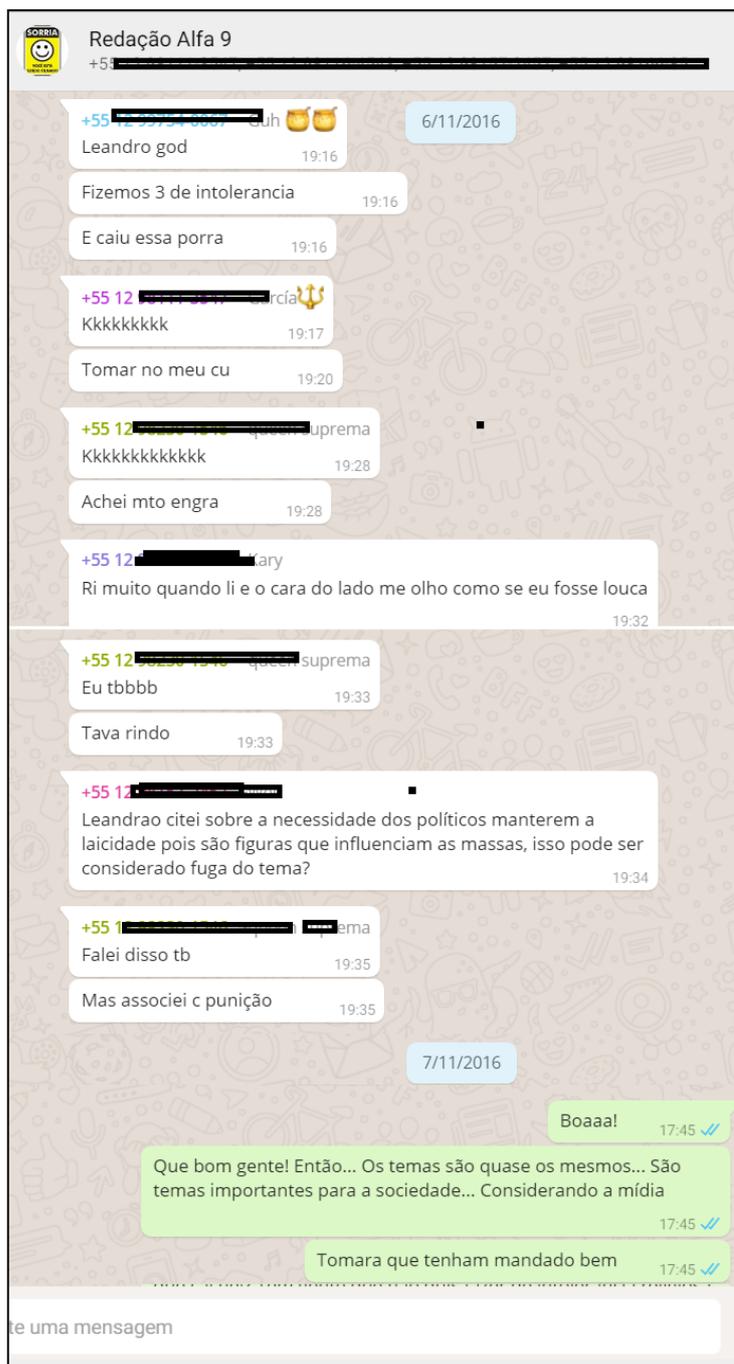
Em 01/10, **sábado**, às 16h, ocorreu a videoconferência sobre assuntos indígenas, aproximadamente um mês após o aluno ter relatado seu sonho (Diálogo 25). Estavam presentes na videoconferência 6 dos 13 alunos da turma de 3º ano do Ensino Médio e curso preparatório para vestibular, dentre eles, o aluno e a Aluna 1 (aquela que terá os Diálogos analisados a seguir), uma das que mais interagiu, tanto pelo AWA quanto presencialmente.

Até que a videoconferência tenha sido realizada, o aluno não parou de estudar os temas propostos em AR, contudo, depois desse ocorrido, ele passou a buscar por si só temas e a indicá-los para os colegas, ignorando os materiais selecionados e trabalhados pelo professor em AR, pois outras disciplinas durante a AR.



Diálogo 26

Ao se aproximar a videoconferência, o professor pediu a um aluno específico que convidasse os colegas a participarem da videoconferência, no Diálogo 27.



Diálogo 27

No Diálogo 27, o enunciado “Leandro god” foi a fala do aluno Guilherme, quebrando o silêncio no grupo para noticiar que o tema do ENEM fora um dos temas de redação sobre o qual escreveram nas AR. A imagem do professor como “adivinho” foi transferida para o AWA à medida que se transpunha parte da AR para esse ambiente. No grupo do AWA do 3º ano, não houve comentário sobre esse fato, porém, no grupo do AWA do 2º ano, houve mensagens comemorando o momento

pelo tema ter sido acertado. No caso da previsão do aluno sobre o tema da redação do ENEM, a intuição falhou.

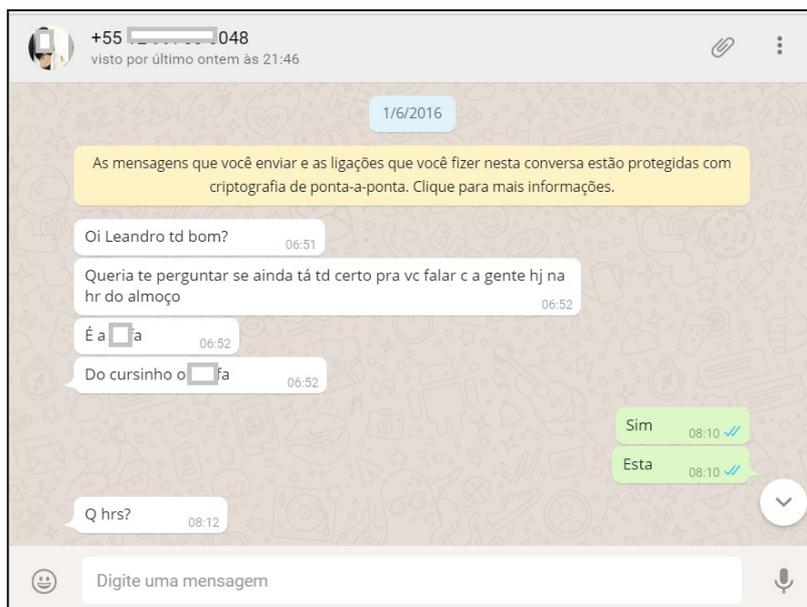
As alunas 5 e 13 disseram: "kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk / Achei mto engra", "ri muito quando li e o cara do lado me olhou como se eu fosse louca" e "Eu tbbbb / tava rindo", relatam como reagiram no momento em que viram o tema da redação ENEM. Ao nosso ver, pelo contato presencial com aluno e as comemorações feitas no grupo, o enunciado parecia ser: não precisarei me esforçar muito para escrever esse texto, porque já fiz isso antes. Coube, ao professor, destacar que terem visto um tema similar anteriormente na AR não lhes garantiria bom desempenho. Enfim, a todo o momento, tanto nas AR como nos Diálogos no AWA, o professor apontou que o trabalho, a dedicação, seria fator decisório e não a intuição, como, por exemplo, em: "tomara que tenham mandado bem".

3.2. Professor e aluno no *WhatsApp*, "armarinho de intimidades"

Nesta seção, serão analisados os casos individuais da Aluna 1 e do Aluno 2, do curso preparatório para vestibular e de duas alunas do Ensino Médio, Aluna 3 do 2º ano e Aluna 4 do 1º ano. No primeiro caso, a Aluna 1, os dados serão analisados por meio de *prints*, todavia, nos três seguintes, as mensagens foram transcritas para tabelas.

A Aluna 1 foi acompanhada individualmente, tanto pelo AWA e como presencialmente, no período entre 01/06/2017 e 29/01/2017 (8 meses, aproximadamente). Ao final do processo, ela obteve 920 pontos⁹ na redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e aproveitamento excelente em outros vestibulares. Pelo AWA, o horário e dia desse acompanhamento em específico não eram marcados, contudo os encontros presenciais eram pré-agendados e ocorriam, em geral, entre 12:00 e 13:30. Ao todo, são aproximadamente 90 quadros (*prints*), 7 meses de Diálogo, mensagens trocadas entre professor-pesquisador e aluna. De modo geral, as mensagens foram informais e apresentavam as dúvidas, dificuldades, preocupações da aluna a respeito de seu desempenho nos resultados em exames de ensino superior na escrita de redações de vestibulares.

⁹ A pontuação da redação no ENEM é de 0 a 1000. O texto é corrigido segundo alguns critérios específicos: norma culta, abordagem temática, estrutura do texto, defesa de um ponto de vista, argumentação, recursos coesivos, problematização e intervenção.



Diálogo 28

No início do Diálogo 28, a aluna interpelou o professor para perguntar se ele poderia chegar mais cedo do que o horário normal da aula para que ela pudesse sanar algumas dúvidas. Nesse primeiro contato, o aplicativo fora usado como programa de texto regular, obviamente, servindo como meio de comunicação entre professor e aluna; contudo, o acompanhamento e a explicação estavam centrados no atendimento. Sua participação no grupo do AWA do 3º ano/curso era frequente, a partir do momento em que confirmei que iria acompanhá-la individualmente pelo AWA e presencialmente, por causa de suas evidências de que também estava disposta a essa relação, as trocas de mensagens intensificaram.

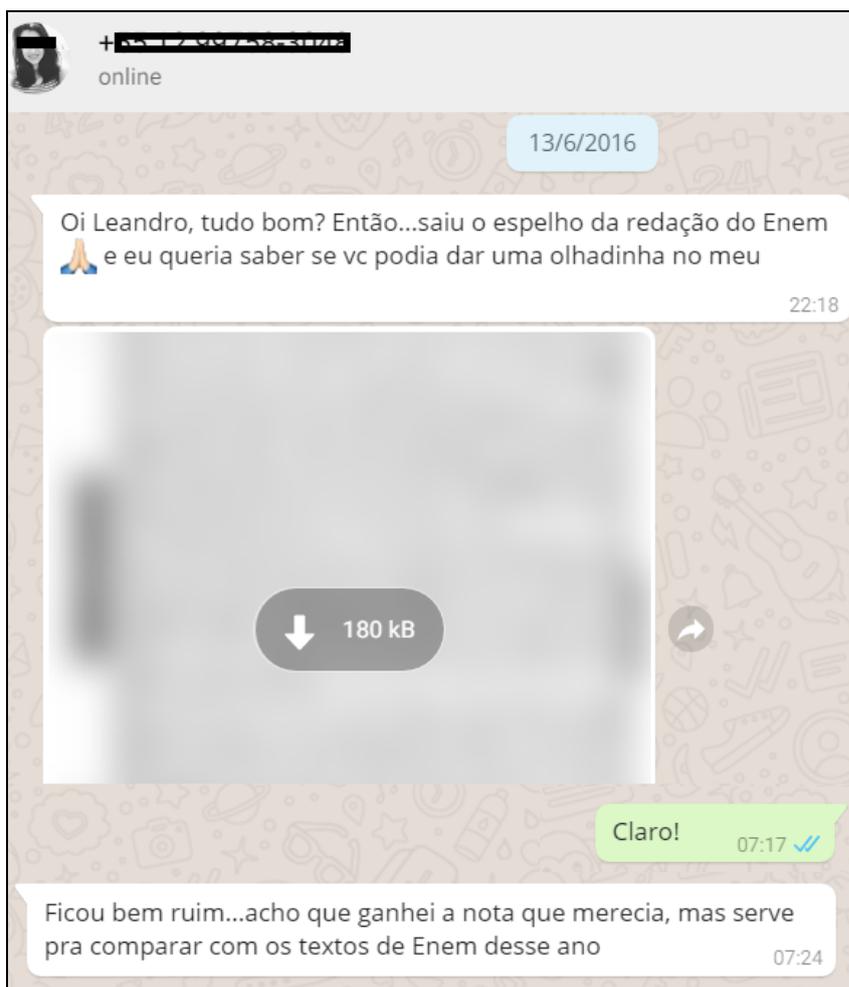
Em dezembro, após tomar conhecimento do seu desempenho nos resultados nos exames vestibulares prestados, a Aluna 1 me confessou presencialmente ter testado o professor-pesquisador sem que ele soubesse. Esse teste consistiu no seguinte: ao receber sua redação corrigida pelo professor-pesquisador, ela encaminhava paralelamente para dois outros professores de Língua Portuguesa, seu antigo professor (denominado por nós de X), do colégio concorrente, e para o professor Coordenador de Linguagem (denominado por Y) da unidade escolar onde esta pesquisa ocorreu. Segundo ela, por um tempo, comparava os comentários e as orientações dos três professores e, ao final, decidiu ouvir apenas o professor-pesquisador. Segundo ela, ainda, o professor X atribuía a menção final ao texto sem seguir os critérios da grade de correção equivalente ao ENEM e, geralmente, ficava acima da nota final atribuída pelo professor-pesquisador, passando a impressão

para ela de que não havia muito a melhorar. Da mesma unidade escolar, o professor Y, ainda, segundo ela, também não seguia os critérios da grade de correção do ENEM, atribuía menção final ao texto muito abaixo à do professor-pesquisador, parecendo à aluna que a correção era mais rigorosa, porém ela não recebia apontamentos para melhora do seu texto. A aluna passou então a buscar entender cada um dos critérios, segundo proposta da AR, tanto pelo AWA quanto presencialmente. Ela demandava atenção inclusive no horário de almoço do professor-pesquisador.

No relato da aluna, predominaram a linguagem verbal escrita e os recursos visuais. Aqui, podemos nos interrogar por que esse recurso seria interessante para a prática escolar ou para a prática escolar de um professor de redação? Uma resposta rápida a essa indagação seria pelo fato de se considerar a quantidade de alunos que podem ou poderiam acessá-lo. Ao nos valermos do AWA como recurso para o trabalho com a escrita, uma das primeiras constatações foi que, nos grupos de AWA, os alunos não sobrecarregaram o professor. Contrariamente às suposições de meus colegas professores, neste contexto, fez-se necessário procurar compreender qual o motivo dos alunos não compartilharem suas dúvidas com o professor e com os outros colegas de classe ou de não se comunicarem pelo grupo. Fora observado, durante o desenvolvimento desta pesquisa, que o AWA já fazia parte da relação professor/aluno, e não “If *WhatsApp* becomes a common tool for teachers and students in the classroom...”, caberia aos envolvidos observar seu bom ou mau manejo.

Se *WhatsApp* se tornar uma ferramenta comum para os professores e alunos na sala de aula, haverá necessidade de pesquisas para identificar propriedades do usuário e **a melhor forma de integrá-las aos objetivos educacionais e pedagógicos**. Tal implementação demandará vasta pesquisa qualitativa sobre metodologia. [...] (BOUHNİK; DESHEN, 2014, p.228-230, grifos e tradução meus).

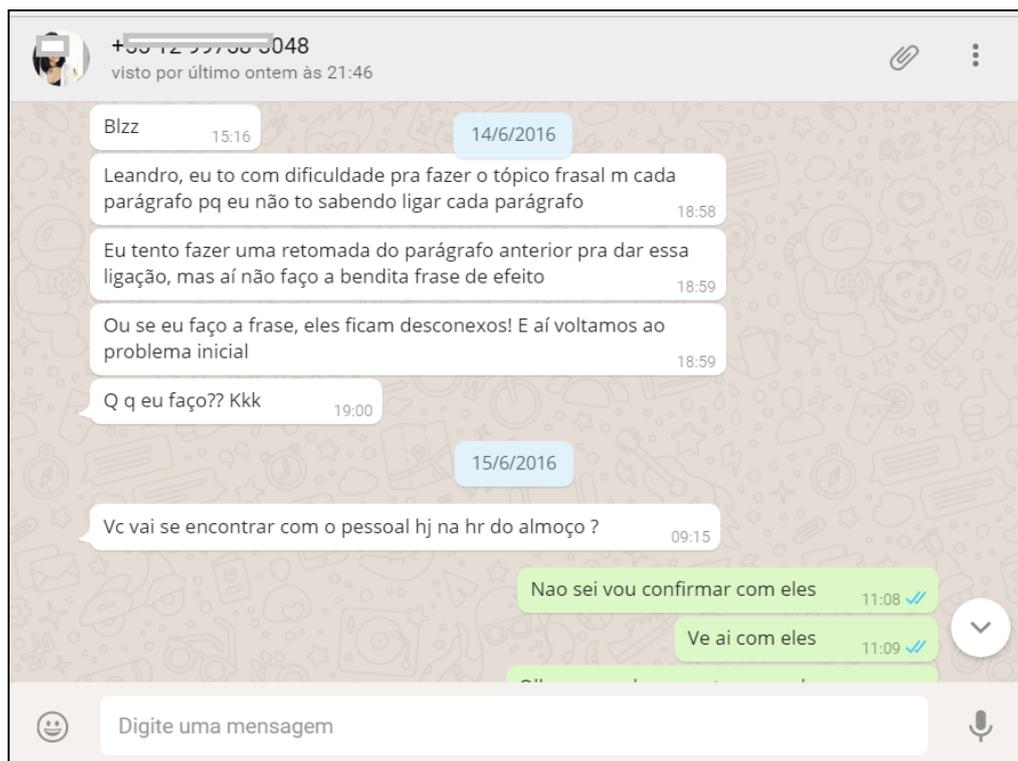
Assim, após atenção mais cuidadosa às conversas dos grupos envolvidos, pôde-se estabelecer vínculo mais forte entre alguns participantes, os quais individualmente interpelaram o professor-pesquisador, como é o caso da Aluna 1 para expor e analisar o presente caso, que é relativamente extenso. Os alunos foram escolhidos depois de 2 meses de interação individual e em grupos, tanto pelo AWA como presencialmente. A interação com a Aluna 1 foi escolhida pela riqueza de detalhes dos Diálogos, os quais serão apresentados na análise neste Capítulo.



Diálogo 29

No Diálogo 29, a Aluna 1 mostrava o espelho de sua redação feita no ENEM do ano anterior, 2015. O professor havia pedido a todos os alunos que trouxessem as notas que os alunos obtiveram dos diversos vestibulares e os rascunhos para uma leitura diagnóstica, o que poucos fizeram. Aluna 1, por sua vez, além de trazer, buscou cumprir os requisitos da grade de correção do professor, inspirada na oficial.

Nos Diálogos 30 e 31, pode-se perceber que a conversa pelo AWA entre professor e aluna era fragmentada, inacabada e apresentava relações com enunciados formulados ou que circularam externamente ao Diálogo estabelecido no aplicativo.



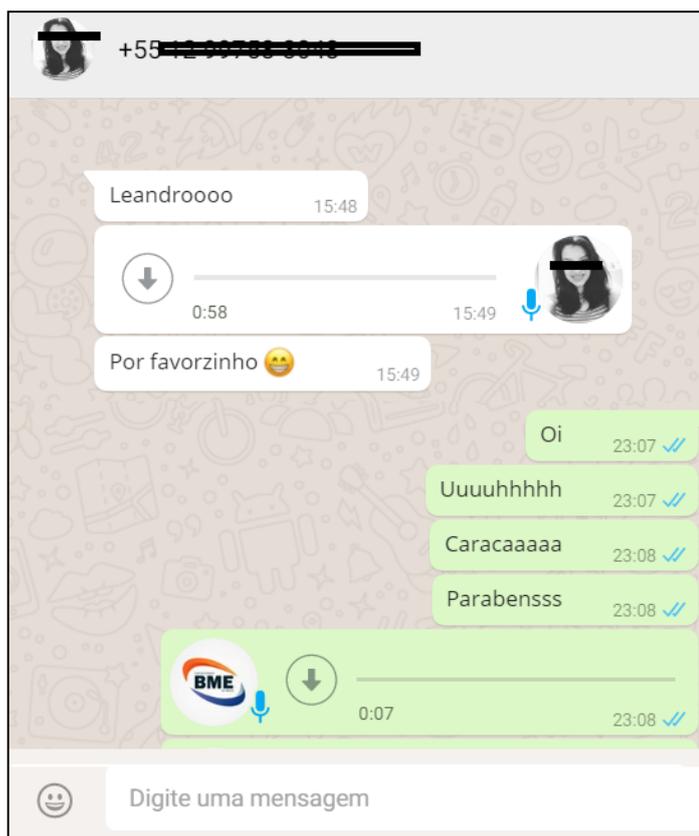
Diálogo 30



Diálogo 31

Pode-se notar a diferença de horas entre a pergunta da Aluna 1: “Vc vai se encontrar com o pessoal hj na hr do almoço?” (06:52), e a resposta do professor

“Não sei vou confirmar com eles” (08:10), no Diálogo 28. Ainda, no Diálogo 28, houve outra ocorrência de fragmentação do Diálogo pela pergunta sem resposta, que ficou sem resposta do professor, da aluna em 14/06/2016: “Q q eu faço? Kkkk?”. Outros intervalos de tempo maiores podem ser elencados para exemplificar a pausa ou a quebra no Diálogo.



Diálogo 32

No Diálogo 32, Aluna 1 informava que fora aprovada em algum vestibular, mas que estava precisando de um conselho do professor: se deveria ou não se matricular, pois ela estava considerando que a instituição para a qual estava fazendo o vestibular não tinha uma boa avaliação do MEC.

Pela interação individualizada, a convocação para interação partiu da aluna e não do professor, contrariamente ao que ocorria nos grupos. A assimetria entre professor e aluna apresentava-se na medida em que a aluna prolongava a última letra do nome do professor em “Leandroooo” e no enunciado “Por favorzinho”. Tal iniciativa era a esperada por este professor-pesquisador desde o início, quando da criação dos grupos.

A fragmentação, ou quebra, do Diálogo 32 poderia assumir uma função comunicativa específica ou diversas funções no texto pelo AWA. Diferentemente do que meus colegas professores disseram, não fomos inundados por mensagens; certamente, seria necessário trabalhar horas além do tempo de trabalho estabelecido pela escola, pois uma atividade com um aluno poderia levar horas a depender do objetivo desta atividade. Desse modo, o trecho abaixo, extraído do artigo *WhatsApp Goes to School: Mobile Instant Messaging between Teachers and Students*, publicado *Journal of Information Technology Education: Research Journal of Information Technology Education: Research*, (BOUHNİK; DESHEN, 2014) estabelece relevantes considerações a serem feitas durante o planejamento da atividade com AWA.

[...] desafios, tais como a demanda por disponibilidade constante, linguagem e comportamento grosseiros e testemunhar o mundo particular do aluno, pode causar desconforto aos adultos. Também é válido levar em consideração que a operação do grupo requer que os professores **invistam tempo além das horas de trabalho regulares**, ademais serem inundados com mensagens (p.228-230; grifo meu)¹⁰

Em 26/06, a Aluna 1 informava que realizaria vestibular da UNITAU e perguntava se havia algo diferente do que lhe fora explicado nas AR, por isso, ela disse que faria um texto e o levaria na próxima AR para o professor-pesquisador avaliar. Em 09/06, ocorreu o encontro presencial com o professor, quando então ele fez os apontamentos sobre seu texto, orientando-a a reescrever o texto.

¹⁰ A citação original é: However, challenges, such as the demand for constant availability, foul language and behavior and the witnessing the students' private world, may cause adults to feel uncomfortable. It is also worth taking into account that operating such a group requires the teachers **to invest time beyond their regular work hours**, in addition to being swamped with messages (BOUHNİK; DESHEN, 2014, p.228-230; grifo e tradução meus).

2/7/2016

13:56

Eeeee olha quem fez letra grande e ainda sobrou linha! 13:56

Proposta de inverno 2014 Unitau 😊😊 13:56

3/7/2016

Oi [redacted]! 19:02 ✓

olha que letra grande mesmo! hummm orgulhinho hein! 19:02 ✓

Haha finalmente 19:03

To lendo pera 19:06 ✓

Será que vc consegue digitar ou enviar pdf?! 19:12 ✓

Tem alguns detalhes que ficariam melhores explicados... 19:12 ✓

Observações gerais: 19:13 ✓

Okay 19:14

1 - o texto está enfatizando a problematização do tema; quando é relevante que se estabeleça uma proposição (pensamento) que demonstre mais do que o problema: seu posicionamento frente ao tema. Para corrigir isso, sugiro que busque colocar e provar uma "solução" 19:14 ✓

Tipo Tese... 19:14 ✓

Vc acha que o que mais prejudicou o texto foi a falta da tese mais clara e presente então? 19:17

Sim, [redacted] 19:17 ✓

Aí esses ligamentos entre parágrafos me atrapalham mto haha 19:18

Posso refazer o texto digitar e te mandar por e-mail amanhã?? 19:18

Então. Mas tem que fazê-los... Eu tenho certeza que eles contarão muitos pontinhos pra vc na prova. 19:19 ✓

Eu estarei saindo de viagem amanhã mas pode sim 19:19 ✓

não sei se terei time. 19:19 ✓

Se conseguir manda antes baby... 19:19 ✓

Vou começar a desenhar tendões e impulsos nervosos entre cada parágrafo pra representar os "ligamentos" 19:20

Domingo 19:20

Dia 10 19:20

rs kkkkk 19:20 ✓

Nossa to mto nervosa, acho que vai dar tudo errado vou fazer redação Enem 19:20

Use conectivos e conjunções ao em vez... 19:20 ✓

kkkk 19:20 ✓

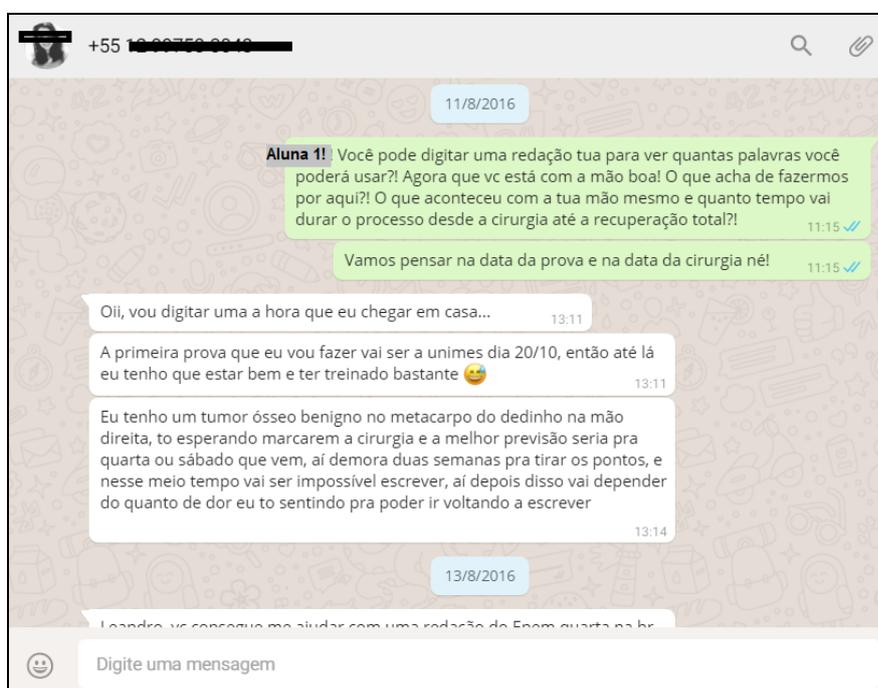
Cara, mandar hj pra mim vai ficar complicado...to estudando bio o dia todo acho que fazer redação agora vai ficar meio bosta 19:21

😊 Digite uma mensagem

Diálogo 33

Assim que ela terminou tal tarefa extraclasse, postou o texto fotografado (Diálogo 33), no sábado, 02/07, para receber os novos apontamentos, no AWA, sobre o texto fotografado, a fim de obter do professor a avaliação e sugestões para melhora da escrita. O professor fez 5 críticas a seu texto. Os Diálogos abaixo evidenciam que a atenção da aluna recaia sobre a melhora de seu desempenho, considerando principalmente os requisitos de pontuação.

A aluna tomou a iniciativa e convidou o sujeito-professor para partilhar dos resultados nos exames de meio de ano e demandava sua atenção. Tendo em vista que as aulas eram uma vez por semana, a Aluna 1 usava o AWA para ampliar mais oportunidades comunicativas com seu professor.



Diálogo 34

Por volta do dia 03/08, no Diálogo 34, a aluna relatou presencialmente ao professor que tinha um tumor (benigno) em sua mão direita e que isso a estava deixando mais ansiosa ainda. Na semana seguinte, 11/08, o professor sugeriu a ela que digitasse vagarosamente. Em 14/08, a aluna relatou que tivera muita dificuldade de fazer o texto à caneta (abaixo), mas conseguira digitar, conforme Diálogo 35.

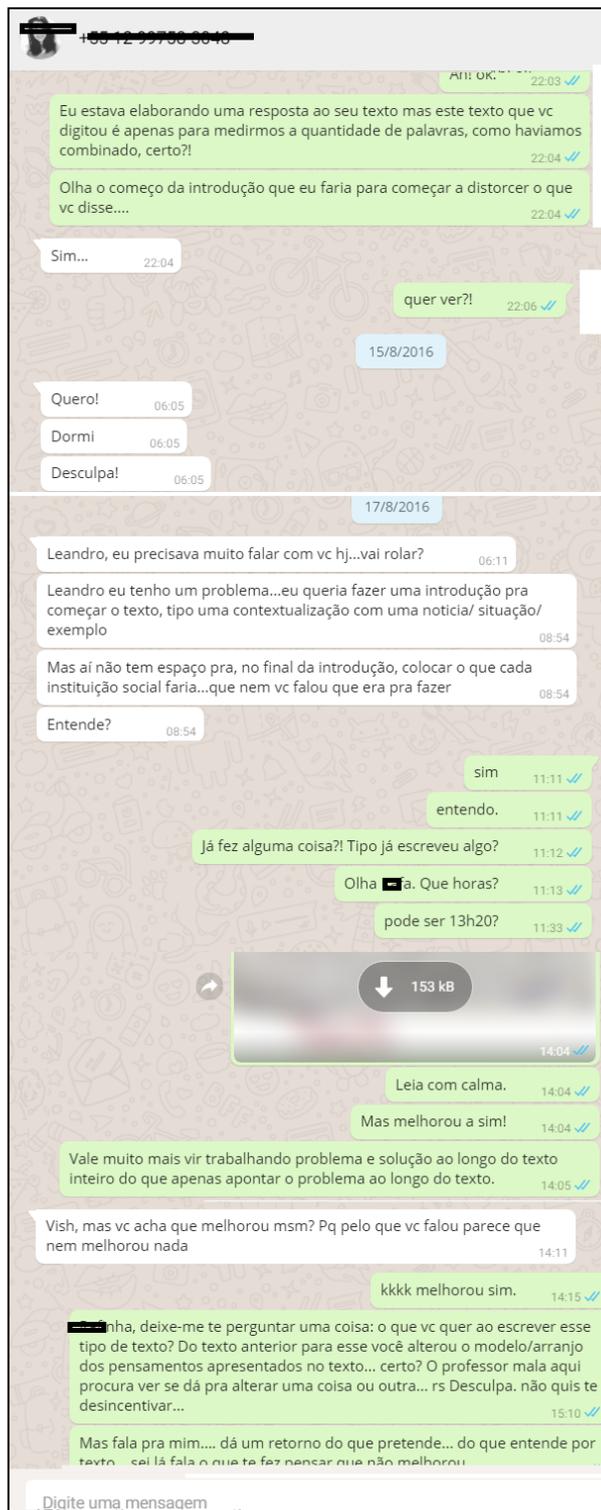
[21:03, 14/8/2016] Aluna 1: Deslizes cotidianos como estacionar em local proibido, pagar propina para não usar o bafômetro ou não devolver o troco que veio errado podem ser classificados como "jeitinho brasileiro". Este, caracteriza-se como uma construção cultural que determina como normais certos atos corruptos, tornando a sociedade brasileira mais susceptível a banalizar e justificar a corrupção. Diante disso, faz-se necessária uma maior conscientização da população, além de repreensões mais serias aos corruptos, sejam eles pessoas comuns, políticos ou figuras de autoridade.

A ideia de banalizar uma atitude antiética abre espaço para justificar injustiças sociais e minimizar a gravidade de opressões para com a população mais pobre e periférica, por exemplo. Uma vez que o jeitinho brasileiro é uma questão cultural, seu reflexo estará em vários âmbitos, como no desvio de verbas para obras públicas e no acobertamento de uma opressão policial na favela. Faz-se necessária a conscientização da população sobre o assunto, e a escola tem papel essencial no processo, com palestras e trabalhos desde o fundamental até o ensino médio.

A política é outro âmbito que coloca de lado valores éticos a todo momento. Toda a população sabe que vários integrantes do Congresso Nacional acobertam bens não declarados e desviam verbas significativas, entretanto, a menos que um escândalo midiático de corrupção exploda, essa população permanece em silêncio. O crime tornou-se um mecanismo integrante da sociedade e a feição da política brasileira parece com o reflexo da sua própria população. A mídia tem extrema importância nesse quadro, e precisa uma cobertura midiática imparcial sobre os políticos corruptos, de modo a denunciar representantes de todos os partidos políticos, incentivando a revolta popular de maneira a impulsionar que medidas punitivas sejam tomadas.

A sinergia do Estado, tomando as medidas necessárias para punir as figuras de autoridade corruptas, como políticos e policiais; da escola, incentivando seus alunos a se tornarem cidadãos melhores e a seguirem valores éticos; e da mídia, estimulando a população a lutar por mais justiça na política, é essencial para tornar o Brasil um país mais justo e formado por uma sociedade mais ética.

Diálogo 35



Diálogo 36

Em 16/08, no Diálogo 36, o professor interpelou a aluna para enviar suas críticas em relação ao texto digitado a fim de fortalecer a argumentação da aluna no texto. Durante a troca de mensagens, o Diálogo foi interrompido e permaneceu sem

fechamento, porque a aluna dormira. No dia seguinte, às 06:05, a aluna respondeu a pergunta feita pelo professor no dia anterior, às 22:06.

A aluna disse que precisava muito conversar com o professor sobre um problema de redação. Ela apresentou o assunto pelo AWA, mas demonstrava querer se encontrar pessoalmente com o professor. Nesse ponto da análise, notamos que cada modo de interagir com o aluno tem seu lugar. As NTIC têm limite, e alguns apontamentos como a melhora no texto da aluna não ficavam explícitos, mesmo que o professor tivesse tido tal intenção. O DG encontra seu limite no próprio sujeito digital pelo cansaço demonstrado no enunciado “Quero! / Dormi / Desculpa!” da aluna.

O silêncio materializado pela aluna ocorreu porque ela estava limitada pelo cansaço. Conforme análise das “iscas de atenção” (IA), no Capítulo 2, podemos dizer que essa limitação impedia a IA 8, celular sempre conectado, e IA9, figura de uma mão segurando o aparelho celular. Nesse caso, o aparelho celular sempre conectado e a mão que segurava poderia significar a (im)possibilidade de se estar em interação mais do que sua capacidade biológica.

133 12 99738 3846

texto... sei lá fala o que te fez pensar que não melhorou 15:10 ✓

Ah é que eu tentei adaptar o texto para aquele modelo que vc falou ontem...sobre como dividir a solução ao longo do texto mas não sei se deu mto certo 15:36

Entendi. Ficou dentro Rafa... 15:43 ✓

O que eu estou apontando ou discutindo um pouco com vc é a questão da qualidade.. 15:43 ✓

Entendi...na última redação vc me deu 80 de proposta de intervenção, nessa vc daria quanto? 15:59

19/8/2016

nessa? Eu daria 120. 15:51 ✓

Puxando pra baixo... pq acredito que seria possível atingir 160. 15:51 ✓

Tendi 15:52

E aí como ficou?! O que acha de subir 40 ou 80? 15:53 ✓

Acho ótimo né kkk 15:54

rs kkk tá. Ufa! Pensei que não se alegrasse com conquistas de pontos 15:58 ✓

rs kk 15:58 ✓

na verdade...fa vc escreve bem e tem tido disciplina 15:59 ✓

acho que pode atingir uma marca boa no ENEM mas precisa ir ponto a ponto agora; detalhe a detalhe 15:59 ✓

Vai pra cima! rs kk Tá no caminho... 15:59 ✓

Aí que bom! Nossa eu to mto nervosa com redação pq essa história da cirurgia vai me prejudicar bastante... 16:06

Fico muito feliz com conquistas ponto por ponto kkkk estou progredindo poxa 16:07

rs Eu imagino. Lembro-me de você falando sobre seu nervosismo. Mas acalme-se a sua maneira porque isso parece que vai prejudicar bastante, contudo pode vir reforçar uma postura mais atenta e metaconsciente até a prova. 16:11 ✓

Pode ser, eu to tentando pensar pelo lado bom...tipo agora eu meio que vou ter que me obrigar a me acalmar pq a situação não depende mais de mim 16:13

É também vou ter que tentar aprender mais só ouvindo o professor, o que pode melhorar o meu nível de concentração 16:14

Só espero que antes da prova eu não tenha um breakdown igual aconteceu no meio do ano 16:15

Issol 16:21 ✓

é o que penso. rs 16:21 ✓

Não terá Rafa. Ainda bem que acertou o modelo antes da cirurgia e agora precisamos apenas mexer na qualidade das partes/funções no texto 16:22 ✓

Abraço. 16:22 ✓

Psê...obrigada Leandro 16:31

Abraço 😊 16:31

Lenadro, eu não sei oq eu faço...pq eu ia prestar Enem e várias particulares agora no fim do ano, mas eu acho que vai acabar ficando muito pesado pros meus pais pagarem a faculdade particular longe de casa, vc acha que compensa ficar mais um ano no cursinho e tentar federal? Tipo vc acha que eu consigo? 23:11

Sim. Acho que consegue sim. Até pensei que vc estava acreditando que esse ano ia... 23:24 ✓

rs kk 23:24 ✓

Rs mas vc acha que esse ano eu conseguiria ? 23:26

Não sei como está nas outras matérias... mas sim acho que sim rs 23:32 ✓

engraçado vc perguntar isso 23:32 ✓

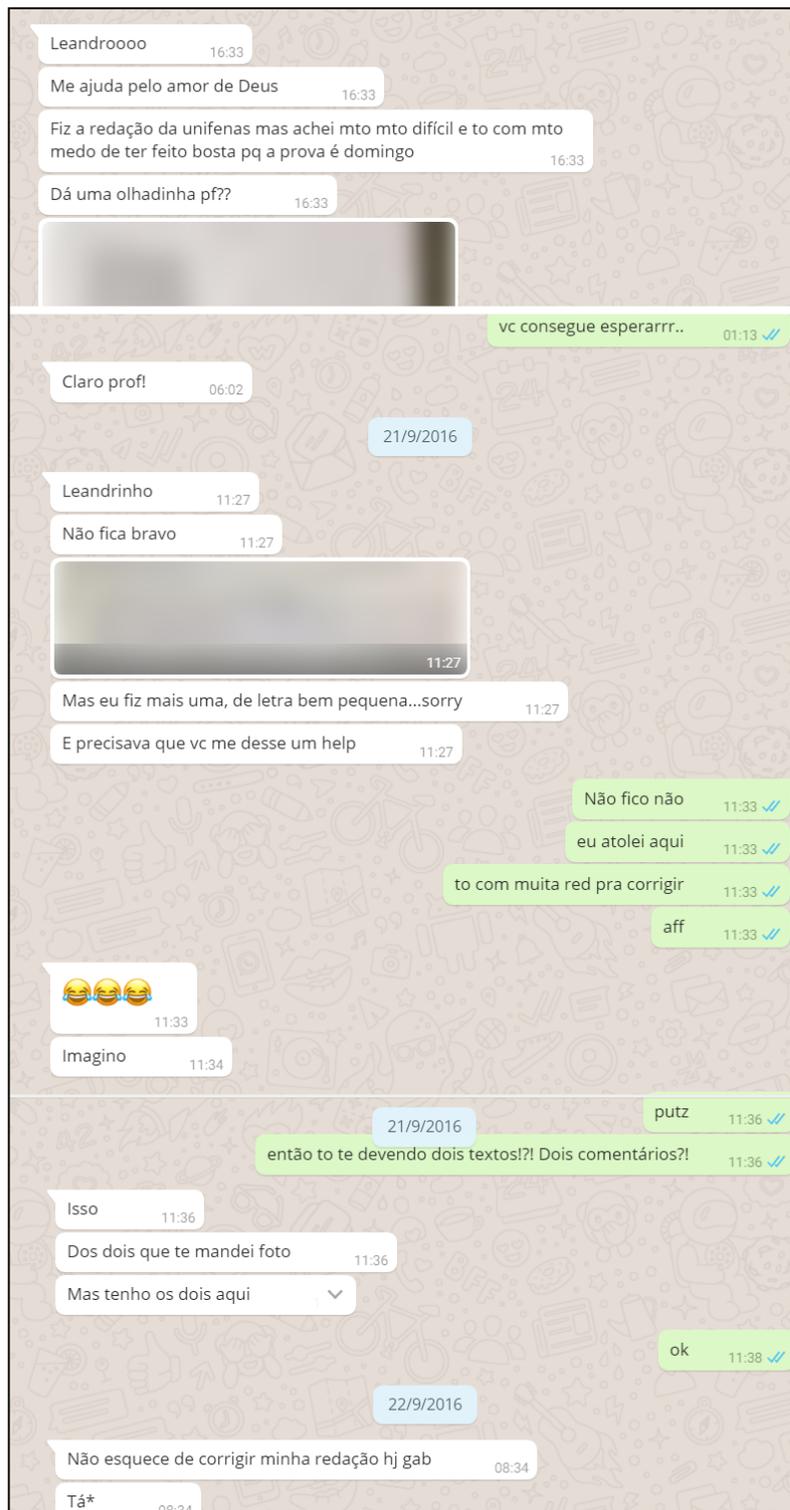
a imagem que tenho de vc é diferente da que vc tem de si mesma

Digite uma mensagem

Diálogo 37

No Diálogo 37, a aluna procurava entender onde poderia melhorar seu texto e a expressava seu nervosismo em relação à cirurgia que talvez fosse preciso fazer. No dia 19/08, o professor e a aluna falaram sobre a nota do texto e o quanto o texto feito poderia valer.

Neste ponto da análise, faremos um resumo das atividades para que fique claro o desenvolvimento das atividades de acompanhamento individual da aluna pelo AWA. No dia 19/08, a aluna relatou que queria fazer o curso de medicina. Entre 22/08 e 25/08, a aluna precisou faltar às aulas a semana inteira por motivos de saúde e demonstrou em suas mensagens preocupação em estar ausente. Mesmo ausente das AR presenciais, ela apresentava dúvidas sobre a elaboração de sua conclusão no texto, conforme critérios de correção de redação do ENEM. No dia 09/09, ela enviou a imagem do texto que fizera para o vestibular da FMP (Faculdade de Medicina de Petrópolis – Arthur Sá Earp Neto). Após a leitura do texto pelo professor, ele enviou suas críticas e questionou sobre as afirmativas e os argumentos do texto a fim de aprimorar as habilidades argumentativas da aluna. Posteriormente a isso, no dia 11/09, das 17:22 às 21:15, as mensagens trocadas foram sobre a qualidade dos argumentos nos textos e as sugestões de melhora desse aspecto. No dia 14/09, aluna lembrou o professor para ele chegasse mais cedo na escola para encontro presencial com ela, a fim de continuar a dirimir suas dúvidas.



Diálogo 38

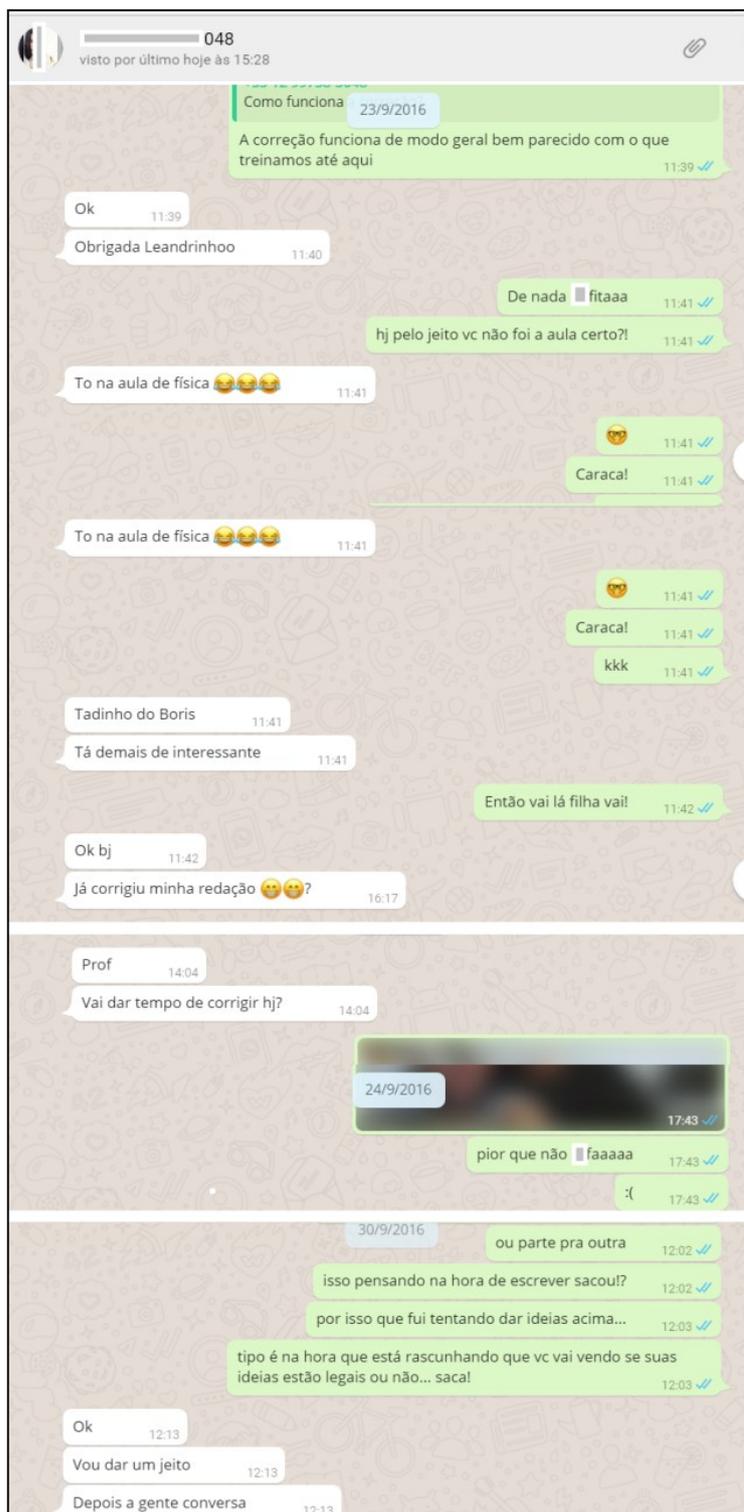
Os enunciados "Leandrooo" e "Me ajuda pelo amor de Deus", de 18/09, no Diálogo 38, foram as duas frases ditas pela aluna requerendo a opinião do professor sobre um texto que ela já havia feito no vestibular da Unifenas (Universidade Federal de Alfenas). Nesse trecho, pareceu ficar evidente a insegurança ou a ansiedade da

estudante sobre a qualidade do seu texto. Ficou evidente também a cobrança, pela aluna, ao professor, das redações corrigidas e, juntamente com isso, a cobrança ao professor por atenção. A aluna pedia a correção ou a devolutiva dos textos, mesmo sendo avisada de modo informal pelo professor de sua incapacidade por falta de tempo para atender a essa demanda. Nesse período do ano, os vestibulares já iniciaram, e a tensão à qual ela parecia estar submetida precisava ser dividida com seu professor pelo AWA.

Nesse caso, podemos entender, pelos enunciados, que o professor representava, ora o “entregador de serviço”, ora aquele que “detém” o saber, ou seja, o “sacerdote doador”. A imagem do professor-doador contrastada com a do professor *service deliverer* evidenciam a presença de diferentes FD e seus embates de força. Pelo enunciado “Me ajuda pelo amor de Deus”, “Dá uma olhadinha pf??” e “precisava que vc me desse um help”, percebe-se que a iniciativa era da aluna de pedir, para aquele que “detém o saber”, a ajuda até pelo Discurso Religioso, “Deus”; isso evidencia que a aluna sustentava o imaginário do professor como doador. Ademais, pela perspectiva da economia da atenção (CALIMAN, 2012), a aluna estava buscando atrair o olhar do sujeito-professor pelo diminutivo no léxico “olhadinha”, pela frequência das mensagens-pedidos, pelo “pf”, significando que a atenção requerida seria breve. O oposto à figura do professor-sacerdote é a do professor contratado e, nesse sentido, o sujeito-professor-contratado é aquele que divide o serviço em dia, horário de trabalho e, certamente, o salário. Tal sujeito inscreve-se nos enunciados “to com muita red para corrigir”, “To te devendo dois textos!? / Dois comentários!?” e principalmente pelo último enunciado da aluna “Não esquece de corrigir minha redação hj”. Observemos que, nos dizeres que marcam a imagem de um professor assalariado, o *status* se inverte quase que imediatamente e conseqüentemente a relação de força também, a aluna partiu inicialmente da FD Pedagógica e de seu regime de verdade, o que, a nosso ver, seria mais adequado, pois uma aluna que se enunciasse cliente desde o início, como em seu último *post*, seria em certa medida incômoda e até incoerente para situação comunicativa pelo AWA, fora do dia e horário reservados para tal atividade. Enfim, é pelo manejo da atenção, do discurso e automaticamente da linguagem na interação professor/aluno que se opera pelo AWA.

No dia 22/09, às 08:34, a aluna pediu para o professor não se esquecer de corrigir ou comentar a redação que ela fizera em Petrópolis (Diálogo 38). O

professor respondeu às 16:04, tecendo um comentário geral de todo o texto. A aluna disse que ficara insegura no momento da elaboração do texto durante o exame de vestibular, pois um dos textos de apoio da proposta de redação era um poema e, segundo ela, não conseguia abstrair um argumento a partir do poema para usar em seu texto dissertativo-argumentativo. Às 15:32, ao final de um trecho de suas mensagens, ela disse "Não esquece minha redação", requerendo a atenção do professor.



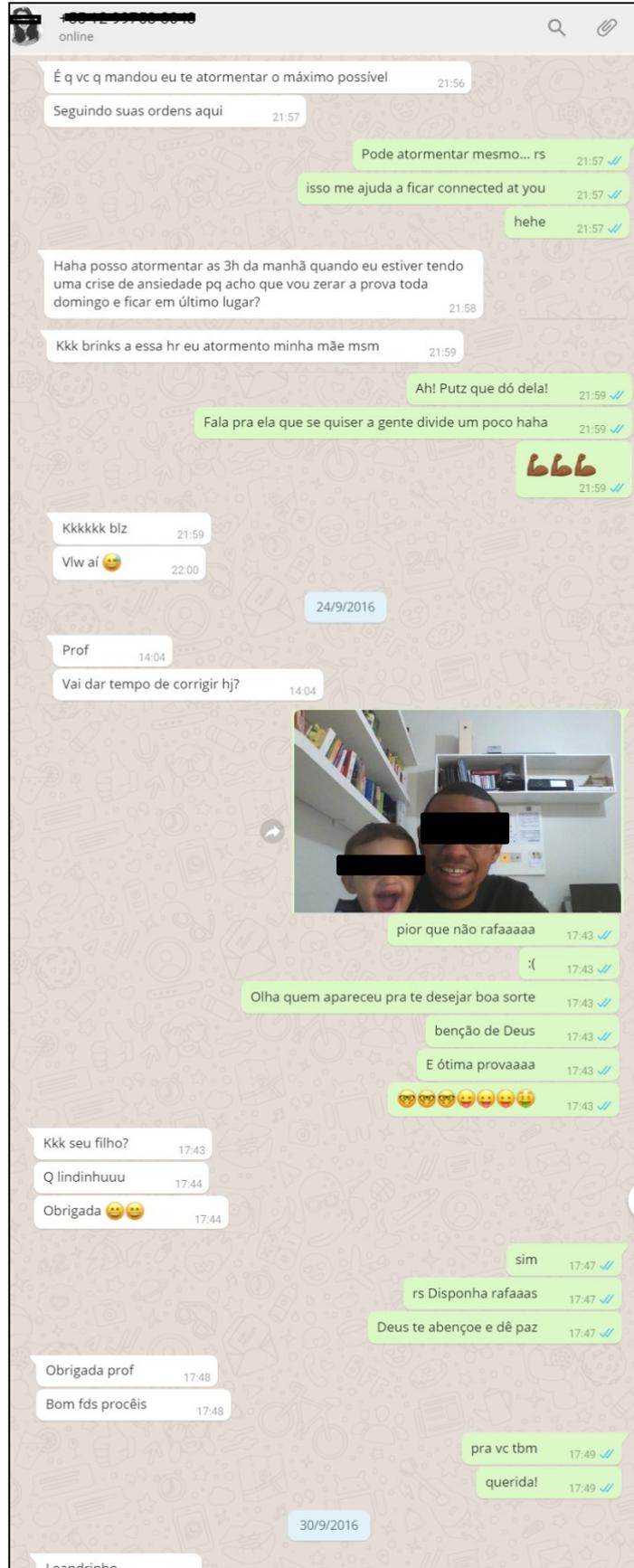
Diálogo 39

No dia 23/09, às 11:12, no Diálogo 39, o professor reiniciou a interação para terminar de comentar o texto anterior; às 11:29, a aluna avisou que faria o vestibular da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) e perguntou, ao professor, se conhecia a banca de avaliação e os critérios adotados. Nessa troca de mensagens, ela perguntou mais uma vez se o professor "... teve tempo de olhar a outra

redação..." e disse "Eu acho que ela (redação) ficou melhor". Agradece às 11:40, "OK / Obrigada Leandrinho" e disse que estava na aula de Física desde o início do Diálogo.

A Aluna 1 parecia “negociar” a atenção do professor e, com isso, sua presença, pois ela estava em aula de Física e, mesmo parecendo interessada, paralelamente, dialogou com o professor de redação pelo AWA (Diálogo 39). Assim, o corpo do aluno, o seu organismo, estava em sala, mas seus enunciados, seus dizeres, não, porque parece que, pela linguagem, poderia se (res)significar a presença e manejar a atenção.

Destaca-se, no Diálogo 39, que o professor interpelou a aluna, demonstrando ou buscando demonstrar que estaria atrasado e sem tempo para entregar-lhe os comentários de seus textos (sujeito-professor-contratado), feitos dias antes, principalmente porque a aluna faria vestibular no final de semana seguinte, 24 e 25 de setembro de 2016. Passemos ao Diálogo 40.



Diálogo 40

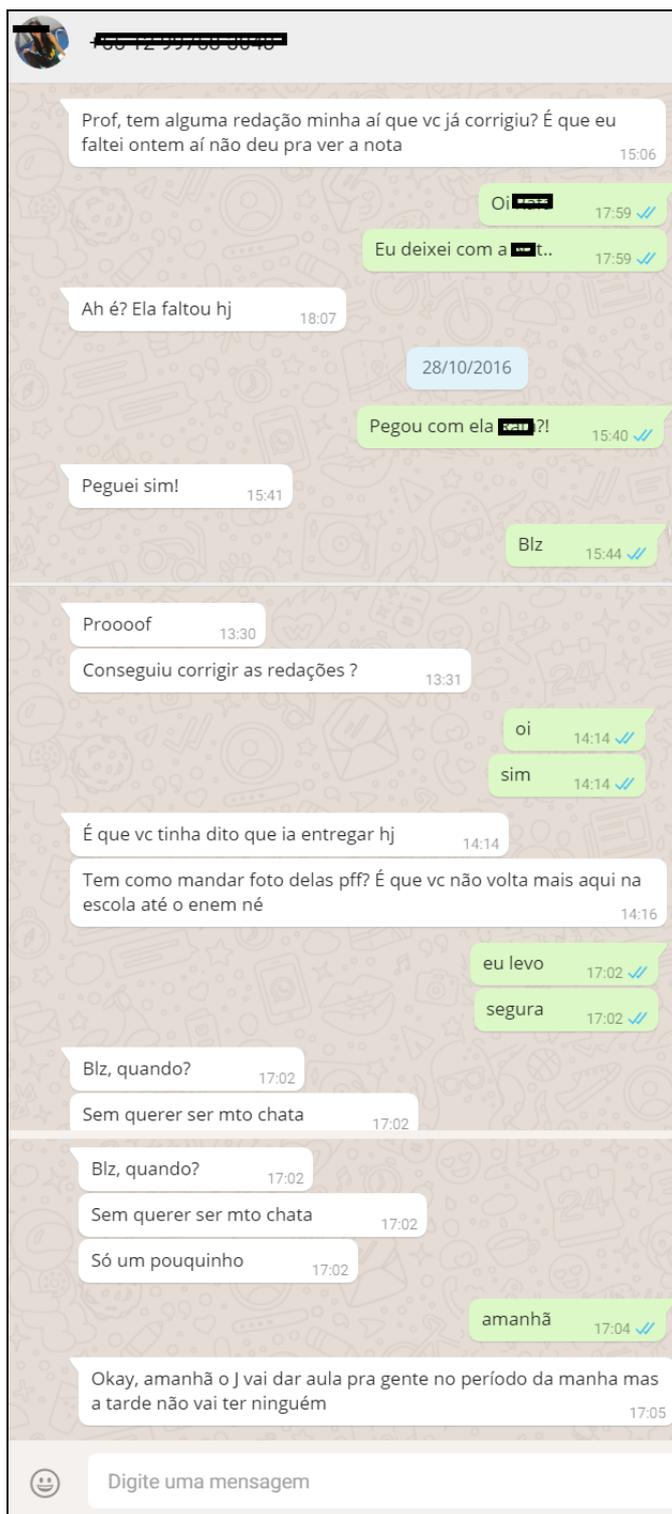
Ressaltamos que, em setembro de cada ano letivo, os alunos já têm de participar de exames de vestibulares. Nesse período do ano, a intensidade das correções aumenta proporcionalmente às indicações de ansiedade dos alunos e alunas.

Às 11:12, o professor terminou de comentar o texto acima (Diálogo 40). Às 11:29, a Aluna avisou que faria o vestibular UNIFAL e pergunta se o professor conhece a banca e os critérios de avaliação das redações. Ela, mais uma vez, perguntou se o professor "... teve tempo de olhar a outra redação...", dizendo, na sequência, "Eu acho que ela (redação) ficou melhor". Às 11:40, a aluna agradeceu: "OK / Obrigada Leandrinho" e disse que estava na aula de Física desde o início do Diálogo.

Dia 30/09, a aluna dividiu com o professor a dificuldade que tivera em fazer a redação de acordo com o tema proposto no vestibular da Unifenas, no final de semana anterior. Ela enviou a imagem das redações para comentário do professor, apresentando sua dificuldade em elaborar reflexões mais profundas sobre os temas em seus textos.

O DP fisga os sujeitos professor e aluna à medida que há troca de papel (social) entre professor e a mãe da aluna, o que conseqüentemente altera a relação professor/aluna. Quando o professor aceita ouvir a aluna às três da manhã, mesmo que seja uma brincadeira, a imagem de professor-doador destaca-se e interfere no efeito de sentido das mensagens, assim, a relação de força se inverte. Isso ocorre principalmente porque, nesse horário, é a mãe da aluna que geralmente a acolhe. Outro fator é o horário do Diálogo, das 21:56 às 22:00, pois mostra que a proximidade da relação professor/aluna apenas é possível de se concretizar pelo AWA. Isso evidencia a construção de um sujeito "conectado" 24 horas, algo que preconiza o DG, que disciplina os corpos a estarem disponíveis ininterruptamente e especialmente no caso do AWA pelas IA, especificamente pela IA 8 e 9, respectivamente a ordem para manter o aparelho conectado e a mão que o segura.

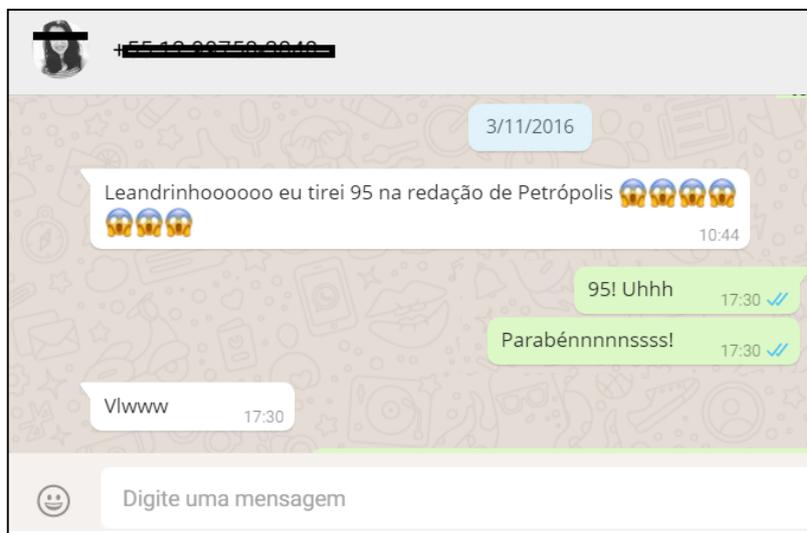
Dia 18/10, a aluna recebeu pelo AWA o tema de redação selecionado pelo professor sobre povos indígenas. Ela pediu, ao professor, um encontro presencial, no intervalo para o almoço, dizendo que não precisaria corrigir sua redação, era apenas para dar uma "olhada". No dia 19/10, ela lembrou o professor do horário do encontro deles.



Diálogo 41

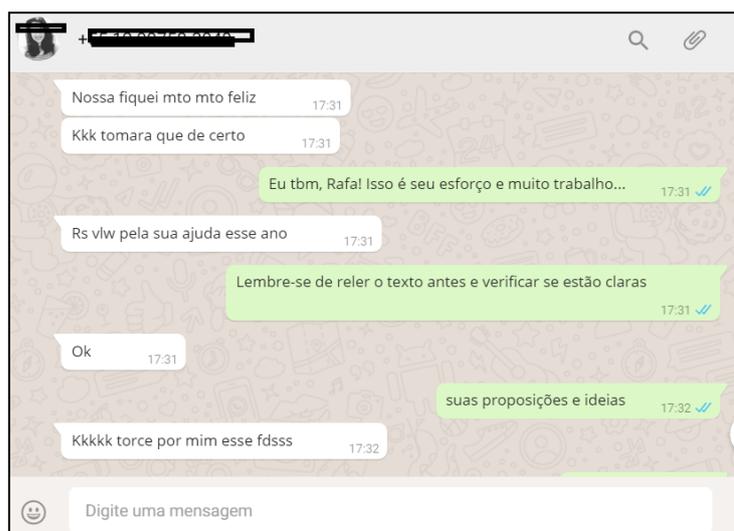
Dia 26/10, após ter feito algumas redações a partir dos temas enviados pelo professor, a aluna perguntou se deveria enviar as redações pelo AWA, e o professor respondeu negativamente, e as mensagens da aluna continuaram no dia 28/10, tal como na reprodução no Diálogo 41.

Depois de algumas mensagens informais, no dia 03/11, a aluna interpelou o professor para dizer sobre o excelente resultado que obtivera nas provas de redação nos vestibulares que fizera, mostrando estar agradecida pelo trabalho do professor, conforme os Diálogos 42 e 43.



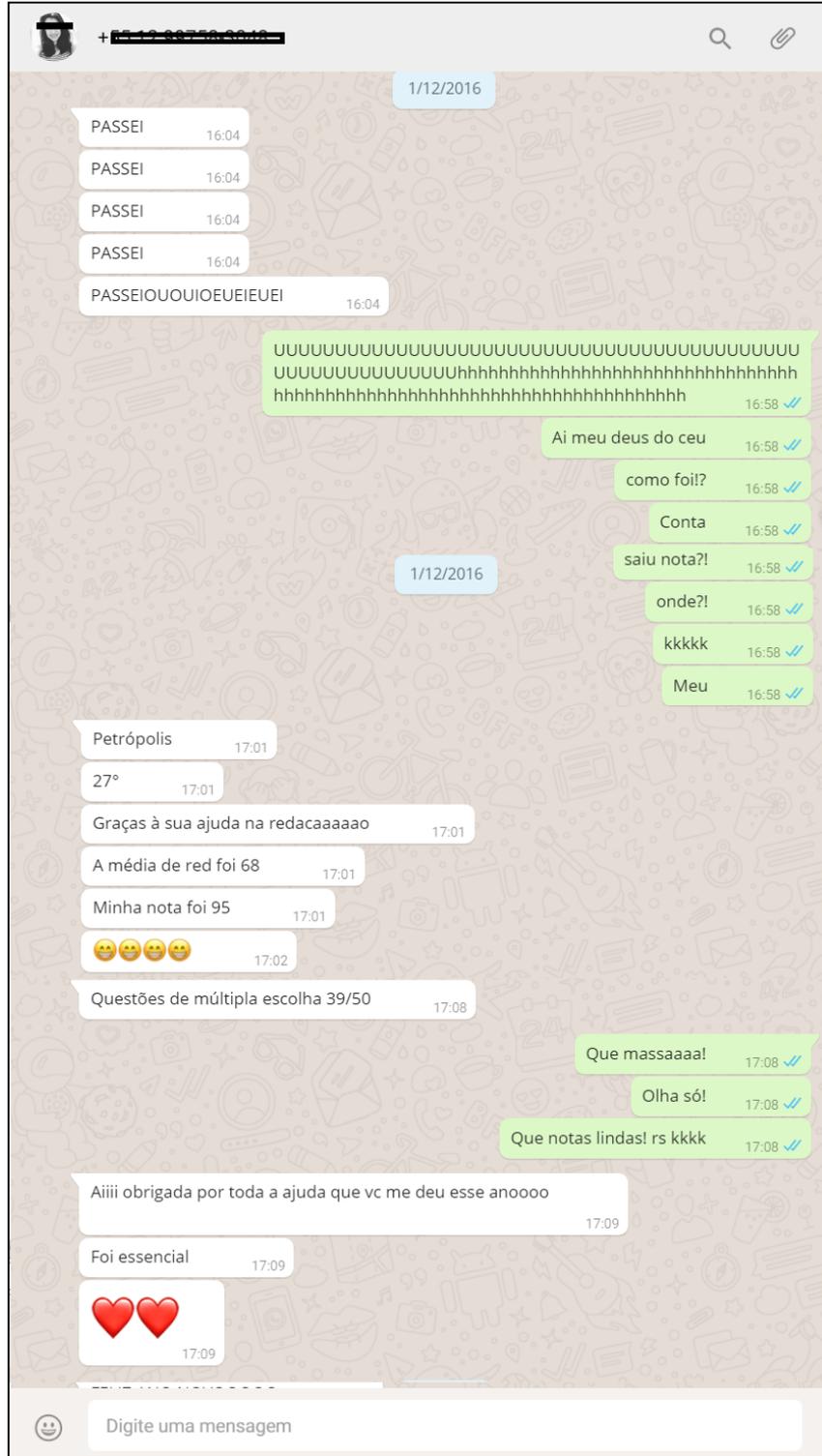
Diálogo 42

A aluna enunciou que recebera 95 pontos de 100 em uma redação de vestibular que fizera em Petrópolis.



Diálogo 43

O enunciado “Torcer por mim esse fdss” remete a jogos, pelo verbo “torcer” ser empregado na esfera de competições e jogos. No Diálogo 43, a aluna confirmou seu desempenho nas provas de redação dos vestibulares que prestara.



Diálogo 44

Passaremos aos Diálogos do acompanhamento individual pelo AWA e presencial do Aluno 2, no período entre 05/09/2016 e 10/01/2017. O horário e o dia para os encontros presenciais não eram marcados pelo AWA, contudo, eles ocorriam, em geral, no intervalo do almoço e eram pré-agendados. As mensagens postadas foram informais e apresentavam as dúvidas, as dificuldades e os resultados do Aluno 2 nas redações de vestibulares e, ao contrário da Aluna 1, o caso do Aluno 2 reflete a individualidade de cada aluno de um encontro individual pelo AWA. A partir desse caso, os dados foram postos em tabelas, ora transcritos ora colados (*control + v*), e dispostos em três colunas: a primeira, marcando as linhas; a segunda coluna, marcando data e horário; e a terceira coluna apresenta as mensagens.

5/9/2016		
As mensagens que você enviar e as ligações que você fizer nesta conversa estão protegidas com criptografia de ponta-a-ponta. Clique para mais informações.		
1	[15:52, 5/9/2016]	A: E ai, Leandro, beleza? É o Aluno 2, seu aluno do alfa
2	[15:52, 5/9/2016]	A: Vim pedir ajuda
3	[15:53, 5/9/2016]	A: Lembra que você passou aquele negócio de "delimitação de assunto, etc"?
4	[15:53, 5/9/2016]	A: Perdi minhas folhas e ninguém aqui na sala tem
5	[15:53, 5/9/2016]	A: Se puder mandar algo, ou slá
6	[15:53, 5/9/2016]	A: Por favor
7	[15:54, 5/9/2016]	P: Hope! Fala Aluno 2 [abreviação do nome do aluno]
8	[15:54, 5/9/2016]	P: Claro!
9	[15:55, 5/9/2016]	P: ETEC pra que quer isso mesmo!?
10	[15:55, 5/9/2016]	P: Mas eu mando sim
11	[15:55, 5/9/2016]	P: Outra coisa... vc poderia discutir alguns temas por aqui comigo hein! Alguns textos seus ou algo que esteja precisando...
12	[15:55, 5/9/2016]	A: É que me ajudou na feição das redação. Facilita bastante
13	[15:55, 5/9/2016]	P: rs
14	[15:55, 5/9/2016]	P: Hummm
15	[15:55, 5/9/2016]	A: Claro!
16	[15:56, 5/9/2016]	A: Acabei de receber a folha da redação dos apps
17	[15:56, 5/9/2016]	A: Vou fazer a redação daqui a pouco
18	[16:03, 5/9/2016]	P: Blz
19	[16:03, 5/9/2016]	P: Então vamos lá posso te dizer uma coisa será um prazer te reexplicar por aqui...
20	[16:04, 5/9/2016]	P: Delimitar um assunto é recortá-lo e recortá-lo e escolher. É como se você, enquanto escritor, escolhesse o enquadramento que quer dar sobre aquilo que quer escrever.
21	[16:04, 5/9/2016]	P: Mais exemplo:
22	[16:05, 5/9/2016]	P: Futebol = Assunto
23	[16:05, 5/9/2016]	P: Vamos delimitar um pouco mais esse assunto!?
24	[16:05, 5/9/2016]	P:
25		
26	[16:06, 5/9/2016]	P: O Status do Futebol nacional e internacional
27	[16:07, 5/9/2016]	P: Victor, quando você delimita/enquadra um aspecto da matéria (assunto), você acrescenta palavras/termos/conceitos, porque, quanto mais palavras coloca, mais especifica!
28	[16:08, 5/9/2016]	P: Fique tranquilo que te mando um resumo sobre isso bem organizado.... só quero entender se vc consegue pegar essa ideia geral e simples
29	[16:08, 5/9/2016]	P: Tenta fazer um pra eu ver?
30	[16:37, 5/9/2016]	P: Desenhei pra vc
31	[16:37, 5/9/2016]	P: é o resuminho... posso te mandar inteiro mas vou esperar vc ler ok!?
32	[23:53, 5/9/2016]	A: Ô, querido professor. Amanhã respondo direitinho. Teve aula do professor D até 21h30 e cheguei e empacotwi
33		6/9/2016
34	[09:31, 6/9/2016]	P: Sem problemas Eteciano!
35	[09:31, 6/9/2016]	P: hehe
36		15/9/2016
37	[13:27, 15/9/2016]	A: Professor, sinto muito por não comparecer às aulas e não responder. Só preciso trocar os remédios que já volto ao normal
38	[13:35, 15/9/2016]	P: heheh!
39	[13:35, 15/9/2016]	P: Como assim trocar remédios?!

40	[13:35, 15/9/2016]	P: O que aconteceu contigo meu querido Aluno 2(diminutivo) eteciano?!
41	[13:36, 15/9/2016]	P: Sem problemas em relação às faltas... sei que é pegado pra todos!
42	[13:47, 15/9/2016]	A: Tive crise de ansiedade de novo. Ai me deixa na merda
43	[13:54, 15/9/2016]	P: Saquei velhoo...
44	[13:56, 15/9/2016]	P: Deus abençoe vc Victor. Vou pedir a Ele para te dar suporte/calma/força. Abração.
45	[23:10, 15/9/2016]	A: Amém! Obrigado mesmo, Leandro! De verdade
46		10/10/2016
47	[18:18, 10/10/2016]	A: Parabéns, professor! Que Deus abençoes você e sua família. E que realize todos os seus sonhos. Tmj
48	[18:44, 10/10/2016]	P: Opa! Valeu Aluno 2 (diminutivo) agradeço a atenção viu
49	[18:44, 10/10/2016]	P: rs kkk Show!
50		122 kB
51	[22:01, 30/11/2016]	P: continue na sua estratégia
52	[22:01, 30/11/2016]	P: 3 argumentos configuram progressão argumentativa certamente
53	[22:02, 30/11/2016]	P: dois é muito arriscado
54	[22:02, 30/11/2016]	P: quem tem dois, tem um.
55	[22:02, 30/11/2016]	P: quem tem 3, tem dois
56	[22:02, 30/11/2016]	P: rs kk

Diálogo 45

No Diálogo 45, no caso do Aluno 2, percebemos períodos de silêncio e ausência de demanda de atenção pela interpelação direta e verbal no AWA. O aluno pediu a explicação de um conteúdo que havia sido apresentado presencialmente e seus colegas não tinham ou não queriam lhe fornecer. O silêncio foi justificado pela mensagem da linha 37.

Outro período de silêncio foi exatamente entre o Diálogo 45 e o 46. Assim, esse aluno demandou bem menos atenção do sujeito professor, e a interação entre eles, na maioria das vezes, revelou formas-sujeito pertencentes à FD Pedagógica, aquela que sustenta como regime de verdade que o aluno não sabe e o professor sim, ou então, que o aluno sabe menos e o professor sabe mais. Isso pode ser notado pelo enunciado “Vim pedir ajuda”, na linha 2, Diálogo 45.

64	[20:56, 6/12/2016]	A: Levo pra vc amanhã?
65		14/12/2016
66	[11:49, 14/12/2016]	A: Que horas vai estar na escola hoje?
67	[13:12, 14/12/2016]	A: É que eu só vou pra escola por um breve momento, pra pegar meu material
68	[14:30, 14/12/2016]	P: Eu vou as 15h
69	[14:30, 14/12/2016]	P: Belza
70	[14:30, 14/12/2016]	P: De boa
71	[14:30, 14/12/2016]	P: Qquer coisa é só me avisar onde eu pego contigo brow!
72	[16:00, 14/12/2016]	A: Levo agora
73	[16:00, 14/12/2016]	A: Pode ser?
74	[16:35, 14/12/2016]	A: Deixei na secretaria
75	[16:59, 14/12/2016]	P: Beleza
76		9/1/2017

predominantemente verbais e, ora ou outra, formas geométricas de um programa computacional relativamente simples denominado *Paint Brush* para explicar o que seria "delimitação temática".

Além de o professor explicar e apresentar com desenho o que é delimitação temática, na linha 20 a 29, por volta das 16:37, ele tentou convocar o aluno a praticar, na escrita, o conceito explicado. Contudo, o professor recebeu a seguinte mensagem, por volta de 23:53, em que o aluno dizia: "Ô, querido professor. Amanhã respoondo direitinho. Teve aula do Léo até 21h30...".

Na linha 34, dia 15/09/16, o aluno apresentou mais uma justificativa para não ter respondido à mensagem do professor e por ter se ausentado da AR: "Professor, sinto muito por não comparecer às aulas e não responder. Só preciso trocar os remédios que já volto ao normal". Ele disse que tivera crise de ansiedade e por isso não ficava disposto a participar das AR e de qualquer outra atividade (l. 39). O aluno justificou sua ausência virtual, verbalizando que não estava bem; nesse caso, percebemos que a presença pelo AWA era determinada pela interação, se havia interação então havia presença. Assim, houve uma ressignificação da noção de presença, pois ele ocorria pelos *posts*, sejam eles verbais ou não-verbais (com imagens), ou audiovisuais.

Dia 10/10/16, o aluno parabenizou o professor pelo seu aniversário, assim como o grupo de alunos do AWA do 2º ano e alguns do 3º ano. No dia 14/12/16, o aluno requisitou a atenção do professor para que fosse entregue a ele (aluno) um texto corrigido.

Dia 9/01/17, o Aluno 2 disse que tivera dificuldade em encontrar "argumentos concretos" e considerara o "tema ruim" no momento de fazer a redação no vestibular (l. 65, 69) no final de semana. Dez dias após isso, 19/01/17, o aluno enviou mensagem informando que obtivera 920 de pontuação em sua redação no ENEM e que, provavelmente, não conseguiria a vaga no curso de Medicina porque sua pontuação não era o suficiente em outras disciplinas. Ele agradeceu (l. 72) e disse que outra dificuldade durante esse exame vestibular fora a gestão do tempo para execução da prova.

Os enunciados "estou torcendo" (l.80), "torço" (l.83) e "tomara" (l.85) evidenciam a característica de jogo, partida, disputa, inerente aos exames de vestibular. Assim como nos Diálogos dos alunos do grupo do AWA do 3º ano, Aluno 2 "torce" por sua vaga no curso de medicina. Entretanto, a diferença é que, nesse

caso, o aluno pareceu não torcer antes ou durante a execução do exame. Ele manteve-se com as expectativas conforme apontadas nos enunciados “Pena que não fui bem em algumas outras matérias” (l. 72) ou “Fui meio mau em umas coisas” (l. 77). Passemos para análise do conjunto de mensagens em dois Diálogos entre o professor de redação e duas alunas, os quais iniciaram e finalizaram no mesmo dia.

O primeiro será o grupo de mensagens entre o professor e a Aluna 3, do 2º do Ensino Médio. Ele durou aproximadamente 1:20, ocorreu no dia 24/09/2016, a aluna escreveu a primeira versão a qual foi modificada pelo professor sob o acompanhamento da aluna. Para ela, seu principal problema era o limite de linhas, porém, durante o atendimento pelo AWA, eles abordaram o problema da escolha lexical frente ao tema da FUVEST 2015, “Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.

145		Tipo,eu citei ele pra "mostrar" q eu ia dar ênfase na questão da divisão de classes,eu nao aprofundei pq achei q ia fugir do tema,ja q eh brasileiro
146	[16:19, 24/9/2016]	P: sim ficou ótimo!
147	[16:20, 24/9/2016]	A: Ok kk
148	[16:30, 24/9/2016]	P: 69 kB (fotografia do professor juntamente com seu filho)
149	[16:30, 24/9/2016]	P: olha quem apareceu aqui
150	[16:30, 24/9/2016]	P: pra dar uma moral pra gente
151	[16:30, 24/9/2016]	A: Kkkk
152	[16:30, 24/9/2016]	P: !!!
153	[16:31, 24/9/2016]	P: kkk falei que estava falando com a tia rebeca
154	[16:31, 24/9/2016]	A: Fala pra ele ver se ta boa kkl
155	[16:31, 24/9/2016]	A: Kk
156	[16:31, 24/9/2016]	P: olha que ele vê hein!
157	[16:31, 24/9/2016]	P: kkk
158	[16:31, 24/9/2016]	A: Kkk
159	[16:31, 24/9/2016]	P: um pedaço
160	[16:31, 24/9/2016]	P: A separação entre classe dominante e subjugada é abordada por Marx e reflete a luta de classe que se transveste pelo percurso histórico de um país. No Brasil, especificamente no período da vinda da família real para o país, os nobres viviam em "camarotes" de luxo e em riqueza, enquanto escravos e trabalhadores viviam em ... (qual seria pra vc o oposto dos camarotes de luxo desse período no Brasil? Engenhos? Senzalas? Campos de trabalho?) e em miséria. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre as classes ainda é muito visível [depois desse trecho... acho que seria melhor escolher uma ideia exposta pelas suas palavras para cortar. Por que fica muito coisa...], gerando greves e crimes como resposta,além de ainda existir trabalho escravo no país,principalmente no nordeste,o que fere gravemente os direitos humanos. A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião, (trocar por contudo) porém a grande maioria da população não tem direito à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar. Isso, por exemplo, os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos “detentores” (coloquei entre aspas porque saber não se detém ou contem, ele se (re)produz ou se articula, etc.) do saber. Em geral as pessoas mais ricas possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para

		seu bem estar, ou seja, isso promove a continuidade a essa segregação. [Várias manifestações e greves são feitas para tentar igualar as duas principais classes, porém, apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente.] (cortaria essa parte final ou resumiria assim: ..., pois é pelo saber que se pode igualar a diferença entre as duas)
161	[16:32, 24/9/2016]	P: dá uma lida
162	[16:36, 24/9/2016]	A: Sim
163	[16:36, 24/9/2016]	A: Ta ficando bem diferente
164	[16:36, 24/9/2016]	A: Esse texto ficou bem oral neh?
165	[16:36, 24/9/2016]	A: Ou vago
166	[16:36, 24/9/2016]	A: Sla
167	[16:37, 24/9/2016]	P: rs
168	[16:37, 24/9/2016]	P: acho que não..
169	[16:37, 24/9/2016]	P: qual parte tá oral?!
170	[16:37, 24/9/2016]	P: ou vago ?
171	[16:37, 24/9/2016]	P: vamos mexer
172	[16:37, 24/9/2016]	P: sem problemas...
173	[16:37, 24/9/2016]	A: Pq a linguagem q vc ta colocando tá melhor
174	[16:37, 24/9/2016]	A: Aí eu pensei q a minha tava oral
175	[16:38, 24/9/2016]	P: não... é só um outro jeitão... sabe
176	[16:38, 24/9/2016]	P: tbm to tentando emprestar pro texto umas palavras mais técnicas
177	[16:38, 24/9/2016]	P: de ciências humanas
178	[16:38, 24/9/2016]	A: Sim
179	[16:38, 24/9/2016]	P: que inclusive vc tem muito jeito pra coisa
180	[16:39, 24/9/2016]	P: acho que seu texto (seus textos) são de cunho escritos mesmo e não oral... sabe o que pode ser é a questão de escolha lexical (escolha de palavras)
181	[16:39, 24/9/2016]	P: saca!?
182	[16:40, 24/9/2016]	A: Sim
183	[16:40, 24/9/2016]	P: Olha eu coloquei umas paradas entre parênteses lá em cima tenta mexer e mandar de novo ...
184	[16:40, 24/9/2016]	A: Eu achei q ficou bom assim
185	[16:41, 24/9/2016]	A: Eh q eu n tenho o costume de pensar nas palavras msm
186	[16:47, 24/9/2016]	P: humm
187	[16:47, 24/9/2016]	P: tendi
188	[16:48, 24/9/2016]	P: é vamos começar a pensar!?! rs riri
189	[16:48, 24/9/2016]	P: Olha! Dei um tapinha no terceiro parágrafo...
190	[16:48, 24/9/2016]	P: vou colocar primeiro o antigo e depois o reescrito
191	[16:48, 24/9/2016]	P: A divisão do Brasil é muito evidente no nordeste, onde grande parte da população sofre com salários mínimos, falta de alimentos e infraestrutura básica, além de possuir trabalho escravo em fazendas e comércios que não são atingidos pela fiscalização, ferindo os direitos dessas pessoas como cidadãos, que somente aderem à esse trabalho por falta de alternativas na região. O coronelismo ainda é muito presente, sendo que os "coronéis" detêm todo capital do nordeste e seus trabalhadores ou vivem de "favores" do dono ou de salários tão baixos que passam necessidade. A divisão de poderes anti-democrata também atinge o norte, no extrativismo, onde quem denuncia as práticas dos poderosos é morto, mostrando outra face da quebra dos direitos humanos que são entregues à todos. O coronelismo, fruto de um herança histórica de dominação/exploração, ainda é vivo e forte em algumas regiões do país, principalmente no nordeste e no norte. Desse modo, os efeitos desse legado se manifestam em baixos salários, falta de alimentos, infraestrutura básica precária e, até mesmo, trabalho escravo nas fazendas e comércios que não são devidamente fiscalizados nos sertões, comunidades ribeirinhas, do nordeste e norte brasileiros. Assim, a força de coroneizinhos, detenedores do capital, deixam trabalhadores de localidades sofridas a ficarem sem alternativa frente à exploração e fere aos direitos

		humanos.
192	[16:50, 24/9/2016]	A: Tendi...
193	[16:50, 24/9/2016]	A: Ficou bem menor tbm
194	[16:56, 24/9/2016]	P: Portanto, a situação inicial do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes, em que a dominante vive em "camarotes" de luxo, riqueza e poder e a oprimida sobrevive em péssimas condições, com seus direitos negados. Conclui-se, portanto, que a situação de desigualdade social do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes. Desse modo, de um lado, os grupos dominantes vivem em "camarotes" de luxo, na riqueza e com poder; por outro, os oprimidos sobrevivem em péssimas condições, em pobreza e com seus direitos negados.
195	[16:56, 24/9/2016]	P: Fiz esse outuro
196	[16:58, 24/9/2016]	A: Sim
197	[16:58, 24/9/2016]	P: tem alguma coisa pra sugerir?! vamos fechar o texto então?!
198	[16:58, 24/9/2016]	A: Deve ter na apostila esses conectivos
199	[16:59, 24/9/2016]	A: Por mim tudo bem
200		Tema ENEM - APLICATIVOS.pdf
201		PDF371 kB
202	[16:59, 24/9/2016]	P: Pronto
203	[16:59, 24/9/2016]	P: ririri
204	[16:59, 24/9/2016]	P: já tinha aqui
205	[16:59, 24/9/2016]	P: pera i
206	[16:59, 24/9/2016]	P: pdf errado
207	[17:00, 24/9/2016]	A: Ah ta kkk
208	[17:00, 24/9/2016]	A: Eh kkk
209	[17:00, 24/9/2016]	A: Esse foi nosso penultimo tema
210	[17:01, 24/9/2016]	P: rs kkk
211		conectores_do_discurso.pdf
212		PDF10 kB
213	[17:01, 24/9/2016]	P: foi sim
214	[17:01, 24/9/2016]	P: erreí aqui
215	[17:02, 24/9/2016]	P: olha só então vamos lá vai

Diálogo 47

Na linha 145, a aluna disse, na mensagem, que buscava enfatizar, na introdução de sua redação, a diferença entre as classes sociais (1ª versão da redação). Após isso, o professor sugeriu que fosse feita a reescrita, considerando principalmente a escolha de palavras (l. 175 a 177). Antes da intervenção do professor, a aluna pensou que seu texto estava apresentando mais características da linguagem oral do que da escrita (l. 164 a 174).

Como o texto estava sendo escrito em conjunto (pela aluna e professor) e seria feito em apenas um encontro, durante toda interação, houve mensagens que buscavam o consenso das alterações feitas. Durante essas confirmações, a aluna dizia "Eu achei q ficou bom assim" (l.184) e que não tinha "o costume de pensar nas palavras" (l.185). O encontro pelo AWA pareceu ter permitido que ela refletisse mais sobre esse aspecto.

243	[17:22, 24/9/2016]	P: vamos juntar tudo então
244	[17:23, 24/9/2016]	P:
245		
246	[17:23, 24/9/2016]	A: Acho q o 3* está bom só trocando a ordem
247	[17:23, 24/9/2016]	A: Tipo n cortaria mt coisa
248	[17:23, 24/9/2016]	A: Ok

Diálogo 48

Nesta interação, tanto professor quanto aluna, quando alteravam o texto, o enviavam mensagens um para o outro em busca do consenso sobre o texto feito. Na linha 197, a aluna respondeu positivamente à diminuição do tamanho em sua primeira versão pelo enunciado "Ficou bem menor tbm". Às 16:58, professor sugeriu o final da atividade pelo AWA, e aluna pediu os "conectivos". Na linha 58, a aluna expos sua opinião sobre a versão final do texto pelos enunciados: "Acho q o 3* está bom só trocando a ordem" e "Tipo n cortaria mt coisa" (l.246).

A tabela 4, abaixo, apresenta as duas versões da redação, na coluna à esquerda a primeira versão da redação na coluna à direita, a versão final, após as troca entre professor e aluna.

1º versão da redação	Versão Final
A separação entre classe dominante e submissa já é abordada desde Marx, no Brasil sendo evidente no período da vinda da família real para o país, com os nobres vivendo em "camarotes" de luxo e riqueza enquanto escravos e trabalhadores viviam miseravelmente. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre populações é muito visível, gerando greves e crimes como resposta, além de ainda existir trabalho escravo no país, principalmente no nordeste, o que fere gravemente os direitos humanos.	A separação entre classe dominante e subjugada é abordada por Marx e reflete a luta de classe que se transveste pelo percurso histórico de um país. No Brasil, especificamente no período da vinda da família real para o país, os nobres viviam em "camarotes" de luxo e em riqueza, enquanto escravos e trabalhadores viviam em senzalas e casas miseráveis. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre as classes ainda é muito visível, além de ainda existir trabalho escravo no país, principalmente no nordeste, o que fere gravemente os direitos humanos.
A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião, porém a grande maioria da população não possui acesso à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar o que vêem, o que os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos detentores do saber, em geral as pessoas mais ricas, que possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, a continuidade dessa segregação. Várias manifestações e greves são feitas para tentar	A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião, contudo a grande maioria da população não tem direito à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar. Isso, por exemplo, os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos "detentores" desse poder. Em geral as pessoas mais ricas possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, isso promove a continuidade a essa segregação.

<p>igualar as duas principais classes, porém, apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente.</p>	<p>Apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente.</p>
<p>A divisão do Brasil é muito evidente no nordeste, onde grande parte da população sofre com salários mínimos, falta de alimentos e infraestrutura básica, além de possuir trabalho escravo em fazendas e comércios que não são atingidos pela fiscalização, ferindo os direitos dessas pessoas como cidadãos, que somente aderem à esse trabalho por falta de alternativas na região. O coronelismo ainda é muito presente, sendo que os "coronéis" detêm todo capital do nordeste e seus trabalhadores ou vivem de "favores" do dono ou de salários tão baixos que passam necessidade. A divisão de poderes anti-democrata também atinge o norte, no extrativismo, onde quem denuncia as práticas dos poderosos é morto, mostrando outra face da quebra dos direitos humanos que são entregues à todos.</p>	<p>O coronelismo, fruto de uma herança histórica de dominação, ainda é vivo e forte em algumas regiões do país, principalmente no nordeste e no norte. Desse modo, os efeitos desse legado se manifestam em baixos salários, falta de alimentos, infraestrutura básica precária e, até mesmo, trabalho escravo nas fazendas e comércios que não são devidamente fiscalizados nos sertões, comunidades ribeirinhas, do nordeste e norte brasileiros. Assim, a força dos coronéis, detentores do capital, deixam trabalhadores de localidades sofridas a ficarem sem alternativa frente à exploração, ferindo os direitos humanos.</p>
<p>Portanto, a situação inicial do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes, em que a dominante vive em "camarotes" de luxo, riqueza e poder e a oprimida sobrevive em péssimas condições, com seus direitos negados.</p>	<p>Conclui-se, portanto, que a situação de desigualdade social do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes. Desse modo, de um lado, os grupos dominantes vivem em "camarotes" de luxo, na riqueza e com poder; por outro, os oprimidos sobrevivem em péssimas condições, em pobreza e com seus direitos negados.</p>

Tabela 4

Relatamos que a Aluna 3 recebeu 900 de pontuação na redação do ENEM em 2016. Nos anos anteriores, a sua pontuação ficava abaixo de 800. A escrita em conjunto e as sugestões de organização textual, segundo ela, foram úteis para melhorar seu desempenho. Isso mostra que o AWA pode ser usado em conjunto com as AR no processo ensino-aprendizagem de redação escolar?

O Diálogo 49, a seguir, das 13:47 às 18:40, no dia 07/10/2016, foi encontro pré-agendado e individual, entre a Aluna 4 e o professor, momento em que escreveram juntos a tese e a introdução de uma redação pelo AWA. Para a aluna, seu principal problema era a organização de suas ideias nos parágrafos do texto, porém, durante o atendimento pelo AWA, eles abordaram o problema de se posicionar frente ao tema “o uso de aplicativos no cotidiano e seus avanços no Brasil: adaptar-se ou não adaptar-se, eis a questão”.

26	[15:54, 7/10/2016]	A: pronto professor
27	[15:50, 7/10/2016]	P: Ebaaa!
28	[15:50, 7/10/2016]	 P:
29	[15:58, 7/10/2016]	P: blz
30	[15:58, 7/10/2016]	P: qual é a principal dúvida mesmo?!
31	[15:59, 7/10/2016]	A: eu tenho que organizar meus pensamentos nos parágrafos
32	[15:59, 7/10/2016]	P: Certo. O que prefere?
33	[16:00, 7/10/2016]	P: 1) escolher seu texto JÁ feito para refazermos juntos
34	[16:00, 7/10/2016]	P: ou
35	[16:00, 7/10/2016]	P: 2) fazermos um (plano de escrita) do zero juntos?
36	[16:00, 7/10/2016]	P: Ou alguma outra sugestão?
37	[16:04, 7/10/2016]	A: melhor fazermos o plano de escrita, para no final de semana eu poder ver se eu entendi sabe ?
38	[16:04, 7/10/2016]	P: Certo. Sem problemas.
39	[16:04, 7/10/2016]	A: e reescrever
40	[16:04, 7/10/2016]	A: ok
41	[16:04, 7/10/2016]	P: Quer um tema novo ou um antigo?
42	[16:04, 7/10/2016]	A: pode escolher
43		Tema adaptado - APLICATIVOS.pdf
44		PDF369 Kb
45	[16:07, 7/10/2016]	P: Sugiro esse então. Abre pra vc ver. Leia com calma e vamos começar!
46	[16:07, 7/10/2016]	A: ta bom

Diálogo 49

Em 07/10/16, às 13:42, **sexta-feira**, professor e aluna iniciaram contato. O professor informou que não estava livre, e aluna, evidenciando estar disponível, pediu que fosse avisada para o início do encontro. Todos os acertos sobre o uso do PC e do AWA foram feitos logo no início do Diálogo 47, às 15:48. Após perguntar a dúvida da aluna, o professor lhe sugeriu que escolhesse a atividade a ser feita pelo AWA: reescrever um texto antigo da aluna seu ou escrever um novo (l. 15-20). A atividade iniciou-se efetivamente pelo enunciado “pronto professor”, às 15:54, na linha 26, conforme anexo 4.

Após escolher praticar a redação com tema novo, às 16:04, o professor sugeriu à aluna que fizesse um plano de escrita, tendo em vista a dificuldade por ela apontada, "organizar meus pensamentos nos parágrafos". A Aluna elaborou uma tese para o texto às 16:22, e o professor sugeriu que ela resumisse o trecho, buscando extrair dele a parte central, por meio da pergunta: "Qual trecho vc iria manter e qual iria tirar?!".

47	[16:08, 7/10/2016]	P: Ok. Peço que abra uma folha em branco no word então
48	[16:08, 7/10/2016]	P: Vamos começar
49	[16:08, 7/10/2016]	A: ok vou abrir e ler
50	[16:08, 7/10/2016]	P: Ok.
51	[16:08, 7/10/2016]	P: To contigo aqui.
52	[16:11, 7/10/2016]	A: pronto, acabei de ler
53	[16:12, 7/10/2016]	P: Está certo. Entendeu bem?!
54	[16:12, 7/10/2016]	A: sim
55	[16:13, 7/10/2016]	P: Show! Lembre-se de que sempre quando você estiver fazendo um texto de modo geral é muito importante pensar NO QUE está escrevendo.
56	[16:13, 7/10/2016]	P: E no ENEM ou outra banca quem vai te dar esse norte é o TEMA e os textos suporte!
57	[16:13, 7/10/2016]	P: Então, vamos lá. Agora como você iria começar a escrever? Pode fazer como sempre faz que eu quero ver vai!
58	[16:15, 7/10/2016]	A: como sempre faço, leio varias vezes o texto suporte, tento tirar o maximo para a tese
59	[16:15, 7/10/2016]	P: humm
60	[16:15, 7/10/2016]	A: vou fazer uma tese para te mostrar
61	[16:15, 7/10/2016]	P: tendi...
62	[16:15, 7/10/2016]	P: tá

Diálogo 50

Nas linhas 57 e 58, o professor pediu à aluna para fazer o que ela sempre fazia para escrever redações, e ela disse que seu costume era ler os textos-suporte "leio varias vezes o texto suporte, tento tirar o máximo para a tese" (l.58).

63	[16:22, 7/10/2016]	A: O Brasil é um pais que comecou a pouco tempo a ter mais acesso a tecnologia. Com os novos avanços feitos, como os aplicativos de Fast Food, o Brasil assim como os paises mais tecnologicos tem como vontade adptar-se a esses avanços.
64	[16:28, 7/10/2016]	P: Certo.
65	[16:29, 7/10/2016]	P: hum... e se eu te pedir pra resumir isso... Vc consegue?!
66	[16:29, 7/10/2016]	P: É algo bem mais curtinho...
67	[16:29, 7/10/2016]	P: Qual trecho vc iria manter e qual iria tirar?!
68	[16:30, 7/10/2016]	A: iria tirar 'O Brasil é um pais que comecou a pouco tempo a ter mais acesso a tecnologia.'
69	[16:31, 7/10/2016]	A: "o Brasil assim como os paises mais tecnologicos tem como vontade adptar-se a esses avanços." -> acho que esse trecho seria mais a tese

Diálogo 51

Da linha 63 a 65, Aluna 4 postou sua tese do texto, e o professor pediu-lhe que resumisse o trecho, buscando manter o que era mais central. Como a aluna mostrou-se insegura em apontar o que seria principal, o professor fez perguntas a fim de fazê-la abandonar o que sempre fazia. Nesse caso, a noção de *posição-sujeito* estava sendo apresentada de modo "prático", ao se questionar e (re)escrever juntamente com a aluna.

O recorte ou a delimitação do trecho escrito pela aluna foi um dos modos que o professor teve de fazê-la identificar os termos que melhor expressavam seu

posicionamento. Além disso, esse exercício proporcionou à aluna a possibilidade de exercer o poder de escolha, possibilidade de identificação individual com o coletivo, mesmo que o processo de escrita, nesse diálogo, demonstrasse estar no início.

81	[16:35, 7/10/2016]	P: Por que PARA VC o Brasil quer adaptar-se a esses avanços?
82	[16:35, 7/10/2016]	P: Consegue me explicar um pouco o que está enxergando
83	[16:35, 7/10/2016]	P: ...
84	[16:37, 7/10/2016]	A: para poder se interar no mundo tecnologico, assim como os EUA e tambem para poder facilitar a comunicação e modernizar
85	[16:38, 7/10/2016]	P: Como assim?! Vc acha que todo mundo aqui no brasil quer isso? Tipo até o tiozinho lá da zona rural
86	[16:38, 7/10/2016]	P: do bairro do registro?!
87	[16:39, 7/10/2016]	P: rs
88	[16:40, 7/10/2016]	A: não acho que todos querem, ate pq nem todo mundo pensa igual e tem as mesmas opiniões, mas a classe mais alta quer ter esse acesso para nao "ficar por baixo" e a nova cultura do mundo atual é a tecnologia
89	[16:42, 7/10/2016]	A: a classe mais baixa muitas vezes nao quer por nao ter esse direito, ou melhor nao ter as condições necessárias para poder se inserir junto a essas modernidades
90	[16:43, 7/10/2016]	P: Nossa! Legal isso hein!
91	[16:43, 7/10/2016]	P: Então tá... nós demos a volta e te pergunto
92	[16:43, 7/10/2016]	P: [fazer perguntas. Então, vou te fazendo algumas perguntas pra te ajudar a lapidar isso que escreveu. tá? Mas não se irrita!]
93	[16:43, 7/10/2016]	A: ok
94	[16:44, 7/10/2016]	P: o Brasil assim como os paises mais tecnologicos tem como vontade adptar-se a esses avanços
95	[16:44, 7/10/2016]	P: O que você quis dizer está aqui dentro desse trecho acima
96	16:46, 7/10/2016]	A: sim... mas o que te respondi nao esta com uma opiniao um pouco em cima do muro ?
97	[16:47, 7/10/2016]	A: acho que meu problema e esse... onsigo defender os dois lados, mas nao sei escolher um... somente na minha tese que eu coloco exatamente minha opinião so que nao explicita
98	[16:47, 7/10/2016]	P: Não não
99	[16:47, 7/10/2016]	P: Vc colocou de modo bem maduro
100	[16:47, 7/10/2016]	P: Sabe
101	[16:47, 7/10/2016]	P: Mas eu acho que no trecho que vc chamou de tese não tem essas coisas legais que disse
102	[16:47, 7/10/2016]	P: Vc quer tentar reescrever ou quer que eu faça pra ti
103	[16:47, 7/10/2016]	P: posso fazer pra vc ver...
104	[16:48, 7/10/2016]	A: acho melhor vc fazer eu poder ver pq ter uma opinião eu tenho
105	[16:48, 7/10/2016]	A: mas nao sei expor nos parágrafos
106	[16:49, 7/10/2016]	P: tá
107	[16:49, 7/10/2016]	P: pera i
108	[16:49, 7/10/2016]	P: relaxa com os parágrafos... a gente chega lá
109	[16:49, 7/10/2016]	A: ok

Diálogo 52

Na linha 81, o professor perguntou "Por que PARA VC o Brasil quer adaptar-se a esses avanços?", e a aluna respondeu "para poder se interar no mundo tecnologico, assim como os EUA e tambem para poder facilitar a comunicação e modernizar" (l. 84). A partir dessa resposta, o professor interagiu novamente "Como assim?! Vc acha que todo mundo aqui no brasil quer isso? Tipo até o tiozinho lá da

zona rural / do bairro do registro?! / rs", e a aluna respondeu "não acho que todos querem, ate pq nem todo mundo pensa igual e tem as mesmas opiniões, mas a classe mais alta quer ter esse acesso para nao 'ficar por baixo' e a nova cultura do mundo atual é a tecnologia / a classe mais baixa muitas vezes nao quer por nao ter esse direito, ou melhor nao ter as condições necessárias para poder se inserir junto a essas modernidades". Assim, os questionamentos continuaram até a linha 89.

Nesse trecho, a aluna disse "nao ficar por baixo", o que significa um enunciado: todos os países deveriam acompanhar os "avanços" da internet. O conceito de *acontecimento*, todos deveriam saber ou querer saber, participar ou querer participar, é um dos traços do DG e, quando os temas de redação apresentam uma reflexão sobre o desinteresse em novas tecnologias, isso não chega a ser considerado. Assim, o apagamento desse mecanismo discursivo, fruto da FD Digital, interferiu na capacidade de reflexão da aluna.

O professor se ofereceu à aluna para elaborar uma tese para seu texto, buscando mostrar-lhe como poderia ser feita a reescrita. A aluna aceitou que o professor fizesse "acho melhor vc fazer eu poder ver" (l. 86). Após 10 minutos aproximadamente, o professor postou a tese reescrita e um quadro explicativo do que foi feito (l.120), reutilizando as ideias dadas pela própria aluna nas respostas aos questionamentos do professor.

O quadro explicativo busca ilustrar como foi "pinçar" as ideias das respostas da aluna para elaborar a tese.

Tese inicial

... o Brasil assim como os países mais tecnológicos tem como vontade adaptar-se a esses avanços

1º Pergunta

Por que PARA VC o Brasil quer adaptar-se a esses avanços?
Consegue me explicar um pouco o que está enxergando

Resposta

para poder se interar no mundo tecnologico, assim como os EUA e tambem para poder facilitar a comunicação e modernizar

2º Pergunta

Como assim?! Vc acha que todo mundo aqui no brasil quer isso? Tipo até o tiozinho lá da zona rural do bairro do registro?!

rs

Resposta

não acho que todos querem, ate pq nem todo mundo pensa igual e tem as mesmas opiniões, mas A CLASSE MAIS ALTA QUER ter esse acesso para nao "ficar por baixo" e a NOVA CULTURA DO MUNDO ATUAL é a tecnologia a classe mais baixa muitas vezes nao quer por nao ter esse direito, ou melhor nao ter as condições necessárias para poder se inserir junto a essas modernidades

Tese novinha em folha, aproveitando as ideias das respostas...

Opção 1 - O Brasil quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.

Opção 2 - A falta de condições das classes mais baixas é desafio para o Brasil participar de modo mais pleno da cultura tecnológica, entretanto somos presença sólida (e continuaremos a ser) no mundo digital (ou tecnológico).

Figura 7 - Explicação em imagem enviada para aluna

Após a aluna elaborar e postar a primeira versão que expressa seu posicionamento frente ao tema, o professor questionou sobre os principais trechos. A figura 7 tinha sido feita em um programa simples denominado *paint brush* para que aluna pudesse visualizar melhor os grifos e recortes do professor. Para que a impressão fique com boa qualidade, o texto foi transcrito.

126	[17:13, 7/10/2016]	A: o Brasil é um país com uma grande variedade de classes sociais. Com essas variedades a ideia de adaptar essa tecnologia para o Brasil é um problema, pois a opinião da população de cada classe é diferente e assim como em qualquer país, a proposta de adaptar- se a essa tecnologia é necessária.
127	[17:13, 7/10/2016]	A: fiz uma nova tese colocando as ideias das respostas
128	[17:14, 7/10/2016]	P: ok.
129	[17:14, 7/10/2016]	P: Vc leu as que eu mandei?!
130	[17:15, 7/10/2016]	P: Sabe uma coisa que notei aqui
131	[17:15, 7/10/2016]	P: vc precisa sempre da contextualização junto com a tese né?!
132	[17:15, 7/10/2016]	A: a tese 1 que voce fez professor é exatamente o que eu queriaa escrever resumidaamente
133	[17:15, 7/10/2016]	A: sim
134	[17:16, 7/10/2016]	P: Humm

Na linha 126, do Diálogo 54, a nova tese foi postada e, a partir dela, o professor propôs que a aluna desenvolvesse a introdução da redação.

135	[17:16, 7/10/2016]	P: Vamos fazendo juntos então...
136	[17:16, 7/10/2016]	P: Então.... Vamos tentar juntar tudo... fazer o primeiro parágrafo ENEM
137	[17:17, 7/10/2016]	P: ?!
138	[17:17, 7/10/2016]	A: sim
139	[17:21, 7/10/2016]	P: Então.
140	[17:21, 7/10/2016]	P: Junta aí pra gente acabar... calma que já tá acabando...rs
141	[17:22, 7/10/2016]	A: ok
142	[17:24, 7/10/2016]	P: O Brasil quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.
143	[17:25, 7/10/2016]	P: Pega esse aqui e vai
144	[17:28, 7/10/2016]	A: o primeiro paragrafo nao pode ter conexão com a tese ne ?
145	[17:33, 7/10/2016]	P: Então... vamos tentar fazer a introdução... ou vc já terminou de fazer?!
146	[17:34, 7/10/2016]	A: vamos fazer a introdução
147	[17:36, 7/10/2016]	P: Tá
148	[17:36, 7/10/2016]	P: to no aguardo aqui
149	[17:36, 7/10/2016]	A: mas eu vou contextualizar essa tese ? ou ja vou fazer o 1 paragrafo
150	[17:36, 7/10/2016]	P: vc consegue?!
151	[17:37, 7/10/2016]	P: Contextualiza primeiro...
152	[17:37, 7/10/2016]	A: ta, vou tentar e ja te mando
153	[17:39, 7/10/2016]	P: ok
154	[17:41, 7/10/2016]	A: O Brasil quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio. Diferentemente de outros países o Brasil acaba ficando em desvantagem devido a falta de impostos altos e baixas qualidades de vida que acabam levando o predomínio de classes mais baixas e a falta de condição para adaptar-se a cultura tecnológica.
155	[17:41, 7/10/2016]	P: Ficou bom...
156	[17:42, 7/10/2016]	P: eu sugiro que inverta os trechos
157	[17:42, 7/10/2016]	P: coloque a contextualização primeiro
158	[17:42, 7/10/2016]	P: e depois a tese
159	[17:44, 7/10/2016]	A: assim ?
160	[17:44, 7/10/2016]	A: Devido a falta de impostos altos e baixas qualidades de vida que acabam levando o predomínio de classes mais baixas e a falta de condição para adaptar-se a cultura tecnológica, o Brasil acaba ficando em desvantagem, pois ele quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.
161	[17:44, 7/10/2016]	P: [Minha cara... terei que parar 5 minutinhos para 18h. Vou sair pra dar aula... tá?! A gente pode continuar depois né?!]
162	[17:44, 7/10/2016]	A: Devido a falta de impostos altos e baixas qualidades de vida que acabam levando o predomínio de classes mais baixas e a falta de condição para adaptar-se a cultura tecnológica, o Brasil acaba ficando em desvantagem, pois ele quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.
163	[17:45, 7/10/2016]	P: Isso mesmo!
164	[17:45, 7/10/2016]	A: sim, claro

Da linha 135 a 169, a aluna desenvolveu a introdução com auxílio do professor e, após a postagem, o professor informou-lhe que precisará encerrar o encontro.

Aluna 4 acabou reprovando o ano letivo de 2016 (1º ano) por não ter obtido média em outras disciplinas.

3.3 - Algumas considerações da análise dos registros do corpus

Nesta análise, buscou-se interpretar os enunciados resultantes do Diálogo pelo AWA entre professor e alunos. A interferência do AWA junto à prática escolar, principalmente AR, ainda é nova e desafiadora e, por isso, algumas reflexões, alguns questionamentos, sobre o corpus do diálogo individual e em grupo serão apontadas(os) abaixo para que esta pesquisa continue futuramente.

Algumas considerações sobre a análise dos registros do corpus do diálogo em grupo são: (1) a questão da ambiência - o AWA reproduz aspectos da sala de aula, como as brincadeiras ou o silêncio por parte dos alunos quando o professor os convoca para o trabalho; (2) para solucionar dúvidas, o AWA não permite maior aproximação entre professor/alunos talvez por conta do desconforto em compartilhar “fraquezas” em grupo ou pela informalidade na interação, uso de palavras de baixo calão, por exemplo; (3) diante da convocação do professor para o trabalho, alguns poucos alunos respondem; (4) como resistência a convocação de trabalho do professor aos alunos no grupo do AWA, ocorrem fenômenos incomuns como as brincadeiras, o “kkkk”, o desvio de assunto, o silêncio etc.; e (5) em alguns momentos, o virtual gera novo sentido à interação no espaço físico, ou seja, o AWA interfere nas relações e talvez seja possível que sua interferência (res)signifique a experiência presencial num dado espaço físico, durante uma AR, por exemplo, como foi no caso dos alunos do 2º ano.

Algumas considerações sobre a análise dos registros do corpus dos casos individuais são: (1) os sujeitos precisam gerenciar a interação, considerando diversas variáveis, como os horários para envio ou abertura de mensagens, por exemplo; (2) cada aluno dispensa e exige atenção diferentemente dos colegas, nesse sentido, tal demanda de/por atenção no AWA talvez possa ser gerenciada pelo manejo discursivo; (3) a noção de presença pode ser (res)significada por

postagens pelo AWA; e (4) pode-se usar o AWA para (re)escrever a redação juntamente com o aluno, como foram os dois últimos casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de investigar o modo que o AWA contribui para o desenvolvimento do trabalho de produção de texto escolar pela interação virtual professor/aluno, considerou-se predominantemente a interação entre professor/aluno presencial, a qual se revelou insubstituível e elementar. O DG representa a vida, porque é uma vida que passa pelo virtual; além de se fazer uma foto, por exemplo, tem de ser compartilhada nas redes sociais. O DG “imita” a vida, “imita” os relacionamentos, as brincadeiras, o imaginário construído em uma sala de aula. Neste trabalho, pudemos notar, de modo geral, que tanto aluno quanto professor necessitam do relacionamento presencial. Com base no objetivo desta dissertação, considerando a ressalva do contato presencial como pano de fundo, algumas reflexões puderam e podem ser evocadas.

Notou-se que o AWA, assim como alguns outros aplicativos, frutos da FD Digital, provoca a inversão homem-máquina, ou seja, o usuário submisso à máquina, como os alunos do grupo do 2º ano que interromperam a AR para tirarem *selfies*. Tal ocorrido provocou ainda mais o desejo de talvez se pesquisar os limites entre o que parece ser “coisa de jovem” e o poder da tela de Buzzato, entre um programa direcionado à economia da atenção de Caliman e as IA (“iscas de atenção”).

O acontecimento nas relações contemporâneas professor-aluno incorpora a capacidade, mesmo que momentânea, de a máquina ditar o que se deve fazer na tela de uma AWA ou em sala de aula. Isso destaca os novos jogos de poder ao qual pertencemos cotidianamente.

O AWA foi mais bem aproveitado, a nosso ver, quando houve a individualização da interação professor/aluno, ou seja, nos casos individuais. Em certo sentido, as atenções eram capturadas, direcionadas e pareceram poder ser manejadas por meio da linguagem. Se estivermos inseridos constantemente em relações interpessoais e, portanto, relações de poder, ao se apropriar de conceitos como a individualização dos corpos da AD, há indícios de que se possa auxiliar o aluno por meio dessa tecnologia.

O jogo de convocação exposto no Capítulo 3 de análise, evidenciou a necessidade de se continuar a compreender as regras postas nele e, no caso da AR, que principalmente o professor precisa planejar, contemplando tais elementos. Ressaltamos que esse jogo não é restrito à interação professor/aluno pelo AWA, ela

ocorre em sala de aula, o que queremos mostrar é que, em um contexto socioeconômico como esse, em que o DP e DG se interferem, cabe a revelação de que por vezes podemos estar Dialogando com o assujeitamento de nosso aluno (ou de nós mesmos) e com o comportamento ditado por uma empresa como os aplicativos ou de aparelhos celulares.

O trabalho docente de modo geral exige atividades extraclases, além do horário da aula estabelecida pela instituição. No caso do uso do AWA, notou-se grande aumento das horas de trabalho a despeito da sensação prazerosa de dever cumprido que o professor possa ter. Os dois aspectos, trabalho docente e o uso do AWA, atrelados ao ensino da redação no EM agrava e força uma “boa” gestão do tempo do professor, bem como do aluno.

Assim, neste trabalho, a noção de sala de aula e AR é (res)significada. Paredes, carteiras e lousas dão espaço para a tela do AWA, teclados e *emojis*. Notamos a virtualização das vozes, das brincadeiras, da mão, como recurso de significação criado pelo DG para construção de uma ambiência que imita a vida. Nesse jogo ilusório, um dos efeitos de sentido constantes é o enunciado “fale livremente”, divulgado no site oficial do AWA, o que simbolizaria estar liberto dos limites temporais. Perde-se a noção do horário de trabalho ou estudo. Isso afeta diretamente as relações trabalhistas as quais provavelmente não serão modificadas ou adaptadas, pois encobrir dizeres que expressem o esforço de seus sujeitos-usuários é parte da FD Digital e da *posição-sujeito-digital*.

Por outro lado, o DP, mais provável de produzir o professor-doador, aceita ser recompensado por alunos e alunas, agradecendo por todo trabalho prestado não pode ser traduzido em cifras, como dito anteriormente. É nesse intermeio que a figura do professor é confundida e às vezes abusada por ser sacerdote, ser doador, e nunca ter deixado de sê-lo.

Enfim, por vezes, jogamos sob as regras do DG, todavia, evitando aceitar cegamente sermos a origem de nossa fala ou de nosso fazer, pois o AWA pode auxiliar o processo de ensino-aprendizagem da escrita e talvez enriqueça a relação professor-aluno, se (des)construirmos o lugar de suas atuações e, antes, de seus dizeres.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa, Editorial Presença, s/d.

BELLE, Edgar. *Um olhar intertextual em: "Navegar é preciso, viver não é preciso"*. *Cadernos de pós-graduação em letras*. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 91-103, 2004.

BERTOLDO, Ernesto Sérgio. O Discurso Pedagógico da Linguística Aplicada. In: *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula: língua materna e estrangeira*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 161-189, 2003.

BOUHNİK, Dan; DESHEN, Mor. *WhatsApp goes to school: mobile instant messaging between teachers and students*. *Journal of Information Technology*, v. 13, p. 217-231, 2014. Disponível em: <<http://www.jite.org/documents/Vol13/JITEv13ResearchP217-231Bouhnik0601.pdf>>. Acessado em: 02/10/2016.

BUZZATO, Marcelo El Khouri. *Cultura Digital e Linguística Aplicada: travessias em linguagem, tecnologia e sociedade*. Campinas: Pontes, 2016.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. *Linguagens, Códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2000.

CALIMAN, Luciana Viera. *Os regimes da atenção na subjetividade contemporânea*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, 64, p.2-17, 2012. Disponível em <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/744>>. Acessado em 07 out de 2016.

CALIMAN, Luciana Viera. *Os valores da atenção e a atenção como valor*. *Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ*, v.8, p.632-645, 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a06.pdf>>. Acessado em 07 out de 2016.

DIAS, Cristiane. *Sujeito digital: sentidos de um novo paradigma*. In: *Cidade, Linguagem e tecnologia: 20 anos de história*. Campinas-SP: LABURB, p. 51-64, 2013. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/labeurb20anos/labeurb20anosPDF.pdf>>. Acessado em: 30 set de 2016.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Ebooklibris, 2003.

ERLANG (2017). *Erlang*. Disponível em <http://erlang.org/doc/getting_started/conc_prog.html>. Acessado em 06 mar. de 2017.

FRAGOSO, Suely. *Eu odeio quem odeia... Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na 'tomada' do Orkut*. Unisinos. E-COMPÓS, Porto Alegre, v.6, p. 1-22, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. 1969.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1970.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Traduzido por Raquel Ramallete. Vozes: Petrópolis-RJ, 1987.

FROES, Gabriel; WEBER, Vanessa. *As Linguagens Utilizadas pelas Redes Sociais // Vlog #22*. Disponível em: < <https://youtu.be/TCdDkGMTg1E>>. Acessado em: 01 out de 2016.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. *As representações de língua materna: entre o desejo de completude e a falta do sujeito*. 2002. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. *Valores socioculturais e estéticos em propagandas de aparelhos celulares divulgadas no Brasil de 1998 a 2007*. In: VII ESOCITE (Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias), 2008, Rio de Janeiro.

JUMANI, A. K. et al. *Destroy Messages: design and development of Software Tool for WhatsApp*. Department of Computer Science, Shah Abdul Latif University, Khairpur Mir's, Pakistan, Sci. Ser., v. 48, p.301-304, 2016.

KARAM, Francisco Consoli; LOPES, Maria Helena Itaquí, LOPES. *Ortopedia: origem histórica, o ensino no Brasil e estudos metodológicos pelo mundo*. Scientia Medica, Porto Alegre: PUCRS, v. 15, n. 3, jul./set. 2005.

KRUTZ, Elizete de Azevedo, FERNÁNDEZ, Francisco Javier Mas. *Google: a narrativa de uma marca mutante*. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 89- 107, 2009. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.18568/1983-7070.61689-107>>. Acessado em 03 abr 2017.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3 Ed. São Paulo: Editora 34, 2010 [1999].

MATTOS, Andre Sá de; CIARALHO, Gilson. *A Comunicação Integrada de Marketing no ciberespaço: adaptações possíveis na assessoria de publicidade e propaganda e na assessoria de imprensa diante da virtualidade*. Universitas: Arquitetura e Comunicação Social, v. 9, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2012. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5102/uc.v9i2.1930>>. Acessado em 03 abr de 2017.

MECÂNICA QUÂNTICA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mec%C3%A2nica_qu%C3%A2ntica. Acessado em 20 out de 2016.

MOGHRI, Rahmat Abbastabar. *Globalization as a discourse*. Journal of Law, Policy and Globalization. Vol 4, 2012. Disponível em <www.iiste.org>. Acessado em 05 de mar. de 2017.

MORENO, Fábio Carlos et al. Tical: Chatbot sobre o Atlas Linguístico do Brasil no WhatsApp. In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO (SBIE 2015). CBIE-LACLO, 2015, p. 279-288.

ORLANDI, E. P. *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade*. Campinas, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816/6422>>. Acesso em: 30 set 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital* [online]. Campinas, UNICAMP, vol. 2, 2013. Disponível em <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Acessado em 07 abr de 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. SP, Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015 [1988].

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et. al. 5 ed. Campinas, Unicamp, 2014 [1988].

PLUTARCO, Lúcio Mestrio. *Vida de Pompeu*. 106-48 a.C.

PRESSMAN, Roger S. *Engenharia de software*. Tradução de José Carlos Barbosa dos Santos. São Paulo: Makron Books, 1995.

RIBEIRO, Fabíola Macêdo. *Arquitetura na era eletrônica: a imagem absorvida pela informação*. 2006. Dissertação (Mestrado em *Design*) - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410895_06_pretextual.pdf>. Acessado em: 19 set. de 2016.

RIOLFI, Claudia Rosa; IGREJA, Suelen Gregatti da. *Ensinar a escrever no ensino médio: cadê a dissertação?* Universidade de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.1, p. 311-324, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. FAMECOS, nº 22, Porto Alegre, p. 23-32 . 2003.

SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. In: *Linguagem em (Dis)curso*. LemD, v. 9, n. 1, p. 157-180, 2009.

VICENTIN, Diego. *Potência para consumo*. Campinas, ComCiência, v.99, 2008.

VINCENTIN, Diego Jair. *A Mobilidade como Artigo de Consumo*: apontamento sobre as relações com o aparelho celular. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UNICAMP, Campinas, 2008.

WHATSAPP (2015a). *WhatsApp*. Disponível em <<http://www.whatsapp.com>>. Acessado em 13 fev. de 2017.

WHATSAPP (2015b). *Blog do WhatsApp*. Disponível em <<http://blog.whatsapp.com>>. Acessado em 13 fev. de 2017.

WIKIPÉDIA. *Gadget*. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gadget>>. Acessado em 13 fev. de 2017.

Consulta

CAVALLARI, Juliana Santana; UYENO, Elzira Yoko. *Bilinguismo*: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras. Campinas: Pontes, 2011.

CORACINI, Maria José. *Os blogs escolares e a escrita de si*: entre a redação escolar e os diários virtuais. CAVALLARI, Juliana Santana; UYENO, Elzira Yoko. *Bilinguismo*: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras. Campinas: Pontes, 2011. p.27-46

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *O papel e o poder fundador da linguagem na reflexão sobre conhecimento e tecnologia*. Entremeios, Porto Alegre, v. 11, p. 75-98, jun./dez., 2015. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/index.php?issue=11>>. Acessado em: 26 dez. 2015.

KASPERSKY. Mensagem segura na Internet: é uma ficção?. Disponível em <<https://blog.kaspersky.com.br/mensagem-segura-na-internet-segura-e-uma-ficcao/2829/>>. Acessado em 13 fev. de 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Seminário, livro 11. Traduzido por M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
Legislação Educacional. Disponível em <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65254/1/u1_d25_v1_visao_geral.pdf>. Acessado em 08 de jun. de 2016.

LEVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2 Ed. São Paulo: Editora 34, 2011 [1996].

LEVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2 Ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010 [1993].

MORGAN, Brian. *“Leitura errada” de paródia em um curso de inglês para fins acadêmicos*: implicações para os letramentos transnacionais? In: BRYDON, D.; TAVARES, R. (Eds.), *Letramentos transnacionais*: mobilizando o conhecimento

entre Brasil/Canada (pp. 77-94). Maceió, Brasil: EDUFAL, Federal University of Alagoas Press, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acessado em 08 de jun. de 2016.

GLOSSÁRIO

Algoritmo – é uma sequência finita de instruções bem definidas as quais devem ser executadas em um intervalo de tempo finito e quantidade de esforço finita. Em alguns casos eles são simples e sequenciais, em outros pode ser mais complexos. Eles podem fazer iterações ou necessitar de decisões como comparações ou lógicas até que tarefa seja completada. Algoritmo precisa ser implementado e apropriado ao problema ou à tarefa; ele não representa um programa de computador e sua implementação pode ser feita por um computador, autômato ou um ser humano. Podem haver diferentes algoritmos usados para cumprir a mesma tarefa/resolver o mesmo problema ou tarefa. O conceito de algoritmo foi formalizado em 1936 pela Máquina de *Turing* de *Alan Turing* e pelo cálculo lambda de *Alonzo Church*, os quais lançaram os fundamentos da Ciência da Computação.

Programa de computador ou programa informático - é um conjunto de instruções que descrevem uma tarefa a ser realizada por um computador. O termo pode ser uma referência ao código fonte, escrito de alguma linguagem de programação, ou ao arquivo que contém a forma executável do código fonte.

Erlang – é uma linguagem de programação de uso geral e um sistema de execução, desenvolvida pela Erickson para suportar aplicações distribuídas e tolerantes a falhas a serem executadas em um ambiente de tempo real e ininterrupto, lançada como código aberto em 1998. Ela suporta *hot swapping* de forma que o código pode ser modificado (corrigido) sem a parada do sistema, oferecimento do serviço como no caso do *WhatsApp*.

Hot swapping – é a substituição de componentes de uma máquina, enquanto opera; e esse procedimento pode ir desde a troca de um disco defeituoso a um mouse ou teclado por exemplo.

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro da Aula de Redação em 2015

Etapa	Descritivo	Tempo estimado
a) Escolha do tema	Escolha de assuntos em voga, com base em noticiários e/ou publicações científicas, selecionados e recortados pelo professor.	1 mês
b) Entrega ou leitura em sala	Apresentação/leitura dos assuntos/temas pelos alunos em AR.	1 aula (50')
c) Discussão	Discussão (algumas vezes) entre professor e alunos com base nos textos previamente recortados pelo professor.	1 aula (50')
d) Escrita em sala de aula	Escrita em sala de aula ou em casa com base na etapa "a", "b" e "c".	De 1 a 2 aulas (De 50' a 100')
e) Interação/correção	Interação/correção do professor e devolutiva do professor para o aluno, com base na grade de correção de alguns exames de vestibular.	De 1 a 2 semanas
f) Reescrita	Reescrita e apontamentos do aluno; assim as etapas "e" e "f" seriam repetidas até que aluno ou professor ficassem satisfeitos.	1 semana

Anexo 2 – Diálogo com Aluno 2 (completo)

5/9/2016		
As mensagens que você enviar e as ligações que você fizer nesta conversa estão protegidas com criptografia de ponta-a-ponta. Clique para mais informações.		
1	[15:52, 5/9/2016]	A: E ai, Leandro, beleza? É o Aluno 2, seu aluno do alfa
2	[15:52, 5/9/2016]	A: Vim pedir ajuda
3	[15:53, 5/9/2016]	A: Lembra que você passou aquele negócio de "delimitação de assunto, etc"?
4	[15:53, 5/9/2016]	A: Perdi minhas folhas e ninguém aqui na sala tem
5	[15:53, 5/9/2016]	A: Se puder mandar algo, ou slá
6	[15:53, 5/9/2016]	A: Por favor
7	[15:54, 5/9/2016]	P: Hope! Fala Vic
8	[15:54, 5/9/2016]	P: Claro!
9	[15:55, 5/9/2016]	P: ETEC pra que quer isso mesmo!?
10	[15:55, 5/9/2016]	P: Mas eu mando sim
11	[15:55, 5/9/2016]	P: Outra coisa... vc poderia discutir alguns temas por aqui comigo hein! Alguns textos seus ou algo que esteja precisando...
12	[15:55, 5/9/2016]	A: É que me ajudou na feição das redação. Facilita bastante
13	[15:55, 5/9/2016]	P: rs
14	[15:55, 5/9/2016]	P: Hummm
15	[15:55, 5/9/2016]	A: Claro!
16	[15:56, 5/9/2016]	A: Acabei de receber a folha da redação dos apps
17	[15:56, 5/9/2016]	A: Vou fazer a redação daqui a pouco
18	[16:03, 5/9/2016]	P: Blz
19	[16:03, 5/9/2016]	P: Então vamos lá posso te dizer uma coisa será um prazer te reexplicar por aqui...
20	[16:04, 5/9/2016]	P: Delimitar um assunto é recortá-lo e recortá-lo e escolher. É como se você, enquanto escritor, escolhesse o enquadramento que quer dar sobre aquilo que quer escrever.
21	[16:04, 5/9/2016]	P: Mais exemplo:
22	[16:05, 5/9/2016]	P: Futebol = Assunto
23	[16:05, 5/9/2016]	P: Vamos delimitar um pouco mais esse assunto!?
24	[16:05, 5/9/2016]	P:
25		
26	[16:06, 5/9/2016]	P: O Status do Futebol nacional e internacional
27	[16:07, 5/9/2016]	P: Victor, quando você delimita/enquadra um aspecto da matéria (assunto), você acrescenta palavras/termos/conceitos, porque, quanto mais palavras coloca, mais especifica!
28	[16:08, 5/9/2016]	P: Fique tranquilo que te mando um resumo sobre isso bem organizado.... só quero entender se vc consegue pegar essa ideia geral e simples
29	[16:08, 5/9/2016]	P: Tenta fazer um pra eu ver?
30	[16:37, 5/9/2016]	P: Desenhei pra vc
31	[16:37, 5/9/2016]	P: é o resuminho... posso te mandar inteiro mas vou esperar vc ler ok!?
32	[23:53, 5/9/2016]	A: Ô, querido professor. Amanhã respondo direitinho. Teve aula do Leo até 21h30 e cheguei e empacotwi
33		6/9/2016
34	[09:31, 6/9/2016]	P: Sem problemas Eteciano!
35	[09:31, 6/9/2016]	P: hehe
36		15/9/2016
37	[13:27, 15/9/2016]	A: Professor, sinto muito por não comparecer às aulas e não responder. Só preciso trocar os remédios que já volto ao normal

38	[13:35, 15/9/2016]	P: heheh!
39	[13:35, 15/9/2016]	P: Como assim trocar remédios?!
40	[13:35, 15/9/2016]	P: O que aconteceu contigo meu querido Aluno 2 eteciano?!
41	[13:36, 15/9/2016]	P: Sem problemas em relação às faltas... sei que é pegado pra todos!
42	[13:47, 15/9/2016]	A: Tive crise de ansiedade de novo. Ai me deixa na merda
43	[13:54, 15/9/2016]	P: Saquei velhoo...
44	[13:56, 15/9/2016]	P: Deus abençoe vc Victor. Vou pedir a Ele para te dar suporte/calma/força. Abração.
45	[23:10, 15/9/2016]	A: Amém! Obrigado mesmo, Leandro! De verdade
46		10/10/2016
47	[18:18, 10/10/2016]	A: Parabéns, professor! Que Deus abençoes você e sua família. E que realize todos os seus sonhos. Tmj
48	[18:44, 10/10/2016]	P: Opa! Valeu vitinhooo agradeço a atenção viu
49	[18:44, 10/10/2016]	P: rs kkk Show!
50		122 kB
51	[22:01, 30/11/2016]	P: continue na sua estratégia
52	[22:01, 30/11/2016]	P: 3 argumentos configuram progressão argumentativa certamente
53	[22:02, 30/11/2016]	P: dois é muito arriscado
54	[22:02, 30/11/2016]	P: quem tem dois, tem um.
55	[22:02, 30/11/2016]	P: quem tem 3, tem dois
56	[22:02, 30/11/2016]	P: rs kk
57		5/12/2016
58	[15:49, 5/12/2016]	P: Aluno 2 (diminutivo)...
59	[15:50, 5/12/2016]	P: manda teu e-mail ai pra eu mandar o pedido de pesquisa para vc! por favor...
60	[15:50, 5/12/2016]	P: abs
61		6/12/2016
62	[11:15, 6/12/2016]	A: Demorou.
63	[11:16, 6/12/2016]	A: Aluno2@hotmail.com
64	[20:56, 6/12/2016]	A: Levo pra vc amanhã?
65		14/12/2016
66	[11:49, 14/12/2016]	A: Que horas vai estar na escola hoje?
67	[13:12, 14/12/2016]	A: É que eu só vou pra escola por um breve momento, pra pegar meu material
68	[14:30, 14/12/2016]	P: Eu vou as 15h
69	[14:30, 14/12/2016]	P: Belza
70	[14:30, 14/12/2016]	P: De boa
71	[14:30, 14/12/2016]	P: Quer coisa é só me avisar onde eu pego contigo brow!
72	[16:00, 14/12/2016]	A: Levo agora
73	[16:00, 14/12/2016]	A: Pode ser?
74	[16:35, 14/12/2016]	A: Deixei na secretaria
75	[16:59, 14/12/2016]	P: Beleza
76		9/1/2017
77	[16:06, 9/1/2017]	A: Fiz a redação hj
78	[16:07, 9/1/2017]	A: Tema extremamente ruim, na minha opinião
79	[17:54, 9/1/2017]	P: vixi
80	[17:54, 9/1/2017]	P: então cara eu vi
81	[17:54, 9/1/2017]	P: mas como vc acha que foi!?
82	[18:06, 9/1/2017]	A: Olha, acho que mais ou menos. Não conseguia pensar em argumentos concretos
83		10/1/2017
84	[11:30, 10/1/2017]	P: Vamos ver o resultado depois
85	[11:30, 10/1/2017]	P: não dá pra falar de argumento concreto com FUVEST viu
86	[11:30, 10/1/2017]	P: kkkk eles são pica
87	[11:30, 10/1/2017]	P: fogo cara

88	[13:14, 10/1/2017]	A: Nao, professor kk eu fiz aqui em rio grande do Sul, lembra?
89	[13:14, 10/1/2017]	A: É o Victor
90	[13:15, 10/1/2017]	A: Aquela redação que tem espaço de 50 linhas
91	[13:16, 10/1/2017]	A: O tema foi "O que é ter um estilo"
92	[16:44, 10/1/2017]	P: Ahhh verdade
93	[16:44, 10/1/2017]	P: não lembrava
94	[16:44, 10/1/2017]	P: rs kkkk
95	[16:44, 10/1/2017]	P: que tema meio esquesito!? Estilo
96	[16:44, 10/1/2017]	P: dificil hein!
97	[15:13, 19/1/2017]	A: O, professor!! Tirei 920 na redação. Graças à sua ajuda!! Obrigadoo!! Pena que não fui bem em algumas outras matérias.
98	[15:13, 19/1/2017]	P: Hummm vc tá brincando
99	[15:13, 19/1/2017]	P: mas vai dar pra entrarrrr?!?!?
100	[15:13, 19/1/2017]	P: parabéns!
101	[15:14, 19/1/2017]	P: Como vc está?!
102	[15:14, 19/1/2017]	A: Sério haha acho que não. Fui meio mau em umas coisas, pq não soube administrar meu tempo. Tive que chutar um monte por não ter mãos tempo.
103	[15:14, 19/1/2017]	A: Estou bem, e vc?
104	[15:15, 19/1/2017]	A: Tomara que dê pra entrar em alguma que tem inscrição por fora
105	[15:18, 19/1/2017]	P: humm
106	[15:18, 19/1/2017]	P: tempo
107	[15:18, 19/1/2017]	P: cara falei que isso é o calcanhar de aquiles
108	[15:18, 19/1/2017]	A:
109	[15:19, 19/1/2017]	A: Tomara que dê pra entrar em alguma que tem inscrição por fora
110	[15:19, 19/1/2017]	P: Isso
111	[15:19, 19/1/2017]	P: vamos torcer
112	[15:19, 19/1/2017]	P: mantenha a pegada... mantem a esperança aí
113	[15:24, 19/1/2017]	A: Estou torcendo. Qualquer coisa dou noticias haha
114	[15:24, 19/1/2017]	A: Valeu, Leandro
115	[15:25, 19/1/2017]	P: dá sim cara
116	[15:25, 19/1/2017]	P: torço por vc eteciano rs kk Tmj
117	[15:25, 19/1/2017]	P: Fiquei feliz de sua nota de redação 9200000 aaaaaaaaauuuuuuuuuu
118	[15:29, 19/1/2017]	A: Hahaha tmj. Tomara que dê certo
119		Figura de braço

Anexo 3 – Diálogo com Aluna 3 (completo)

24/9/2016		
As mensagens que você enviar e as ligações que você fizer nesta conversa estão protegidas com criptografia de ponta-a-ponta. Clique para mais informações.		
1	[14:41, 24/9/2016]	A: Oi kk
2	[14:42, 24/9/2016]	A: Vamos fazer por aqui msm
3	[14:42, 24/9/2016]	P: Demorou
4	[14:42, 24/9/2016]	P: Eu to pronto aqui
5	[14:42, 24/9/2016]	A: Pq meu pai n deixou eu baixar o programa
6	[14:42, 24/9/2016]	P: se vc estiver vamo manda bala
7	[14:42, 24/9/2016]	P: hummmm demorou
8	[14:42, 24/9/2016]	P: tá no pC
9	[14:42, 24/9/2016]	P: ?
10	[14:42, 24/9/2016]	A: Não
11	[14:42, 24/9/2016]	A: No cel
12	[14:42, 24/9/2016]	P: Firmeza.... que programa?!
13	[14:43, 24/9/2016]	P: Whats?!
14		52 kB
15	[14:43, 24/9/2016]	P: Ah tah! tipo nunca tinha usado um baixado... só online msm...
16	[14:44, 24/9/2016]	P: Interessante...
17	[14:44, 24/9/2016]	P:
18		
19	[14:44, 24/9/2016]	P: O que vai ser então?! O que faremos hoje?!
20	[14:44, 24/9/2016]	A: Vc disse q ia mandar um tema
21	[14:44, 24/9/2016]	P: Sim.
22	[14:44, 24/9/2016]	A: Pra eu escrever agr
23	[14:44, 24/9/2016]	P: Tá na mão...
24	[14:45, 24/9/2016]	P: Pera í. E a nós vamos escrever juntos. Isso?!
25	[14:45, 24/9/2016]	A: Sim
26	[14:45, 24/9/2016]	P: Tem preferência de algum assunto.... Quer sugerir algo?!
27	[14:45, 24/9/2016]	A: Nao,pode ser qualquer um
28	[14:45, 24/9/2016]	A: Tipo da fuvest
29	[14:46, 24/9/2016]	P: Pera í. Vou avisar minha esposa que vou te atender agora... e escovar os dentes... haha
30	[14:46, 24/9/2016]	P: Tipo Fuvest?!
31	[14:46, 24/9/2016]	P: Putz vc é ...
32	[14:46, 24/9/2016]	P:
33		
34	14:46, 24/9/2016]	A: Kkkk
35	[14:46, 24/9/2016]	A: Vai lá
36	[14:46, 24/9/2016]	P: Pera í
37	[14:46, 24/9/2016]	A:
38		

39	[14:46, 24/9/2016]	P: mas me diga qual é seu assunto favorito
40	[14:46, 24/9/2016]	P: de novo... sem pensar em vestibular Aluna 3 (diminutivo)...
41	[14:47, 24/9/2016]	A: Pode ser algo relacionado a saúde
42	[14:47, 24/9/2016]	A: Ou educação
43	[14:47, 24/9/2016]	A: Tipo esse novo projeto q ta rolando
44	[14:47, 24/9/2016]	A: De tirar certas disciplinas
45		64 kB
46	[14:52, 24/9/2016]	P: Prontinho. Dentes escovados! Haha
47	[14:52, 24/9/2016]	A:
48		
49	[14:52, 24/9/2016]	P: Borá lá então...
50	[14:53, 24/9/2016]	P: Olha vamos fazer assim vou puxar um tema aqui.. pra ver se vc já fez ele em aulas anteriores...
51	[14:53, 24/9/2016]	A: Ok
52	[14:54, 24/9/2016]	P: Esse aqui
53	[14:54, 24/9/2016]	P: O Brasil está entre os primeiros no mercado da estética: limites entre a vaidade e a necessidade?
54	[14:54, 24/9/2016]	P: Já fez?!
55	[14:54, 24/9/2016]	A: Acho q ano passado
56	[14:54, 24/9/2016]	P: Então pera í...
57	[14:55, 24/9/2016]	P: Ah! Só uma coisa. Vamos combinar alguns pontos:
58	[14:55, 24/9/2016]	P: 1 - vou te dar um tema pra escrever mas vc escreve primeiro e eu complemento ou farei as sugestões, tentando preservar sua voz, sua ideia no texto
59	[14:56, 24/9/2016]	A: Ok
60	[14:56, 24/9/2016]	P: 2 - se ficar bom vamos postar ou publicar ou expor em algum canto desse mundão velho!!! Eitaaa nós!
61	[14:56, 24/9/2016]	P: haha
62	[14:56, 24/9/2016]	P: Só...
63	[14:56, 24/9/2016]	A: Ta bem kk
64	[14:57, 24/9/2016]	P: vc vai querer fazer facul de medicina?! (enquanto isso to baixando o tema aqui...)
65	[14:57, 24/9/2016]	A: Nao
66	[14:57, 24/9/2016]	A: Direito
67	[15:08, 24/9/2016]	A: Vc está preparando um tema?
68	[15:09, 24/9/2016]	P: Acabei de chegar de novo. Mals... Meu filho derrubou o negócio no chão aqui
69	[15:09, 24/9/2016]	P: fui varrer.... que merda!
70	[15:09, 24/9/2016]	P: Desculpa!
71	[15:09, 24/9/2016]	A:
72		
73		
74	[15:09, 24/9/2016]	A: Tudo bem kkkk
75	[15:09, 24/9/2016]	P: Olha só tem um assunto muito legal aqui.
76	[15:10, 24/9/2016]	P: 1 - Tema Fuvest 2015 - 2015 - "Camarotização" da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia
77	[15:10, 24/9/2016]	P: ou
78	[15:10, 24/9/2016]	P: 2 - Mudança na educação e seus impactos na sociedade. Mas esse ainda não está feito. Teremos que lapidar desde o início...
79	[15:10, 24/9/2016]	P: Qual vai ser Re?!
80	[15:11, 24/9/2016]	A: Entao pode ser o 1

81		
82	[15:11, 24/9/2016]	A: Posso escrever?
83	[15:11, 24/9/2016]	P: Pode
84	[15:11, 24/9/2016]	P: faz assim ó... abre um word ou bloco de notas e vai escrevendo e mandando por aqui...
85	[15:11, 24/9/2016]	A: Ok
8687	[15:11, 24/9/2016]	P: Falooouu?! Então vai ser modelo fuvest/unesp certo?!
88	[15:12, 24/9/2016]	P: Vai lá! Toca o pé!
89	[15:12, 24/9/2016]	A: Ok
90	[15:30, 24/9/2016]	A: Na fuvest eu preciso apresentar uma solução pros problemas ou isso é só no ENEM?
91	[15:30, 24/9/2016]	P: isso é ENEM
92	[15:30, 24/9/2016]	A: Ok
93	[15:30, 24/9/2016]	P: Lembra o jeitão!?
94	[15:30, 24/9/2016]	P: Ok.
95	[15:30, 24/9/2016]	A: Estava em dúvida
96	[15:51, 24/9/2016]	A: 1 - Tema Fuvest 2015 - 2015 - "Camarotização" da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia A separação entre classe dominante e submissa já é abordada desde Marx,no Brasil sendo evidente no período da vinda da família real para o país,com os nobres vivendo em "camarotes" de luxo e riqueza enquanto escravos e trabalhadores viviam miseravelmente.Hoje em dia a democracia está em vigor,porém o contraste entre populações é muito visível,gerando greves e crimes como resposta,além de ainda existir trabalho escravo no país,principalmente no nordeste,o que fere gravemente os direitos humanos. A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião,porém a grande maioria da população não possui acesso à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar o que vêem,o que os leva a trocar seu voto por promessas de moradia,saúde e trabalho digno,tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos detentores do saber,em geral as pessoas mais ricas,que possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar,ou seja,a continuidade dessa segregação.Várias manifestações e greves são feitas para tentar igualar as duas principais classes,porém,apesar de estar em menor número,a classe dominante possui poder para calar as revoltas,impedindo o país de avançar socialmente. A divisão do Brasil é muito evidente no nordeste,onde grande parte da população sofre com salários mínimos,falta de alimentos e infraestrutura básica,além de possuir trabalho escravo em fazendas e comércios que não são atingidos pela fiscalização,ferindo os direitos dessas pessoas como cidadãos,que somente aderem à esse trabalho por falta de alternativas na região.O coronelismo ainda é muito presente,sendo que os "coronéis" detém todo capital do nordeste e seus trabalhadores ou vivem de "favores" do dono ou de salários tão baixos que passam necessidade.A divisão de poderes anti-democrata também atinge o norte,no extrativismo,onde quem denuncia as práticas dos poderosos é morto,mostrando outra face da quebra dos direitos humanos que são entregues à todos. Portanto,a situação inicial do país não mudou,a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes,em que a dominante vive em "camarotes" de luxo,riqueza e poder e a oprimida sobrevive em péssimas condições,com seus direitos negados.
97	[15:51, 24/9/2016]	A: Pronto
98	[15:54, 24/9/2016]	P: Nuss
99	[15:54, 24/9/2016]	P: pera í. Vou ler.
100	[15:54, 24/9/2016]	A: Ok
101	[16:05, 24/9/2016]	A: Ok
102	[16:06, 24/9/2016]	P: 348 palavras
103	[16:06, 24/9/2016]	P: Vc sabe quantas palavras tem um texto teu normalmente pra FUVEST?!
104	[16:07, 24/9/2016]	P: modelo FUVEST/UNESP
105	[16:07, 24/9/2016]	A: Quantas?

106	[16:07, 24/9/2016]	A: N é por linhas?
107	[16:07, 24/9/2016]	P: Então... só to querendo ver quantas palavras vc usa por texto nas suas redações
108	[16:07, 24/9/2016]	P: rs
109	[16:08, 24/9/2016]	A: N sei
110	[16:08, 24/9/2016]	A: Aqui nao
111	[16:10, 24/9/2016]	A: Uma linha deve ser duas dessa
112	[16:10, 24/9/2016]	A: Do cel
113	[16:10, 24/9/2016]	A: Deu 55 linhas
114	[16:10, 24/9/2016]	A: Seria umas 27/28 linhas
115		71 kB
116	[16:11, 24/9/2016]	P: to com uma sua aqui
117	[16:11, 24/9/2016]	P: a do ENEM
118	[16:11, 24/9/2016]	P: vc escreve 14/16 palavras por linha
119	[16:11, 24/9/2016]	A: Ok
120	[16:11, 24/9/2016]	P: no final de cada parágrafo tem linha que tem menos palavras
121	[16:11, 24/9/2016]	P: tipo de 1 a 8
122	[16:11, 24/9/2016]	P: palavras
123	[16:12, 24/9/2016]	P: Em média, no papel vc escreve
124	[16:12, 24/9/2016]	A: Entao
125	[16:12, 24/9/2016]	A: Daria mais ou menos isso
126	[16:12, 24/9/2016]	A: 27 linhas
127	[16:12, 24/9/2016]	A: Sem apertar
128	[16:12, 24/9/2016]	P: 420 palavras por 30 linhas
129	[16:12, 24/9/2016]	P: 400 palavras
130	[16:12, 24/9/2016]	P: é isso mesmo... sem apertar...
131	[16:13, 24/9/2016]	P: Então esse texto que acabou de fazer caberia sim em uma folha de redação fuvest/unesp
132	[16:13, 24/9/2016]	P: de boas...
133	[16:13, 24/9/2016]	P: Show! hein!
134	[16:13, 24/9/2016]	A: Entao
135	[16:13, 24/9/2016]	A:
136		
137		
138	[16:14, 24/9/2016]	P: tá vou voltar pro texto
139	[16:14, 24/9/2016]	P: pega o seu aí
140	[16:14, 24/9/2016]	P: vou fazer comentários...
141	[16:15, 24/9/2016]	A: Ok
142	16:18, 24/9/2016]	A: Tipo,eu citei ele pra "mostrar" q eu ia dar ênfase na questão da divisão de classes,eu nao aprofundei pq achei q ia fugir do tema,ja q eh brasileiro
143	[16:19, 24/9/2016]	A: Sim
144		A:
145		Tipo,eu citei ele pra "mostrar" q eu ia dar ênfase na questão da divisão de classes,eu nao aprofundei pq achei q ia fugir do tema,ja q eh brasileiro
146	[16:19, 24/9/2016]	P: sim ficou ótimo!
147	[16:20, 24/9/2016]	A: Ok kk
148		69 kB
149	[16:30, 24/9/2016]	P: olha quem apareceu aqui
150	[16:30, 24/9/2016]	P: pra dar uma moral pra gente
151	[16:30, 24/9/2016]	A: Kkkk
152	[16:30, 24/9/2016]	P: !!!

153	[16:31, 24/9/2016]	P: kkk falei que estava falando com a tia rebecca
154	[16:31, 24/9/2016]	A: Fala pra ele ver se ta boa kkl
155	[16:31, 24/9/2016]	A: Kk
156	[16:31, 24/9/2016]	P: olha que ele vê hein!
157	[16:31, 24/9/2016]	P: kkk
158	[16:31, 24/9/2016]	A: Kkk
159	[16:31, 24/9/2016]	P: um pedaço
160	[16:31, 24/9/2016]	P: A separação entre classe dominante e subjugada é abordada por Marx e reflete a luta de classe que se transveste pelo percurso histórico de um país. No Brasil, especificamente no período da vinda da família real para o país, os nobres viviam em "camarotes" de luxo e em riqueza, enquanto escravos e trabalhadores viviam em ... (qual seria pra vc o oposto dos camarotes de luxo desse período no Brasil? Engenhos? Senzalas? Campos de trabalho?) e em miséria. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre as classes ainda é muito visível [depois desse trecho... acho que seria melhor escolher uma ideia exposta pelas suas palavras para cortar. Por que fica muito coisa...], gerando greves e crimes como resposta,além de ainda existir trabalho escravo no país,principalmente no nordeste,o que fere gravemente os direitos humanos. A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião, (trocar por contudo) porém a grande maioria da população não tem direito à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar. Isso, por exemplo, os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos “detentores” (coloquei entre aspas porque saber não se detém ou contem, ele se (re)produz ou se articula, etc.) do saber. Em geral as pessoas mais ricas possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, isso promove a continuidade a essa segregação. [Várias manifestações e greves são feitas para tentar igualar as duas principais classes,porém,apesar de estar em menor número,a classe dominante possui poder para calar as revoltas,impedindo o país de avançar socialmente.] (cortaria essa parte final ou resumiria assim: ..., pois é pelo saber que se pode igualar a diferença entre as duas)
161	[16:32, 24/9/2016]	P: dá uma lida
162	[16:36, 24/9/2016]	A: Sim
163	[16:36, 24/9/2016]	A: Ta ficando bem diferente
164	[16:36, 24/9/2016]	A: Esse texto ficou bem oral neh?
165	[16:36, 24/9/2016]	A: Ou vago
166	[16:36, 24/9/2016]	A: Sla
167	[16:37, 24/9/2016]	P: rs
168	[16:37, 24/9/2016]	P: acho que não..
169	[16:37, 24/9/2016]	P: qual parte tá oral?!
170	[16:37, 24/9/2016]	P: ou vago ?
171	[16:37, 24/9/2016]	P: vamos mexer
172	[16:37, 24/9/2016]	P: sem problemas...
173	[16:37, 24/9/2016]	A: Pq a linguagem q vc ta colocando tá melhor
174	[16:37, 24/9/2016]	A: Aí eu pensei q a minha tava oral
175	[16:38, 24/9/2016]	P: não... é só um outro jeitão... sabe
176	[16:38, 24/9/2016]	P: tbm to tentando emprestar pro texto umas palavras mais técnicas
177	[16:38, 24/9/2016]	P: de ciências humanas
178	[16:38, 24/9/2016]	A: Sim
179	[16:38, 24/9/2016]	P: que inclusive vc tem muito jeito pra coisa
180	[16:39, 24/9/2016]	P: acho que seu texto (seus textos) são de cunho escritos mesmo e não oral... sabe o que pode ser é a questão de escolha lexical (escolha de palavras)
181	[16:39, 24/9/2016]	P: saca!?
182	[16:40, 24/9/2016]	A: Sim
183	[16:40, 24/9/2016]	P: Olha eu coloquei umas paradas entre parênteses lá em cima tenta mexer e mandar

		de novo ...
184	[16:40, 24/9/2016]	A: Eu achei q ficou bom assim
185	[16:41, 24/9/2016]	A: Eh q eu n tenho o costume de pensar nas palavras msm
186	[16:47, 24/9/2016]	P: humm
187	[16:47, 24/9/2016]	P: tendi
188	[16:48, 24/9/2016]	P: é vamos começar a pensar!?! rs riri
189	[16:48, 24/9/2016]	P: Olha! Dei um tapinha no terceiro parágrafo...
190	[16:48, 24/9/2016]	P: vou colocar primeiro o antigo e depois o reescrito
191	[16:48, 24/9/2016]	P: A divisão do Brasil é muito evidente no nordeste, onde grande parte da população sofre com salários mínimos, falta de alimentos e infraestrutura básica, além de possuir trabalho escravo em fazendas e comércios que não são atingidos pela fiscalização, ferindo os direitos dessas pessoas como cidadãos, que somente aderem à esse trabalho por falta de alternativas na região. O coronelismo ainda é muito presente, sendo que os "coronéis" detêm todo capital do nordeste e seus trabalhadores ou vivem de "favores" do dono ou de salários tão baixos que passam necessidade. A divisão de poderes anti-democrata também atinge o norte, no extrativismo, onde quem denuncia as práticas dos poderosos é morto, mostrando outra face da quebra dos direitos humanos que são entregues à todos. O coronelismo, fruto de um herança histórica de dominação/exploração, ainda é vivo e forte em algumas regiões do país, principalmente no nordeste e no norte. Desse modo, os efeitos desse legado se manifestam em baixos salários, falta de alimentos, infraestrutura básica precária e, até mesmo, trabalho escravo nas fazendas e comércios que não são devidamente fiscalizados nos sertões, comunidades ribeirinhas, do nordeste e norte brasileiros. Assim, a força de coroneizinhos, detenedores do capital, deixam trabalhadores de localidades sofridas a ficarem sem alternativa frente à exploração e fere aos direitos humanos.
192	[16:50, 24/9/2016]	A: Tendi...
193	[16:50, 24/9/2016]	A: Ficou bem menor tbm
194	[16:56, 24/9/2016]	P: Portanto, a situação inicial do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes, em que a dominante vive em "camarotes" de luxo, riqueza e poder e a oprimida sobrevive em péssimas condições, com seus direitos negados. Conclui-se, portanto, que a situação de desigualdade social do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes. Desse modo, de um lado, os grupos dominantes vivem em "camarotes" de luxo, na riqueza e com poder; por outro, os oprimidos sobrevivem em péssimas condições, em pobreza e com seus direitos negados.
195	[16:56, 24/9/2016]	P: Fiz esse outuro
196	[16:58, 24/9/2016]	A: Sim
197	[16:58, 24/9/2016]	P: tem alguma coisa pra sugerir ?! vamos fechar o texto então?!
198	[16:58, 24/9/2016]	A: Deve ter na apostila esses conectivos
199	[16:59, 24/9/2016]	A: Por mim tudo bem
200		Tema ENEM - APLICATIVOS.pdf
201		PDF371 kB
202	[16:59, 24/9/2016]	P: Pronto
203	[16:59, 24/9/2016]	P: ririri
204	[16:59, 24/9/2016]	P: já tinha aqui
205	[16:59, 24/9/2016]	P: pera i
206	[16:59, 24/9/2016]	P: pdf errado
207	[17:00, 24/9/2016]	A: Ah ta kkk
208	[17:00, 24/9/2016]	A: Eh kkk
209	[17:00, 24/9/2016]	A: Esse foi nosso penultimo tema
210	[17:01, 24/9/2016]	P: rs kkk
211		conectores_do_discurso.pdf
212		PDF10 kB
213	[17:01, 24/9/2016]	P: foi sim

214	[17:01, 24/9/2016]	P: errei aqui
215	[17:02, 24/9/2016]	P: olha só então vamos lá vai
216	[17:02, 24/9/2016]	A: Ok
217	[17:08, 24/9/2016]	A: Perai
218	[17:09, 24/9/2016]	A: Eu vou cortar só a parte de manifestações
219	[17:09, 24/9/2016]	P: tá manda pra mim
220	[17:10, 24/9/2016]	P: deixe eu ver como ficou
221	[17:10, 24/9/2016]	A: Pq eu acho importante enfatizar q eh esse domínio q prejudica mt o país
222	[17:10, 24/9/2016]	A: Ok
223	[17:10, 24/9/2016]	P: Manda aí então... pra eu juntar ao pedaço final aqui...
224	[17:13, 24/9/2016]	A: A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião,contudo a grande maioria da população não tem direito à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar. Isso, por exemplo, os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos “detentores” desse poder. Em geral as pessoas mais ricas possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, isso promove a continuidade a essa segregação. Apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente.
225	[17:13, 24/9/2016]	A: Eu acho q n fica legal colocar só o q tava em parênteses
226	[17:14, 24/9/2016]	A: O 1* argumento
227	[17:15, 24/9/2016]	A: Eu acho q cortaria só uma parte
228	[17:15, 24/9/2016]	P: hum claro né!
229	[17:15, 24/9/2016]	A: Pq tenho q deixar camarote entre aspas no começo e tirar no fina
230	[17:15, 24/9/2016]	A: Final*?
231	[17:15, 24/9/2016]	P: vc é a rebeca!
232	[17:16, 24/9/2016]	P: por que está entre aspas?! Precisa ter um motivo?!
233	[17:16, 24/9/2016]	P: kkkkk
234	[17:16, 24/9/2016]	A: Pq n sao literalmente camarotes,eh só uma maneira de exemplificar
235	[17:16, 24/9/2016]	A: Af kk
236	[17:17, 24/9/2016]	P: ok. Então manda aí a introdução final tbm pra eu ver o que vc cortou ou não!?
237	[17:21, 24/9/2016]	A: A separação entre classe dominante e subjugada é abordada por Marx e reflete a luta de classe que se transveste pelo percurso histórico de um país. No Brasil, especificamente no período da vinda da família real para o país, os nobres viviam em "camarotes" de luxo e em riqueza, enquanto escravos e trabalhadores viviam em senzalas e casas miseráveis. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre as classes ainda é muito visível,além de ainda existir trabalho escravo no país,principalmente no nordeste,o que fere gravemente os direitos humanos.
238	[17:22, 24/9/2016]	A: N reduziu tanto
239	[17:22, 24/9/2016]	P: de boas
240	[17:22, 24/9/2016]	P: e o resto fica como tá msm
241	[17:22, 24/9/2016]	P: como eu reescrevi?!
242	[17:22, 24/9/2016]	A: Sim
243	[17:22, 24/9/2016]	P: vamos juntar tudo então
244	[17:23, 24/9/2016]	P:
245		
246	[17:23, 24/9/2016]	A: Acho q o 3* está bom só trocando a ordem
247	[17:23, 24/9/2016]	A: Tipo n cortaria mt coisa
248	[17:23, 24/9/2016]	A: Ok
249	[17:24, 24/9/2016]	P: Então...
250	[17:24, 24/9/2016]	P: lá vai

251 17:24, 24/9/2016]

P: ESCRITA A separação entre classe dominante e submissa já é abordada desde Marx, no Brasil sendo evidente no período da vinda da família real para o país, com os nobres vivendo em "camarotes" de luxo e riqueza enquanto escravos e trabalhadores viviam miseravelmente. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre populações é muito visível, gerando greves e crimes como resposta, além de ainda existir trabalho escravo no país, principalmente no nordeste, o que fere gravemente os direitos humanos. A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião, porém a grande maioria da população não possui acesso à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar o que vêem, o que os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos detentores do saber, em geral as pessoas mais ricas, que possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, a continuidade dessa segregação. Várias manifestações e greves são feitas para tentar igualar as duas principais classes, porém, apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente. A divisão do Brasil é muito evidente no nordeste, onde grande parte da população sofre com salários mínimos, falta de alimentos e infraestrutura básica, além de possuir trabalho escravo em fazendas e comércios que não são atingidos pela fiscalização, ferindo os direitos dessas pessoas como cidadãos, que somente aderem à esse trabalho por falta de alternativas na região. O coronelismo ainda é muito presente, sendo que os "coronéis" detêm todo capital do nordeste e seus trabalhadores ou vivem de "favores" do dono ou de salários tão baixos que passam necessidade. A divisão de poderes anti-democrata também atinge o norte, no extrativismo, onde quem denuncia as práticas dos poderosos é morto, mostrando outra face da quebra dos direitos humanos que são entregues à todos. Portanto, a situação inicial do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes, em que a dominante vive em "camarotes" de luxo, riqueza e poder e a oprimida sobrevive em péssimas condições, com seus direitos negados.

REESCRITA COMENTADA A separação entre classe dominante e subjugada é abordada por Marx e reflete a luta de classe que se transveste pelo percurso histórico de um país. No Brasil, especificamente no período da vinda da família real para o país, os nobres viviam em "camarotes" de luxo e em riqueza, enquanto escravos e trabalhadores viviam em ... (qual seria pra vc o oposto dos camarotes de luxo desse período no Brasil? Engenhos? Senzalas? Campos de trabalho?) e em miséria. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre as classes ainda é muito visível [depois desse trecho... acho que seria melhor escolher uma ideia exposta pelas suas palavras para cortar. Por que fica muito coisa...], gerando greves e crimes como resposta, além de ainda existir trabalho escravo no país, principalmente no nordeste, o que fere gravemente os direitos humanos. A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião, (trocar por contudo) porém a grande maioria da população não tem direito à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar. Isso, por exemplo, os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos "detentores" (coloquei entre aspas porque saber não se detém ou contem, ele se (re)produz ou se articula, etc.) do saber. Em geral as pessoas mais ricas possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, isso promove a continuidade a essa segregação. [Várias manifestações e greves são feitas para tentar igualar as duas principais classes, porém, apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente.] (cortaria essa parte final ou resumiria assim: ..., pois é pelo saber que se pode igualar a diferença entre as duas) O coronelismo, fruto de um herança histórica de dominação/exploração, ainda é vivo e forte em algumas regiões do país, principalmente no nordeste e no norte. Desse modo, os efeitos desse legado se manifestam em baixos salários, falta de alimentos, infraestrutura básica precária e, até mesmo, trabalho escravo nas fazendas e comércios que não são devidamente fiscalizados nos sertões, comunidades ribeirinhas, do nordeste e norte brasileiros. Assim, a força de coroneizinhos, detentores do capital, deixam trabalhadores de localidades sofridas a ficarem sem alternativa frente à exploração e fere aos direitos humanos. Conclui-se, portanto, que

		a situação de desigualdade social do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes. Desse modo, de um lado, os grupos dominantes vivem em "camarotes" de luxo, na riqueza e com poder; por outro, os oprimidos sobrevivem em péssimas condições, em pobreza e com seus direitos negados. REESCRITA (2ª VERSÃO) A separação entre classe dominante e subjugada é abordada por Marx e reflete a luta de classe que se transveste pelo percurso histórico de um país. No Brasil, especificamente no período da vinda da família real para o país, os nobres viviam em "camarotes" de luxo e em riqueza, enquanto escravos e trabalhadores viviam em senzalas e casas miseráveis. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre as classes ainda é muito visível, além de ainda existir trabalho escravo no país, principalmente no nordeste, o que fere gravemente os direitos humanos. A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião, contudo a grande maioria da população não tem direito à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar. Isso, por exemplo, os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o governo um reflexo de como a população é submissa aos "detentores" desse poder. Em geral as pessoas mais ricas possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, isso promove a continuidade a essa segregação. Apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente. O coronelismo, fruto de um herança histórica de dominação/exploração, ainda é vivo e forte em algumas regiões do país, principalmente no nordeste e no norte. Desse modo, os efeitos desse legado se manifestam em baixos salários, falta de alimentos, infraestrutura básica precária e, até mesmo, trabalho escravo nas fazendas e comércios que não são devidamente fiscalizados nos sertões, comunidades ribeirinhas, do nordeste e norte brasileiros. Assim, a força de coroneizinhos, detentores do capital, deixam trabalhadores de localidades sofridas a ficarem sem alternativa frente à exploração e fere aos direitos humanos. Conclui-se, portanto, que a situação de desigualdade social do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes. Desse modo, de um lado, os grupos dominantes vivem em "camarotes" de luxo, na riqueza e com poder; por outro, os oprimidos sobrevivem em péssimas condições, em pobreza e com seus direitos negados.
252	[17:24, 24/9/2016]	A: To juntando calma kk
253	[17:24, 24/9/2016]	P: opa
254		Redação de Whatsapp REBECA.pdf
255		PDF210 kB
256	[17:26, 24/9/2016]	P: [365 palavras]
257	[17:26, 24/9/2016]	P: putz aumentou
258	[17:26, 24/9/2016]	P: Vai ter que cortar algo...
259	[17:27, 24/9/2016]	P: kkkkkakakak
260	[17:27, 24/9/2016]	A: Ah ok
261	17:27, 24/9/2016]	A: Perai
262	[17:27, 24/9/2016]	P: que jaca
263	[17:27, 24/9/2016]	P: veja uma das partes que te disse pra cortar
264	[17:27, 24/9/2016]	P: eu acho que na introdução
265	[17:27, 24/9/2016]	A: Fica no limite de linhas kkk
266	[17:29, 24/9/2016]	A: A separação entre classe dominante e subjugada é abordada por Marx e reflete a luta de classe que se transveste pelo percurso histórico de um país. No Brasil, especificamente no período da vinda da família real para o país, os nobres viviam em "camarotes" de luxo e em riqueza, enquanto escravos e trabalhadores viviam em senzalas e casas miseráveis. Hoje em dia a democracia está em vigor, porém o contraste entre as classes ainda é muito visível,além de ainda existir trabalho escravo no país,principalmente no nordeste,o que fere gravemente os direitos humanos. A democracia deveria assegurar que todos pudessem votar e escolher seus políticos segundo sua opinião,contudo a grande maioria da população não tem direito à educação de qualidade que os ensine a pensar ou questionar. Isso, por exemplo, os leva a trocar seu voto por promessas de moradia, saúde e trabalho digno, tornando o

governo um reflexo de como a população é submissa aos “detentores” desse poder. Em geral as pessoas mais ricas possuem acesso à educação e sabem escolher o que é melhor para seu bem estar, ou seja, isso promove a continuidade a essa segregação. Apesar de estar em menor número, a classe dominante possui poder para calar as revoltas, impedindo o país de avançar socialmente. O coronelismo, fruto de um herança histórica de dominação, ainda é vivo e forte em algumas regiões do país, principalmente no nordeste e no norte. Desse modo, os efeitos desse legado se manifestam em baixos salários, falta de alimentos, infraestrutura básica precária e, até mesmo, trabalho escravo nas fazendas e comércios que não são devidamente fiscalizados nos sertões, comunidades ribeirinhas, do nordeste e norte brasileiros. Assim, a força dos coronéis, detentores do capital, deixam trabalhadores de localidades sofridas a ficarem sem alternativa frente à exploração, ferindo os direitos humanos. Conclui-se, portanto, que a situação de desigualdade social do país não mudou, a democracia se tornou apenas uma máscara para cobrir a segregação entre as classes e seus poderes. Desse modo, de um lado, os grupos dominantes vivem em "camarotes" de luxo, na riqueza e com poder; por outro, os oprimidos sobrevivem em péssimas condições, em pobreza e com seus direitos negados.

267 [17:29, 24/9/2016]

A: Taí os meus cortes

268 [17:34, 24/9/2016]

A: Ok

269 [17:34, 24/9/2016]

A: Por mim ta bom kkkk

270 [17:34, 24/9/2016]

A: Até quarta entao kk

271

Redação de Whatsapp Aluna3.pdf

272

PDF216 kB

273 [17:34, 24/9/2016]

P: por mim

274 [17:34, 24/9/2016]

P: por hoje

275 [17:34, 24/9/2016]

P: tá show

276 [17:35, 24/9/2016]

P: a gente se vê na quarta e depois a gente dá mais um tapinha nesse texto

277 [17:35, 24/9/2016]

A: Ok

278 [17:35, 24/9/2016]

P: vai pensando onde podemos colocar isso

279 [17:35, 24/9/2016]

P: hihih

280 [17:35, 24/9/2016]

A: Ok kkk

281 [17:35, 24/9/2016]

A: Xau

282 [17:35, 24/9/2016]

P: bjo

283 [17:35, 24/9/2016]

P: prazerzaço!

284 [17:35, 24/9/2016]

A: Kkkkk

285 [17:35, 24/9/2016]

A: Kisses

286 [17:35, 24/9/2016]

A: 😎👉

Anexo 4 – Diálogo com Aluna 4 (completo)

7/10/2016		
As mensagens que você enviar e as ligações que você fizer nesta conversa estão protegidas com criptografia de ponta-a-ponta. Clique para mais informações.		
1	[10:50, 7/10/2016]	A: Oi Leandro tudo bem ?
2	[10:51, 7/10/2016]	A: Então, vc pediu para eu reescrever a redação sem ser a do enem, a da geração e a do enem vc pediu para eu escrever com vc
3	[11:01, 7/10/2016]	P: Ok. A redação sem ser do ENEM deixa na secretaria fast!
4	[11:02, 7/10/2016]	P: E quando vamos reescrever a do ENEM?! pode ser por aqui!?
5	[11:02, 7/10/2016]	P: Ve se consegue hj parar um pouquinho lá na sua casa pra falar comigo por aqui mesmo...
6	[11:02, 7/10/2016]	P: 
7	[11:41, 7/10/2016]	A: Ok !!! Pode ser por aqui sim
8	[13:42, 7/10/2016]	P: Ok. To fazendo compras to livre depois disso
9	[13:43, 7/10/2016]	P: Vc tem pc!?
10	[13:43, 7/10/2016]	P: Vc vai estar em sua casa a tarde neh!? Entao
11	[13:43, 7/10/2016]	P: Vamos fazer a redacao juntos por aqui msm
12	[13:43, 7/10/2016]	P: Se quiser usar seu pc te mostro como faz
13	[13:44, 7/10/2016]	A: Pode ser !!
14	[13:44, 7/10/2016]	A: Quando estiver livre me dá um toque
15	[15:48, 7/10/2016]	P: Pronto.
16	[15:48, 7/10/2016]	P: Vc está em casa e com PC?! Tem internet boa aí!?
17	[15:48, 7/10/2016]	A: Tenho sim
18	[15:49, 7/10/2016]	P: liga o zap no PC então. Vc sabe fazer isso?! É simplles
19	[15:49, 7/10/2016]	P: https://web.whatsapp.com/
20	[15:49, 7/10/2016]	A: Sei sim
21	[15:49, 7/10/2016]	A: Vou ligar então
22	[15:50, 7/10/2016]	P: tá
23	[15:50, 7/10/2016]	P: Liga aí pra ficar mais fácil de digitar.
24	[15:50, 7/10/2016]	P: Ok!?
25	[15:50, 7/10/2016]	A: Ok
26	[15:54, 7/10/2016]	A: pronto professor
27	[15:50, 7/10/2016]	P: Ebaaa!
28	[15:50, 7/10/2016]	P: 
29	[15:58, 7/10/2016]	P: blz
30	[15:58, 7/10/2016]	P: qual é a principal dúvida mesmo?!
31	[15:59, 7/10/2016]	A: eu tenho que organizar meus pensamentos nos paragrafos
32	[15:59, 7/10/2016]	P: Certo. O que prefere?
33	[16:00, 7/10/2016]	P: 1) escolher seu texto JÁ feito para refazermos juntos
34	[16:00, 7/10/2016]	P: ou
35	[16:00, 7/10/2016]	P: 2) fazermos um (plano de escrita) do zero juntos?
36	[16:00, 7/10/2016]	P: Ou alguma outra sugestão?
37	[16:04, 7/10/2016]	A: melhor fazermos o plano de escrita, para no final de semana eu poder ver se eu entendi sabe ?
38	[16:04, 7/10/2016]	P: Certo. Sem problemas.
39	[16:04, 7/10/2016]	A: e reescrever

40	[16:04, 7/10/2016]	A: ok
41	[16:04, 7/10/2016]	P: Quer um tema novo ou um antigo?
42	[16:04, 7/10/2016]	A: pode escolher
43		Tema adaptado - APLICATIVOS.pdf
44		PDF369 kB
45	[16:07, 7/10/2016]	P: Sugiro esse então. Abre pra vc ver. Leia com calma e vamos começar!
46	[16:07, 7/10/2016]	A: ta bom
47	[16:08, 7/10/2016]	P: Ok. Peça que abra uma folha em branco no word então
48	[16:08, 7/10/2016]	P: Vamos começar
49	[16:08, 7/10/2016]	A: ok vou abrir e ler
50	[16:08, 7/10/2016]	P: Ok.
51	[16:08, 7/10/2016]	P: To contigo aqui.
52	[16:11, 7/10/2016]	A: pronto, acabei de ler
53	[16:12, 7/10/2016]	P: Está certo. Entendeu bem?!
54	[16:12, 7/10/2016]	A: sim
55	[16:13, 7/10/2016]	P: Show! Lembre-se de que sempre quando você estiver fazendo um texto de modo geral é muito importante pensar NO QUE está escrevendo.
56	[16:13, 7/10/2016]	P: E no ENEM ou outra banca quem vai te dar esse norte é o TEMA e os textos suporte!
57	[16:13, 7/10/2016]	P: Então, vamos lá. Agora como você iria começar a escrever? Pode fazer como sempre faz que eu quero ver vai!
58	[16:15, 7/10/2016]	A: como sempre faço, leio varias vezes o texto suporte, tento tirar o maximo para a tese
59	[16:15, 7/10/2016]	P: humm
60	[16:15, 7/10/2016]	A: vou fazer uma tese para te mostrar
61	[16:15, 7/10/2016]	P: tendi...
62	[16:15, 7/10/2016]	P: tá
63	[16:22, 7/10/2016]	A: O Brasil é um pais que comecou a pouco tempo a ter mais acesso a tecnologia. Com os novos avanços feitos, como os aplicativos de Fast Food, o Brasil assim como os paises mais tecnologicos tem como vontade adptar-se a esses avanços.
64	[16:28, 7/10/2016]	P: Certo.
65	[16:29, 7/10/2016]	P: hum... e se eu te pedir pra resumir isso... Vc consegue?!
66	[16:29, 7/10/2016]	P: É algo bem mais curtinho...
67	[16:29, 7/10/2016]	P: Qual trecho vc iria manter e qual iria tirar?!
68	[16:30, 7/10/2016]	A: iria tirar 'O Brasil é um pais que comecou a pouco tempo a ter mais acesso a tecnologia.'
69	[16:31, 7/10/2016]	A: "o Brasil assim como os paises mais tecnologicos tem como vontade adptar-se a esses avanços." -> acho que esse trecho seria mais a tese
70	[16:31, 7/10/2016]	A: o resto e mais contextualização
71	[16:32, 7/10/2016]	P: Ok. Entendi..
72	[16:32, 7/10/2016]	P: [Ps.: Sabe qual é a minha ferramenta pra te ajudar a fazer uma tese ou um texto? Aqui ou na sala de aula?]
73	[16:33, 7/10/2016]	P: ???
74	[16:33, 7/10/2016]	A: qual ?
75	[16:34, 7/10/2016]	A: dar sua opiniao de uma maneira resumida ?
76	[16:34, 7/10/2016]	P: [fazer perguntas. Então, vou te fazendo algumas perguntas pra te ajudar a lapidar isso que escreveu. tá? Mas não se irrite!]
77	[16:35, 7/10/2016]	A: ta bom kkkkk
78		A: "o Brasil assim como os paises mais tecnologicos tem como vontade adptar-se a esses avanços." -> acho que esse trecho seria mais a tese
79	[16:35, 7/10/2016]	P: Então vamos lá
80	[16:35, 7/10/2016]	P: rs kkk
81	[16:35, 7/10/2016]	P: Por que PARA VC o Brasil quer adaptar-se a esses avanços?
82	[16:35, 7/10/2016]	P: Consegue me explicar um pouco o que está enxergando
83	[16:35, 7/10/2016]	P: ...
84	[16:37, 7/10/2016]	A: para poder se interar no mundo tecnologico, assim como os EUA e tambem para poder

		facilitar a comunicação e modernizar
85	[16:38, 7/10/2016]	P: Como assim?! Vc acha que todo mundo aqui no brasil quer isso? Tipo até o tiozinho lá da zona rural
86	[16:38, 7/10/2016]	P: do bairro do registro?!
87	[16:39, 7/10/2016]	P: rs
88	[16:40, 7/10/2016]	A: não acho que todos querem, ate pq nem todo mundo pensa igual e tem as mesmas opiniões, mas a classe mais alta quer ter esse acesso para nao "ficar por baixo" e a nova cultura do mundo atual é a tecnologia
89	[16:42, 7/10/2016]	A: a classe mais baixa muitas vezes nao quer por nao ter esse direito, ou melhor nao ter as condições necessárias para poder se inserir junto a essas modernidades
90	[16:43, 7/10/2016]	P: Nossa! Legal isso hein!
91	[16:43, 7/10/2016]	P: Então tá... nós demos a volta e te pergunto
92	[16:43, 7/10/2016]	P: [fazer perguntas. Então, vou te fazendo algumas perguntas pra te ajudar a lapidar isso que escreveu. tá? Mas não se irrite!
93	[16:43, 7/10/2016]	A: ok
94	[16:44, 7/10/2016]	P: o Brasil assim como os paises mais tecnologicos tem como vontade adptar-se a esses avanços
95	[16:44, 7/10/2016]	P: O que você quis dizer está aqui dentro desse trecho acima
96	16:46, 7/10/2016]	A: sim... mas o que te respondi nao esta com uma opiniao um pouco em cima do muro ?
97	[16:47, 7/10/2016]	A: acho que meu problema e esse... onsigo defender os dois lados, mas nao sei escolher um... somente na minha tese que eu coloco exatamente minha opinião so que nao explicita
98	[16:47, 7/10/2016]	P: Não não
99	[16:47, 7/10/2016]	P: Vc colocou de modo bem maduro
100	[16:47, 7/10/2016]	P: Sabe
101	[16:47, 7/10/2016]	P: Mas eu acho que no trecho que vc chamou de tese não tem essas coisas legais que disse
102	[16:47, 7/10/2016]	P: Vc quer tentar reescrever ou quer que eu faça pra ti
103	[16:47, 7/10/2016]	P: posso fazer pra vc ver...
104	[16:48, 7/10/2016]	A: acho melhor vc fazer eu poder ver pq ter uma opinião eu tenho
105	[16:48, 7/10/2016]	A: mas nao sei expor nos parágrafos
106	[16:49, 7/10/2016]	P: tá
107	[16:49, 7/10/2016]	P: pera i
108	[16:49, 7/10/2016]	P: relaxa com os parágrafos... a gente chega lá
109	[16:49, 7/10/2016]	A: ok
110	[16:49, 7/10/2016]	P: olha só o que vc precisa fazer é tentar colocar suas ideias legais pra cima
111	[16:49, 7/10/2016]	P: sabe como se o texto fosse a superfície da agua
112	[16:50, 7/10/2016]	P: sua cabeça, quer dizer, a cabeça da gente
113	[16:50, 7/10/2016]	P: é profunda
114	[16:50, 7/10/2016]	P: e quando a gente tenta colocar os pensamentos em palavras eles escorregam
115	[16:50, 7/10/2016]	P: hehe
116	[16:50, 7/10/2016]	A: siiim !!!
117	[16:56, 7/10/2016]	P: pera i
118	[16:56, 7/10/2016]	A: ok
119	[17:10, 7/10/2016]	P: Ai
120		203 kB
121	[17:10, 7/10/2016]	P: demorei
122	[17:10, 7/10/2016]	P: putz
123	[17:11, 7/10/2016]	P: tava fazendo um quadrinho pra vc
124	[17:11, 7/10/2016]	P: olha veja se curti
125	[17:11, 7/10/2016]	P: Desculpa
126	[17:13, 7/10/2016]	A: o Brasil é um pais com uma grande variedade de classes sociais. Com essas variedades a ideia de adaptar essa tecnologia para o Brasil é um problema, pois a opinião da população de cada classe é diferente e assim como em qualquer pais, a proposta de

		adaptar- se a essa tecnologia é necessaria.
127	[17:13, 7/10/2016]	A: fiz uma nova tese colocando as ideias das respostas
128	[17:14, 7/10/2016]	P: ok.
129	[17:14, 7/10/2016]	P: Vc leu as que eu mandei?!
130	[17:15, 7/10/2016]	P: Sabe uma coisa que notei aqui
131	[17:15, 7/10/2016]	P: vc precisa sempre da contextualização junto com a tese né?!
132	[17:15, 7/10/2016]	A: a tese 1 que voce fez professor é exatamente o que eu queriaa escrever resumidaamente
133	[17:15, 7/10/2016]	A: sim
134	[17:16, 7/10/2016]	P: Humm
135	[17:16, 7/10/2016]	P: Vamos fazendo juntos então...
136	[17:16, 7/10/2016]	P: Então.... Vamos tentar juntar tudo... fazer o primeiro parágrafo ENEM
137	[17:17, 7/10/2016]	P: ?!
138	[17:17, 7/10/2016]	A: sim
139	[17:21, 7/10/2016]	P: Então.
140	[17:21, 7/10/2016]	P: Junta aí pra gente acabar... calma que já tá acabando...rs
141	[17:22, 7/10/2016]	A: ok
142	[17:24, 7/10/2016]	P: O Brasil quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.
143	[17:25, 7/10/2016]	P: Pega esse aqui e vai
144	[17:28, 7/10/2016]	A: o primeiro paragrafo nao pode ter conexão com a tese ne ?
145	[17:33, 7/10/2016]	P: Então... vamos tentar fazer a introdução... ou vc já terminou de fazer?!
146	[17:34, 7/10/2016]	+55 12 99179-3315: vamos fazer a introdução
147	[17:36, 7/10/2016]	P: Tá
148	[17:36, 7/10/2016]	P: to no aguardo aqui
149	[17:36, 7/10/2016]	A: mas eu vou contextualizar essa tese ? ou ja vou fazer o 1 paragrafo
150	[17:36, 7/10/2016]	P: vc consegue?!
151	[17:37, 7/10/2016]	P: Contextualiza primeiro...
152	[17:37, 7/10/2016]	A: ta, vou tentar e ja te mando
153	[17:39, 7/10/2016]	P: ok
154	[17:41, 7/10/2016]	A: O Brasil quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio. Diferentemente de outros países o Brasil acaba ficando em desvantagem devido a falta de impostos altos e baixas qualidades de vida que acabam levando o predomínio de classes mais baixas e a falta de condição para adaptar-se a cultura tecnológica.
155	[17:41, 7/10/2016]	P: Ficou bom...
156	[17:42, 7/10/2016]	P: eu sugiro que inverta os trechos
157	[17:42, 7/10/2016]	P: coloque a contextualização primeiro
158	[17:42, 7/10/2016]	P: e depois a tese
159	[17:44, 7/10/2016]	A: assim ?
160	[17:44, 7/10/2016]	A: Devido a falta de impostos altos e baixas qualidades de vida que acabam levando o predomínio de classes mais baixas e a falta de condição para adaptar-se a cultura tecnológica, o Brasil acaba ficando em desvantagem, pois ele quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.
161	[17:44, 7/10/2016]	P: [Minha cara... terei que parar 5 minutinhos para 18h. Vou sair pra dar aula... tá?! A gente pode continuar depois né?!]
162	[17:44, 7/10/2016]	A: Devido a falta de impostos altos e baixas qualidades de vida que acabam levando o predomínio de classes mais baixas e a falta de condição para adaptar-se a cultura tecnológica, o Brasil acaba ficando em desvantagem, pois ele quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.
163	[17:45, 7/10/2016]	P: Isso mesmo!
164	[17:45, 7/10/2016]	A: sim, claro

165	[17:45, 7/10/2016]	P: Quer dizer
166	[17:45, 7/10/2016]	P: não
167	[17:45, 7/10/2016]	A: depois continuamos
168	[17:45, 7/10/2016]	P: rs kkk
169	[17:46, 7/10/2016]	P: Diferentemente de outros países o Brasil acaba ficando em desvantagem devido a falta de impostos altos e baixas qualidades de vida que acabam levando o predomínio de classes mais baixas e a falta de condição para adaptar-se a cultura tecnológica.O Brasil quer se adaptar à cultura tecnológica, porém devido a falta de condições das classes mais pobres isso ainda é um desafio.
170	[17:46, 7/10/2016]	A: o 2, ficou com mais cara de conclusao kkkkkkk
171	[17:46, 7/10/2016]	P: Assim
172	[17:46, 7/10/2016]	P: Olha
173	[17:46, 7/10/2016]	A: ah sim
174	[17:46, 7/10/2016]	P: hehe
175	[17:50, 7/10/2016]	P: Então... depois a gente se fala?!
176	[17:50, 7/10/2016]	P: Foi muito legal... eu gostei...
177	[17:50, 7/10/2016]	P: 
178	[18:40, 7/10/2016]	A: Eu também gostei muito !!! Depois a gente se fala
179	[18:40, 7/10/2016]	A: 

Anexo 5 – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A RE(D)AÇÃO ESCOLAR E O WHATSAPP

Pesquisador: leandro ataíde barbosa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 60677616.5.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.011.717

Apresentação do Projeto:

O tema do presente projeto de pesquisa é o acompanhamento de produção textual também pelo aplicativo “Whatsapp” junto a estudantes do Ensino Médio (EM), de uma escola privada em uma cidade do interior de São Paulo.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral é a análise de conversas trocadas entre alunos e professor pelo “Whatsapp” e a distinção entre as formas-sujeitos assumidas nos textos com a interferência por meio do aplicativo e sem ele.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atende as recomendações da Resolução 510/16.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tema da pesquisa relevante como subsídio à política pública na área de educação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atende as recomendações da Resolução 510/16.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.011.717

Recomendações:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté recomenda a entrega do relatório final ao término da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendida a solicitação do parecer anterior.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12 e na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_777751.pdf	10/04/2017 16:27:40		Aceito
Outros	Rafaela.pdf	10/04/2017 15:53:14	leandro ataíde barbosa	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	30/09/2016 19:33:14	leandro ataíde barbosa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pesquisador_Modelo.pdf	30/09/2016 19:33:00	leandro ataíde barbosa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	LOCAL.pdf	30/09/2016 19:29:17	leandro ataíde barbosa	Aceito
Cronograma	Cronograma_e_Plano.pdf	30/09/2016 18:26:08	leandro ataíde barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MODELO.pdf	23/09/2016 22:08:54	leandro ataíde barbosa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Whatsapp_e_redacao.pdf	22/08/2016 17:05:37	leandro ataíde barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Maria_Fernanda_Calil.pdf	22/08/2016 17:03:56	leandro ataíde barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Mariana_Bittencourt.pdf	22/08/2016 17:03:41	leandro ataíde barbosa	Aceito

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.011.717

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Mateus_Garcia.pdf	22/08/2016 17:03:26	leandro ataíde barbosa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Diretora_Objetivo_ANA.pdf	22/08/2016 17:03:10	leandro ataíde barbosa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 11 de Abril de 2017

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador)